

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA BAIANO
CAMPUS CATU
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA**

EDMONE CAMPOS DE EÇA

**“TUDO ISSO MUDOU MINHA MANEIRA DE VER AS PLANTAS MEDICINAIS”:
EXTENSÃO COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO A PARTIR DO CURSO TÉCNICO EM
SAÚDE BUCAL E RAIZEIRAS DE IPIAÚ/BA**

CATU/2023

EDMONE CAMPOS DE EÇA

**“TUDO ISSO MUDOU MINHA MANEIRA DE VER AS PLANTAS MEDICINAIS”:
EXTENSÃO COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO A PARTIR DO CURSO TÉCNICO EM
SAÚDE BUCAL E RAIZEIRAS DE IPIAÚ/BA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo *campus* Catu do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano para obtenção do título de Mestra.

Orientador: Prof^o Dr^o Davi Silva da Costa

Orientadora do coração: Prof^a Dr^a Maria Nazaré Guimarães Marchi

CATU/2023

FICHA CATALOGRÁFICA

E17 Eça, Edmone Campos de

“Tudo isso mudou minha maneira de ver as plantas medicinais”: extensão como princípio educativo a partir do curso técnico em saúde bucal e raizeiras de Ipiaú/BA / Edmone Campos de Eça; orientador Prof. Dr. Davi Silva da Costa -- Catu : IF Baiano, 2023.

116 p.

Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica) -- Instituto Federal Baiano, 2023.

1. Educação Profissional e Tecnológica. 2. Plantas medicinais. I. Costa, Davi Silva da, orient. II. TÍTULO.

377: 633.88 CDU

Dedicar algo a alguém é reconhecer sua importância em determinada situação, nesse caso em específico, tenho muitas pessoas para lembrar. Dedico esse trabalho aos que confiaram em mim e acreditaram que seria possível, aos que me encorajaram e seguraram minha mão, me dando força e muitas vezes sabedoria para seguir. Sou honrada por ser rodeada de pessoas tão especiais a quem confio e compartilho meus dias, e por isso não posso deixar de lembrar algumas pessoas que estiveram diretamente ligadas à minha trajetória no mestrado. Com alegria, dedico a conclusão de mais uma etapa da minha vida aos meus pais, minhas filhas, meu esposo, às minhas “Best Friends”, colegas do mestrado, orientadores e ao programa por permitir esse encontro maravilhoso.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, a quem confio minhas orações e a quem peço socorro em silêncio, responsável pelo meu equilíbrio emocional e por tudo que tenho e sou.

Agradeço aos meus pais que acreditam em mim todos os dias, mesmo quando não estou segura e não me sinto preparada, eles sempre com uma palavra que se transforma em confiança. As minhas filhas, que me encorajam todos os dias mesmo sem saber, são o melhor combustível e meu maior incentivo. Ele, meu companheiro de vida, quem abraça todas as minhas loucuras e segue confiando que vai dá tudo certo, meu esposo, parte presente em todo o processo; as minhas irmãs de sangue pelo carinho, a minha amiga Talita por me socorrer todas às vezes que pedi ajuda e as minhas melhores: Yanna, Uilma, Marcelle e Juliana que estão sempre presentes em todos os momentos desde a infância e me lembrando que tudo dará certo e estão ali na minha torcida.

Agradeço à minha orientadora do coração Nazaré pela linda caminhada e por trazer a sua calma quando eu estava em alta voltagem, aos docentes do programa pela contribuição e claro, a minha turma 2021 do ProfEPT, cada um com suas particularidades e características, mas pude perceber a bondade, receptividade, cuidado e vontade em ajudar sempre. Obrigada por me receberem tão bem e por me ajudarem a continuar, já que muitas vezes me peguei pensando que não daria certo. Meu muito obrigada a todos e principalmente (Antônio, Xande e Adriano), minha equipe da “Panelinha” e Monick. Ficaria aqui com o coração cheio de gratidão fazendo a chamada de todos: Vivi, Jujú, Guga, Lari, Luciene, Mi... Vocês não fazem ideia de como foram fundamentais nessa minha trajetória e Eli (em memória) obrigada por permitir um encontro pessoalmente antes de sua partida, e em especial ao meu orientador Davi que supera todas as nossas expectativas, que dá conta de um mundo de coisas, e o melhor, com excelência. Graças a você e esse jeito acolhedor, estou aqui hoje escrevendo essa dedicatória. É tão bom admirar alguém e esse alguém superar.

RESUMO

O estudo das plantas medicinais é considerado relevante, pela sua importância no controle e combate de doenças, uma vez que há inúmeras folhas, raízes, frutos, sementes e estruturas de plantas aplicadas diariamente para cura e terapia de enfermidades. O conhecimento popular proporciona a construção de valores e saberes significativos e podem contribuir para a formação dos(as) alunos(as) de cursos técnicos do eixo da saúde da Educação Profissional e Tecnológica. Há uma necessidade emergente em entrelaçar os saberes tradicionais aos conhecimentos científicos, uma vez que a construção dos saberes se solidifica no diálogo com as demais formas de conhecimento. Para a construção do conhecimento proposto, tornou-se necessária a complementação dada pela metodologia fenomenológica, no sentido em que permite a elucidação da fenomenologia e traduz conceitos que valorizam o processo, o contexto e a compreensão. O estudo foi realizado no Município de Ipiaú, localizado no Sul da Bahia, com a participação de cinco alunos(as) selecionados(as) do curso Técnico de Saúde Bucal, ofertado pelo Complexo Integrado de Educação de Ipiaú – CIEI, da Rede Estadual de Ensino, e mais 3 raizeiras da Fazenda do Povo, comunidade rural de Ipiaú. A pesquisa foi realizada em 4 etapas: 1) Reunião ampliada com os (as) alunos (as) e pesquisadora para alinhamento da visita à comunidade; 2) Visita as 3 raizeiras na comunidade com alunos(as) e pesquisadora, para vivência sobre as plantas e formas de utilização no tratamento de doenças, o momento foi gravado com posterior transcrição; 3) Roda de conversa (alunos e pesquisadora) para troca de achados da vivência na comunidade a partir do diário de bordo construído baseado nas suas percepções acerca das falas das raizeiras e sistematização do que foi coletado; 4) Reunião final: busca na literatura das espécies de plantas mencionadas. Para a análise de dados foi feita a sistematização da visita guiada e também as informações contidas na transcrição da oralidade com as raizeiras, e a partir desta perspectiva foi feita a redução eidética, e a partir dessa redução eidética é que gerou o encontro com o fenômeno e como ele aparece nestas transmissões. É importante priorizar a extensão como princípio educativo ao itinerário formativo, articulando a produção de conhecimento. E por fim, a criação do produto educacional, o Padlet é uma ferramenta interativa que foi elaborada a partir de todo o processo: visita na comunidade, redução eidética e roda de conversa. A validação do produto foi feita com uma professora e os alunos que participaram do momento. E a partir desse olhar observou-se que o conhecimento popular proporcionou saberes significativos para os sujeitos da sua comunidade e contribuiu para a formação desses (as) alunos (as), e ainda, há a necessidade de direcionar novas pesquisas a partir da temática proposta para que a cultura popular siga como parte indissociável. A pesquisa objetivou interpretar as relações possíveis entre os saberes etnobotânicos dos (as) idosos (as) da Fazenda do Povo e alunos (as) do curso Técnico em Saúde Bucal do Complexo Integrado de Educação de Ipiaú-CIEI.

Palavras-chave: Plantas Mediciniais; Educação Profissionalizante; Medicina Tradicional.

ABSTRACT

The study of medicinal plants is considered relevant, due to their importance in controlling and combating diseases, since there are countless leaves, roots, fruits, seeds and plant structures applied daily to cure and treat illnesses. Popular knowledge provides the construction of significant values and knowledge and can contribute to the training of students on technical courses in the health axis of Professional and Technological Education. There is an emerging need to intertwine traditional knowledge with scientific knowledge, since the construction of knowledge is solidified in dialogue with other forms of knowledge. To construct the proposed knowledge, the complement provided by the phenomenological methodology became necessary, in the sense that it allows the elucidation of phenomenology and translates concepts that value the process, context and understanding. The study was carried out in the Municipality of Ipiaú, located in the South of Bahia, with the participation of five students selected from the Oral Health Technician course, offered by the Ipiaú Integrated Education Complex – CIEI, of the State Network of Teaching, and 3 more roots from People's Farm, rural community of Ipiaú. The research was carried out in 4 stages: 1) Expanded meeting with students and researcher to align the visit to the community; 2) Visit the 3 roots in the community with students and a researcher, to learn about the plants and ways of using them to treat diseases, the moment was recorded with subsequent transcription; 3) Conversation circle (students and researcher) to exchange findings from their experience in the community based on the logbook created based on their perceptions about the speeches of the rooters and systematization of what was collected; 4) Final meeting: search in the literature for the plant species mentioned. For data analysis, the guided tour was systematized and also the information contained in the transcription of oral speech with the rooters, and from this perspective the eidetic reduction was made, and it was from this eidetic reduction that generated the encounter with the phenomenon and how he appears in these broadcasts. It is important to prioritize extension as an educational principle in the training itinerary, articulating the production of knowledge. And finally, the creation of the educational product, Padlet, is an interactive tool that was created based on the entire process: community visit, eidetic reduction and conversation circle. The validation of the product was carried out with a teacher and the students who participated in the moment. And from this perspective, it was observed that popular knowledge provided significant knowledge for the subjects of their community and contributed to the training of these students, and furthermore, there is a need to direct new research based on the proposed theme. so that popular culture remains an inseparable part. The research aimed to interpret the possible relationships between the ethnobotanical knowledge of the elderly at People's Farm and students of the Oral Health Technician course at the Integrated Educacion Complex of Ipiaú-CIEI.

Keywords: Medicinal Plants; Vocational Education; Traditional Medicine.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1_ Panorâmica do Município de Ipiaú/BA.....	40
Imagem 2_ Aula inaugural com todos os cursos técnicos.....	40
Imagem 3_ Antigo Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães- atual CIEI.....	41
Imagem 4_ Apresentação do Projeto na turma do Curso Técnico de Saúde Bucal.....	44
Imagem 5_ Roda de conversa para alinhamento da visita.....	44
Imagem 6_ Mapa apresenta o deslocamento entre CIEI até a Fazenda do Povo. ..	47
Imagem 7_ Entrada do povoado da Fazenda do Povo.	51
Imagem 8_ Momento com a raizeira Rosa.....	53
Imagem 9- Momento com a primeira raizeira.....	54
Imagem 10- Caldeirão de 20 litros no fogo à lenha.....	54
Imagem 11- Momento com a segunda raizeira	55
Imagem 12- Caldeirão de lambedor no fogo à lenha.....	56
Imagem 13- Momento com a terceira raizeira	56
Imagem 14-Roda de Conversa após análise dos dados.....	65
Imagem 15- Momento de Redução Eidética	76
Imagem 16- Momento de Redução Eidética	76
Imagem 17- Página inicial do Padlet.....	79
Imagem 18- Página do Padlet.....	79
Imagem 19- Página do Padlet.....	80

LISTA DE FIGURAS

Figura 1-Dilemas entre o trabalho e a educação na contemporaneidade: a perspectiva infantil.....	14
Figura 2- Histórico dos marcos legais concernentes às plantas medicinais.....	20
Figura 3-Práticas Integrativas e Complementares no Brasil.....	21
Figura 4- Etapas para o desenvolvimento da pesquisa:.....	33
Figura 5-Esquemática do processo de redução eidética.....	36
Figura 6- Importância da roda de conversa.....	64
Figura 7- Assimilações possíveis a partir da extensão como princípio educativo. ...	70
Figura 8- Fases de elaboração do Produto Educacional - Padlet	76

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Identificação dos estudantes escolhidos.....	35
Quadro 2- Nomes das plantas medicinais e suas aplicabilidades apresentadas pelas raizeiras.....	58
Quadro 3 - Questionário.....	81

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

BC - Base Comum

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

CETEP – Centro Territorial de Educação Profissional

CIEI – Complexo Integrado de Educação de Ipiaú

COVID – Corona Vírus

EPI – Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio

EPT – Educação Profissional e Tecnológica

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL – Educação Profissional e Tecnológica

FP – Formação Profissional

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFBaiano – Instituto Federal Baiano

KM – Quilômetros

Nº - Número

OMS – Organização Mundial de Saúde

PDF – Portable Document Format (Formato de Documento Portátil)

PIC - Práticas Integrativas e Complementares

PST – Prestação de Serviço Temporário

QR Code – Quick Response (Código de Resposta rápida)

SUS – Sistema Único de Saúde

TALE – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

TCC- Trabalho de Conclusão de Curso

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TSB – Técnico de Saúde Bucal

UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

USF – Unidade de Saúde da Família

SUMÁRIO

1. MEMORIAL: SOBRE CAMINHADAS, PERCURSOS E JORNADAS	12
2. ASPECTOS INICIAIS: NOTAS PREDICATIVAS PARA A PESQUISA	18
3. OS CAMINHOS (DES)ENRAIZADOS DA PESQUISA.....	32
3.1 Caracterização da Pesquisa: sobre percursos e incursos.....	37
3.2. Procedimento e coleta de dados: reconhecimento de campo e visitas com os(as) alunos(as).....	43
3.3. Roda de conversa a partir do vivido: aprofundamentos necessários.....	60
4. EXTENSÃO COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO: TENSÕES E ASSIMILAÇÕES POSSÍVEIS	67
ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES E PONDERAÇÕES.....	84
POSFÁCIO.....	86
REFERÊNCIAS	88
APÊNDICE.....	93
APÊNDICE A - Questionário para validação do produto	93
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE.....	95
APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE.....	98
APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – RESPONSÁVEIS.....	101
APÊNDICE E - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TALE.....	105
APÊNDICE F – ORÇAMENTO	108
APÊNDICE G – DECLARAÇÃO DE COLETA DE DADOS.....	109
APÊNDICE H – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE E SIGILO.....	110
APÊNDICE I – TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR.....	111
APÊNDICE J – TERMOS DE NÃO COOPERAÇÕES ESTRANGEIRAS	112
APÊNDICE K – DECLARAÇÃO DE OBSERVÂNCIA DE NORMAS.....	113

1. MEMORIAL: SOBRE CAMINHADAS, PERCURSOS E JORNADAS

As oportunidades em trazer, por meio de rabiscos, minha trajetória acadêmica permitiram-me reflexões sobre cada etapa da minha formação e, sobretudo, das questões que me fizeram construir conexões, as quais me conduziram ao atual objeto de estudo. Hoje, em plena maturidade, este memorial busca identificar e refletir o meu percurso profissional, e para tanto, saliento que, no transcurso da escrita, as situações que penso são mais significativas e pertinentes. Vale ressaltar que experiências experimentadas foram examinadas levando em consideração esse momento, com uma visão e compreensão da vida atual, o que construiu outros significados. Quem escreve esse texto agora é alguém que passou por mais um processo formativo de imersão nas questões que envolvem as relações entre saúde e educação.

Na minha lembrança, o passado vira presente e se infecta pelo aqui e agora. Trago aqui a minha paixão pela docência, a riqueza trazida pelas trocas de experiências. Tornou-se possível acreditar que essa contribuição irá ajudar/transformar outras pessoas, enquanto minha vida também foi transformada. Essa pesquisa atravessou meu olhar, minha prática e minha inserção nos mundos da vida e do trabalho. Esse perfil crítico, que agora se mostra, foi desenhado aos onze anos, quando meu pai montou uma escola para mim. Ele pensou em um ambiente para eu brincar com quadro negro e cadeiras e mesas para escrever. O que ele não sabia era que dentro de mim era tudo muito real e que eu levava a sério ensinar crianças que moravam na rua. Foi algo tão importante que mais duas amigas tiveram que ir me ajudar na escolinha. A demanda era maior do que eu, naquela idade, poderia dar conta. No ensino médio, quando escolhi a formação do Magistério, ali me deparei com as melhores sensações, dentre elas o medo fazia parte e eu me considerava uma menina jovem, inexperiente e sonhadora. Mas aquele misto de emoções vislumbrava algo possível e realizável.

E agora? Perguntei sobre o que deveria fazer. Aquela formação me licenciava para dar aulas, mas o momento exigia algo mais. Fazer um curso de nível superior era um sonho, mas com a base trazida do Ensino Médio¹ me deixara insegura para concorrer com alunos/as de escolas particulares (considerados/as mais bem

¹ Ainda denominávamos de Segundo Grau.

preparados/as), já que uma aluna oriunda da escola pública não teria sido preparada para o temido vestibular. E assim, aos dezenove anos, ganhei estrada rumo à cidade maravilhosa. O Rio de Janeiro seria o local que transformaria as minhas angústias em oportunidades. Lá fiz meu primeiro vestibular e fui aprovada para Fonoaudiologia em uma instituição privada. Após três semestres, percebi que não era aquilo que gostaria de exercer como profissão. Assim, fiz outro vestibular para Pedagogia e ali me encontrara. Por questões pessoais, já no 5º semestre, a volta para a minha cidade natal. Ipiaú foi inevitável. A transferência externa não foi possível devido à ementa curricular da Faculdade de origem não coincidir com a ementa da Faculdade de destino, havendo necessidade de um novo vestibular. Assim, fiquei perdida sem uma direção.

Meses depois, ao conseguir um contrato (chamado Prestação de Serviço Temporário - PST), numa escola estadual, no Ensino Fundamental II. Pude perceber a fragilidade da educação pública agora numa visão de professora e não mais de aluna. Percebi que precisava fazer a diferença, necessitava mudar aquela realidade de “alunos/as desinteressados/as” e “professores/as desestimulados/as”. Elaborei um projeto de inserção dos/as alunos/as compreendidos/as como “descompromissados/as e rebeldes”, aproveitando e estimulando suas habilidades e assim consegui mudar no decorrer dos dois anos a realidade de algumas dessas pessoas. Neste projeto surgiram habilidades para serem artistas plásticos, dançarinos, atores, professores de instrumentos musicais (violão), dentre outros. Eles/as receberam como responsabilidade a coordenação dos grupos formados a partir de seus potenciais. O projeto incluía alunos/as de toda a escola, em que cada um/a deveria se inscrever em uma das áreas de cada coordenador/a, conforme suas preferências. Ao final do ano, todos os grupos apresentavam o resultado do trabalho feito durante todo o período letivo, com uma feira cultural, envolvendo apresentações, exposições. Esse projeto mudou o perfil de muitos/as alunos considerados/as “perdidos/as²” que assumiram novas posturas na escola.

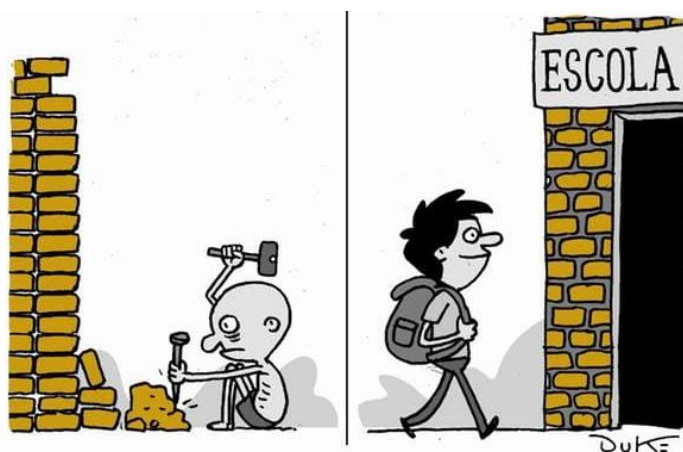
Fiz uma transferência para o curso de Pedagogia e consegui seguir no 4º semestre e validar algumas disciplinas, e assim cursei até o 7º semestre, até tomar a decisão em trancar e voltar para o Rio de Janeiro. Muitos projetos eram desenhados abstratamente, e a angústia em não os colocar em prática me deixava inquieta.

² Essa era a expressão utilizada por professores e professoras naquele momento.

Agora não era só a vontade de ensinar que a mim angustiava, mas a estabilidade financeira seria o “bicho-papão”. A odontologia seria outro sonho, mas distante de minha realidade, até o resultado do vestibular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB sair e meu nome estar lá na lista de aprovados. A partir daí, novos projetos apareceram, novas expectativas e novo rumo eu tomara. Lembro-me do primeiro seminário no 1º semestre, fui a sorteada para apresentar, e ao final a professora de biologia disse: “você nasceu para ensinar”. Diante da euforia de ter passado naquele curso, esqueci que eu tinha sonhos adormecidos, e ali eu sabia que, independente da profissão, a licenciatura seria meu destino. Durante a graduação, tive o privilégio de ser monitora de disciplinas de Saúde Coletiva, participei de projeto de extensão (Odontoidoso Mão Amiga), apresentei muitos trabalhos em congressos.

E do primeiro até o último semestre eu sabia que queria fazer o Mestrado, mas fui consumida pelo mercado de trabalho. Não conseguiria estudar e trabalhar ao mesmo tempo. Trabalhar já seria uma obrigação para ajudar nas despesas em casa e conquistar bens necessários. Era como a Figura 1 representa bem.

Figura 1-Dilemas entre o trabalho e a educação na contemporaneidade: a perspectiva infantil.



Fonte: <https://www.otempo.com.br/super-noticia/charges/charge-o-tempo-10-07-2019-1.2207296/charges-7.5949177?page=3>

A Figura 1 representa os milhares de crianças que não estão na escola, mas ocupam o tempo no trabalho explorador e inconciliável com a escola. No meu caso, já na idade adulta, o trabalho (aquele que paga as contas) também se apresentava inconciliável com a carreira acadêmica. Dadas as devidas diferenças, é notório refletir

que a classe-que-vive-do-trabalho³ dificilmente consegue priorizar a educação. A preocupação central é a sobrevivência. Aceitar que para ser Mestranda tem que parar de trabalhar era um questionamento diário para mim. Após cinco anos de formada, tentei meu primeiro processo seletivo para o mestrado, e fui até a quarta fase, quando desbravei meu projeto de pesquisa para as perguntas da entrevista, e fui surpreendida com: “casada?”, “tem filhos?”, “trabalha?”. Eu me perguntava em qual parte do mestrado essas informações seriam aplicadas, e ter a certeza de que o lugar que era para formar pessoas e valores praticava explicitamente preconceito por mulheres que constituíam famílias e estavam ativas no mercado de trabalho. Ali foi outro momento de acreditar que cursar um mestrado nunca seria possível.

Tive o prazer de trabalhar numa zona rural pelo Sistema Único de Saúde (SUS) no período de dois anos e ali comecei a realizar-me na profissão, por estar mais perto da comunidade e das pessoas que mais precisavam dos meus serviços. Sem perceber, eu fui fazendo de minha prática clínica a sala de aula. Para aprimorar conhecimentos, fui para as especializações (Gestão em Saúde e Ortodontia) onde caberia em minha rotina e necessidade profissional. Fui arquitetando meus projetos (montei um consultório odontológico) e direcionando para voltar à sala de aula. O consultório odontológico é o destino do cirurgião dentista, mas não é o único local de realização pessoal (no meu caso), e após o processo seletivo para a docência em uma instituição privada, consegui unir dois sonhos: a odontologia e a docência.

Estou professora do curso de odontologia, onde me realizo e onde me encontro. Essa foi a primeira oportunidade efetivamente falando, como professora, após a graduação. Alterno meus dias entre a prática do consultório e a docência. A experiência como dentista nas comunidades rurais através do SUS foi onde me senti melhor como pessoa e profissional; onde percebi que minha prática era de fato efetiva; onde pude acompanhar a necessidade e carência da população e poder colaborar nas soluções. Assim, me veio a vontade de fazer algo que contemplasse aquela

³ Para Ricardo Antunes, a classe-que-vive-do-trabalho diz respeito à totalidade de homens e mulheres, produtivos e improdutivos, desprovidos de meios de produção, que são constrangidos a vender sua força de trabalho no campo e na cidade em troca de salário; ou seja: o proletariado industrial e rural, os trabalhadores terceirizados, subcontratados, temporários, os assalariados do setor de serviços, os trabalhadores de telemarketing e call centers, além dos desempregados. O autor ressalta que o proletariado industrial é o seu núcleo principal, porque produz diretamente mais-valia. No entanto, estão excluídos gestores do capital e os que vivem de juros e da especulação, os pequenos empresários e a pequena burguesia urbana e rural proprietária, ainda que possam se constituir importantes aliados da classe trabalhadora no campo político.

população distante dos centros mercadológicos e de uma assistência em saúde de qualidade. Com isso, foi despertando em mim a vontade de fazer algo que pudesse atender às necessidades das pessoas, levando em consideração sua realidade e recursos disponíveis. Foi a partir daí que nasceu a ideia de associar as plantas medicinais na minha pesquisa e a escolha pelo local de estudo, o meu município de nascimento e uma comunidade rural em que atuei como dentista.

No final de 2020, eu fiz o processo seletivo para o Programa de Pós-graduação Acadêmica em Ciências da Saúde (PPGCS), da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), e em março de 2021 saiu o resultado do mestrado, em que fui aprovada. A partir dali, o sonho reascendeu e percebi que era possível fazer o mestrado. Fiquei ansiosa e, ao mesmo tempo, muito feliz por passar em todas as etapas e adquirir lugar na relação dos aprovados. Mas, mesmo assim, eu aguardava o resultado do mestrado do ProfEPT, um mestrado profissional longe da minha prática profissional e, ao mesmo tempo, tão próximo, e em abril de 2021 saiu o resultado e meu nome estava entre os aprovados. A partir daí, uma confusão acontecia em minha cabeça, precisava escolher um dos dois mestrados. Muito difícil fazer essa escolha, pensava que, dentro da minha área, o mestrado da UESC se enquadraria melhor.

Ao mesmo tempo, a carga horária e a disponibilidade exigida pelo programa não seriam possíveis. Devido ao momento pandêmico, as aulas inicialmente foram ofertadas de forma remota, o que facilitou e permitiu-me acreditar na possibilidade de cursar. Em contrapartida, o Mestrado Profissional, com encontros quinzenais e sem exigências de disponibilidade de 40 horas, seria o ideal no momento. Mas a dúvida e incertezas persistiam, e assim fiz a matrícula no PPGCS e no ProfEPT. Fui cursando acreditando que com brevidade teria que fazer uma escolha, e assim fui me envolvendo inteiramente em ambos, fazendo vínculos e amizades.

E quanto mais os dias passavam, mais envolvida estava e com vontade de ficar nos dois. Mas sempre vinha alguém me perguntar: “e você vai da conta?”. Eu sempre acreditei que tudo daria certo no final, mas às vezes me fazia a mesma pergunta. Com a pandemia, as aulas foram oferecidas de forma remota e contribuiu muito para conciliar sem chocar os horários das disciplinas. O tempo passou e decidi seguir, as coisas iam se encaixando como um “quebra-cabeça” e tudo fluindo e conspirando a favor e tudo foi dando certo.

No projeto da UESC também associei as plantas medicinais e a prática odontológica e as coletas de biofilme coletadas nos pacientes odontológicos da Unidade de Saúde da Família da Fazenda do Povo. No dia 8 de março de 2023, defendi minha dissertação e me tornei mestra. Já publiquei meu artigo e já estou diplomada. Agora sigo para concluir o Mestrado Profissional pelo ProfEPT, e cheia gratidão por não desistir, por criar vínculos maravilhosos e por cruzar com pessoas tão singulares e que fizeram essa caminhada se tornar única e especial.

Objetivo Geral: Interpretar as relações possíveis entre os saberes etnobotânicos dos (as) idosos (as) da Fazenda do Povo e alunos (as) do curso Técnico em Saúde Bucal do Complexo Integrado de Educação de Ipiaú (CIEI).

Objetivos Específicos:

- 1) Refletir a partir do diálogo entre idosos (as) e jovens sobre os saberes e conhecimentos acerca das plantas medicinais utilizadas na saúde bucal e sua contribuição para a formação profissional do curso Técnico em Saúde Bucal;
- 2) Conhecer e catalogar as variadas formas de utilização das plantas medicinais na prevenção e tratamento de doenças na cavidade oral;
- 3) Divulgar os saberes etnobotânicos voltados para a saúde bucal por meio de uma plataforma digital.

Justificativa:

Há uma escassez sobre os saberes populares acerca das plantas medicinais entre os mais jovens, o que torna necessário uma mobilização no que diz respeito às ações que explore de forma positiva a temática no âmbito da Saúde Profissional e conseqüentemente consiga ser trabalhada na instituição de forma interdisciplinar.

2. ASPECTOS INICIAIS: NOTAS PREDICATIVAS PARA A PESQUISA

O estudo das plantas medicinais⁴ é algo que consideramos relevante. Os aspectos centrais de sua importância se direcionam ao controle e combate de doenças, e, ao mesmo tempo, valorizam saberes e fazeres que ultrapassem gerações, que são experimentados e repassados pela oralidade e construídos na dinâmica do (re)conhecimento da natureza como parte da existência. Vale ressaltar que dispomos de uma biodiversidade ampla que pode ser usada para esse fim. Localmente, as potencialidades das plantas são construídas a partir da sensibilidade, da aprendizagem e da observação constante e histórica da natureza ao redor.

São inúmeras folhas, raízes, frutos, flores, cascas de caule e sementes de plantas aplicadas diariamente para a cura e a terapia de enfermidades (mas também a profilaxia), o que corrobora para diversas possibilidades de pesquisas intencionadas com a troca horizontal entre saberes populares e a produção de fármacos, por exemplo. Convencionalmente as plantas medicinais são acessadas em espaços onde ela é percebida como potente para as pessoas que utilizam cotidianamente, possui disponibilidade gratuita na própria natureza e pode estar auxiliando no controle e tratamento de doenças que são percebidas e curadas a partir dessa experiência construída, sobretudo pela oralidade (Gadelha, *et al.*, 2013).

De modo geral, neandertal decorria essencialmente da natureza para a sua sobrevivência e utilizou-se de forma substancial as plantas para curar-se (Almeida, 2011). Desde as antigas civilizações, a exemplo dos egípcios antigos, assírios e hebreus, cultivavam e criavam classes medicamentosas com variadas ervas, na época considerada como fundamental para sobrevivência e cura de enfermidades dos povos. Essas habilidades estavam relacionadas aos saberes que foram desenvolvidos pela observação (comportamento dos animais) e experimentação entre os povos (Hoffmann; Anjos, 2018).

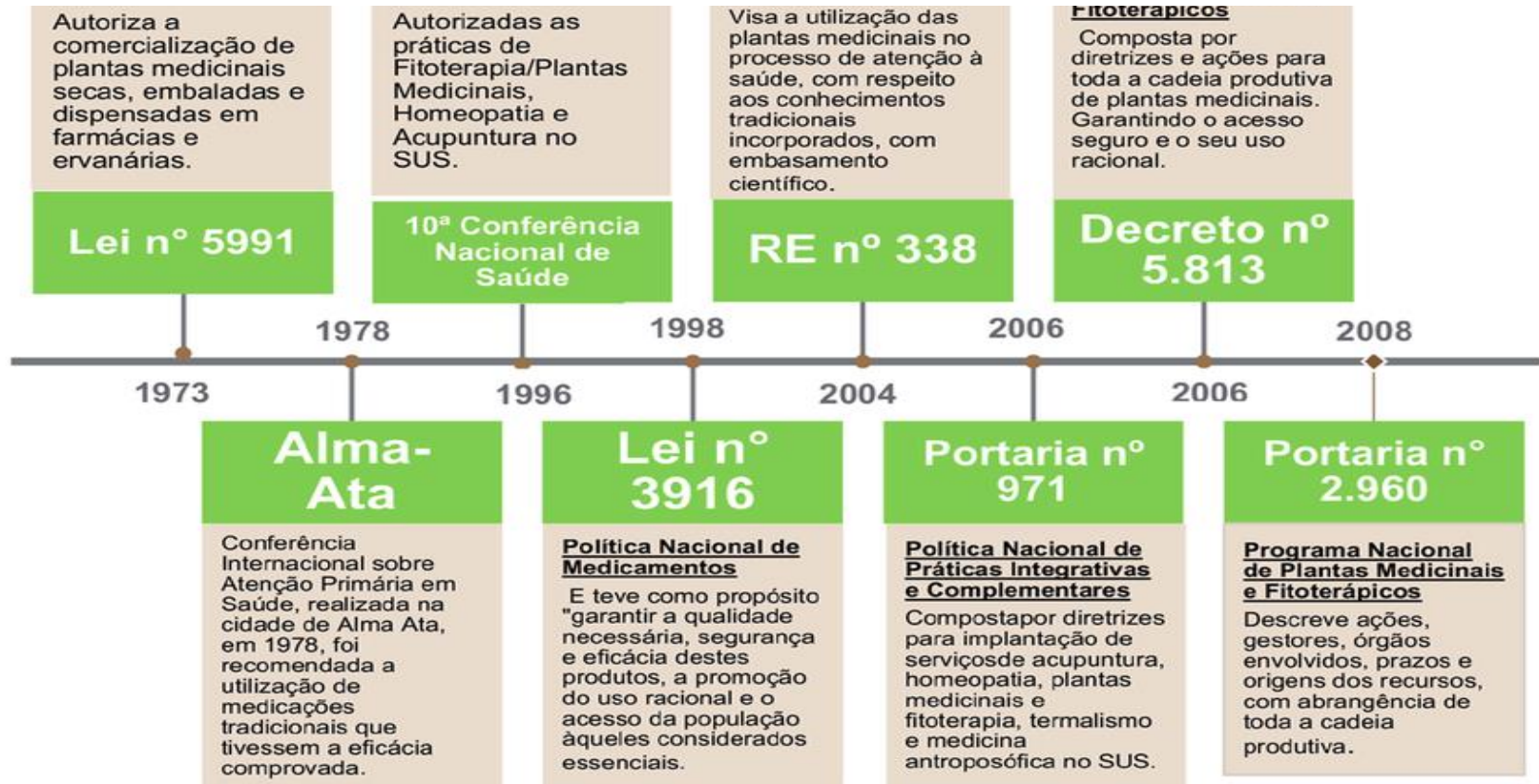
⁴ A Resolução no 26/14 da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) define planta medicinal como o vegetal que possui finalidades terapêuticas, pois as substâncias presentes em sua matéria-prima agem em conjunto para promover a finalidade medicinal, sendo esse conjunto denominado fitocomplexo. O fitoterápico é a utilização do fitocomplexo em sua forma natural, utilizando-se a planta ou seus derivados, pois, quando se envolve o isolamento de apenas uma ou poucas substâncias com um objetivo específico, já pode ser considerado um fitofármaco.

No Brasil, a história da inserção das plantas no tratamento de doenças exerce influência destacada desde o processo de formação cultural com a vinda dos povos africanos, europeus e somada com os povos indígenas que aqui habitavam e habitam (Almeida, 2011). Com o transcorrer dos anos, estas práticas são reconstruídas por diversas gerações, sendo consideradas parte das práticas integrativas que mais se destacam nos últimos tempos, consequência da integração entre o popular e amplitude de pesquisas científicas relacionadas à química e farmacologia das plantas (Santana, et al., 2018). As plantas medicinais são presentes no hábito e no imaginário das pessoas.

Na Figura 2, a seguir, é possível identificar alguns dos marcos históricos em que as plantas medicinais se tornaram pauta. Nas duas últimas décadas e seguindo tendências mundiais, o Brasil voltou a valorizar sua flora como fonte inestimável de novas moléculas com atividade biológica e medicamentos fitoterápicos. Atualmente, as plantas medicinais e os fitoterápicos não são mais considerados apenas terapia alternativa, mas uma forma sistêmica e racional de compreender e abordar os fenômenos envolvidos nas questões da saúde e da qualidade de vida.

Importa refletir que a formação profissional voltada para as plantas medicinais é escassa. Podemos citar a Associação Brasileira de Fitoterapia – ABFIT, fundada em 1998, que se trata de uma associação civil, sem fins lucrativos, de caráter técnico – científico, constituído por pessoas físicas e jurídicas, dedicado ao desenvolvimento tecnológico e científico de processos e procedimentos relacionados com o aproveitamento das plantas medicinais, com conservação da biodiversidade brasileira e preservação das culturas tradicionais dos povos nativos, com sede e foro na cidade do Rio de Janeiro. Nesta Associação é possível encontrar cursos e eventos sobre a temática. No que foi possível pesquisar, na Bahia há o Núcleo Estadual de Plantas Medicinais e Fitoterápicos – Núcleo FITOBAHIA, com informações imprecisas na internet. Tal contexto apresenta a potencialidade formativa para a temática e as dificuldades enfrentadas em posicionar a formação profissional no âmbito formal atrelado às plantas medicinais. A inserção da temática deve ser estimulada, uma vez que está regulamentada, o que permite uma maior segurança na sua prescrição e indicação, e pode ser observado (Figura 2) o processo de regulamentação concernente às plantas medicinais.

Figura 2- Histórico dos marcos legais concernentes às plantas medicinais.



Fonte: Elaboração própria, 2024.

Fonte: Elaboração própria, 2024

Santos (2011) revela que o Brasil se destaca como o país em desenvolvimento que oferece maior diversificação de produtos naturais com ações fitoterápicas do mundo, encontrando na Amazônia a maior reserva florestal. O uso de plantas de forma terapêutica está, hoje, difundido tanto nas populações de diversas regiões do país como nas integradas ao Sistema Único de Saúde (SUS). Muitos grupos populacionais habitam regiões de mata, e muitas vezes com dificuldade de acesso ao sistema de saúde, utilizam com maior frequência plantas com finalidade preventiva e curativa (Santos, 2011).

No contexto histórico da saúde no Brasil, o uso das plantas medicinais foi regulamentado (como visto na Figura 2) e hoje faz parte das Práticas Integrativas e Complementares (PIC), como apresentado na Figura 3, a seguir. Medidas tomadas para intensificar a implementação e institucionalização do uso da fitoterapia no SUS, incluem portarias, decretos, resoluções, programas e elaboração de políticas que asseguram o uso de plantas medicinais que permitam o acesso da população a essas terapêuticas (Brasil, 2006).

Figura 3-Práticas Integrativas e Complementares no Brasil



Fonte:Elaboração da autora, 2023.

Observe na Figura 3 acima que a grande maioria das práticas descritas nas PIC possui um olhar marginalizado, questionado cientificamente, fora do *mainstream*

das estratégias terapêuticas conhecidas e acessadas pela maioria da população e com tradições orientais e/ou ancestrais.

Além disso, o uso de plantas como terapia medicamentosa se torna indispensável não apenas por esplanecer o patrimônio cultural, mas também por acalorar nas pessoas o aproveitamento dos recursos naturais terapêuticos e conservar a biodiversidade pelo seu cultivo. Essa prática tem grande relevância para a humanidade e vem crescendo de forma gradual, e por isso o espaço escolar pode incluir esta temática no itinerário formativo dos (as) alunos (as) possibilitando diálogos que relacionam as vivências cotidianas e domésticas dos(as) alunos(as) e construir um olhar complexo no que tange as construções científicas sobre o tema. Essa abordagem favorece uma relação estreita entre a ciência e os recursos botânicos na formação dos (as) alunos (as), e pode diminuir a distância existente entre o conhecimento popular e o científico, o que consequentemente favorecerá a amplitude intelectual na construção da formação dos mesmos (Souza *et al.*, 2015).

Algo que pode colaborar no estreitamento da ciência e o conhecimento popular é um planejamento interdisciplinar que favoreça a formação do sujeito e possa extravasar os limites escolares, considerando que nos processos de ensino e aprendizagem formam-se outras identidades e, partir daí, uma reestruturação do conhecimento construído. É muito importante a valorização da diversidade cultural no processo de formação, ensino e aprendizagem dos (as) alunos(as) nos cursos técnicos, uma vez que contribui para a compreensão da realidade ao qual estão inseridos, bem como possibilita a transformação do saber na sua totalidade (Félix; Coutinho, 2018). Reiteramos que é fundamental alocar as plantas medicinais como temática importante ao currículo, é tarefa imprescindível.

Diante disto, o ensino, a pesquisa e a extensão, com a observação, experimentação e diálogo a partir das plantas medicinais no âmbito de cursos técnicos da área de saúde, como o curso Técnico de Saúde Bucal, poderá contribuir para um melhor entendimento destes profissionais, enquanto possibilitará o respeito aos conhecimentos tradicionais bem como contribuirá para a prática da interdisciplinaridade, uma vez que disciplinas técnicas e básicas podem conduzir atividades interdisciplinares onde o conhecimento popular e tradicional possam assumir momentos de destaque, respeito e posicionamento na vida profissional do(a)

técnico(a). Neste sentido, também pontuamos que essa aproximação pode articular a atuação destes profissionais no âmbito das PIC.

O uso das plantas medicinais vem crescendo de forma significativa e essa prática, mesmo regulamentada, se insere em um equívoco pelos profissionais de saúde no entendimento das diretrizes de organismos como a Organização Mundial da Saúde (OMS) em relação ao incentivo ao uso das plantas como terapia medicamentosa. Desta forma, essa prática requer apoio e empenho da comunidade acadêmica-científica, no sentido de orientar no correto uso e manejo das plantas medicinais, visando otimizar os resultados desta prática fitoterápica (Brasil, 2006), isto é, a adesão de profissionais que possam legitimar essa prática é importante.

Nos aspectos que envolvem a educação técnica em saúde, algumas questões se tornam importantes, sobretudo quando relacionamos educação e saúde com saberes tradicionais relacionados à saúde. A Política Nacional de Assistência Farmacêutica, parte integrante da Política Nacional de Saúde (PNS), contempla em seus eixos estratégicos “à utilização das plantas medicinais e de medicamentos fitoterápicos no processo de atenção à saúde, com respeito aos conhecimentos tradicionais incorporados” (Brasil 2006, p. 19).

É importante reconhecer e identificar essas práticas e dialogar no itinerário formativo desses (as) alunos(as) e, junto a isso, posicionar a fitoterapia e as plantas medicinais utilizadas no cotidiano da população de modo geral como relevante e eminente. Identificar todas essas relações e pormenorizá-las a partir da formação do profissional que lidará com todas essas informações, e que conseqüentemente os(as) alunos(as) do curso técnico e os que virão terão a possibilidade de refletir sobre isso e reconhecer seu papel enquanto sujeitos ativos e participantes.

O conhecimento popular proporciona a construção de valores e saberes significativos para os sujeitos da sua comunidade e pode contribuir para a formação dos(as) alunos(as) de cursos técnicos do eixo da saúde da Educação Profissional. O poder terapêutico das plantas deve ser considerado como ciência que vem sendo estudada, aperfeiçoada e aplicada por diversas culturas.

A construção de um currículo multicultural deve ser uma rotina na prática pedagógica docente e, mais que isso, da própria identidade institucional. Embasada no aprofundamento dos saberes que circundam a sala de aula, para, a partir das vivências, ampliar a visão sobre o mundo ao qual estão inseridos (Quinteiro, 2018).

Trabalhar em sala de aula (aqui abordamos uma questão fundamental) os saberes populares ou tradicionais devem partir da reflexão e adequada inserção por parte do(a) professor(a) numa tentativa de elucidar para o(a) aluno(a) os variados modelos do conhecimento e suas relações com a natureza, que ao longo da história foi responsável pela sobrevivência da humanidade (Silva, 2019). O que questionamos é se a sala de aula é o único espaço possível para este diálogo.

Para Santana e Costa (2021) o itinerário formativo dos cursos da área da saúde tem como prática um modelo educacional fragmentado, conteudista e tecnicista, sendo um importante ponto de discussão no âmbito da Educação Profissional, e como consequência o profissional de saúde desenvolvem suas práticas profissionais baseadas nesse modelo educacional.

Aqui suscitamos outra questão: os(as) servidores(as) que atuam na Educação Profissional não conseguem tencionar a pauta das plantas medicinais e a importância do diálogo com os saberes tradicionais por qual motivo? Percebemos que há uma prerrogativa em torno do avanço da tecnologia para a classe trabalhadora com o intuito de melhor adequação ao mercado de trabalho, e os educadores no trajeto de sua formação acabam colaborando para essa exigência. É notória a tentativa na reforma de como a educação profissional é construída como Projeto e o reconhecimento de que o conhecimento é o resultado de atuação, exposição pessoal e vivência. A realidade mostra que esta batalha é evidenciada pela fragmentação dos desenhos curriculares, embora haja um discurso sobre uma prática reflexiva (Zocche, 2007). O currículo é um território em disputa.

A educação dos profissionais em saúde é considerada contraditória, isso se dá por não evoluir para uma construção de referenciais políticos e epistemológicos da Educação Profissional em Saúde. Pereira (2006) traz algumas questões e acrescenta que:

Além disso, insistimos que, visto pelo prisma ontológico, a atenção em saúde pode ser compreendida como a ação humana destinada ao cuidado do/com o outro. Por esse sentido, o trabalho não é uma mercadoria, o trabalhador não é um recurso e a educação não se reduz ao método (Pereira, 2006, p. 109).

A intenção de uma formação integrada é a de buscar a superação do tradicional dualismo (educação de qualidade para a burguesia e precária para o proletariado) da sociedade e da educação brasileira. A origem está na educação socialista que

pretendia ser omnilateral, onde o sentido era formar o ser humano na sua integralidade física, mental, cultural, política, científico-tecnológica. Quanto à articulação entre o ensino médio e a Educação Profissional, busca recuperar a concepção de educação politécnica, educação omnilateral e da escola unitária perdida com a aprovação da lei 9394/96 (Ciavatta, 2014).

A formação profissional passa por um processo de ensino-aprendizagem que se constrói no cotidiano e não apenas na sala de aula e nem no currículo pretendido na formação. Ela se processa quando o(a)aluno(a) está envolvido criticamente a partir desse conhecimento e eles relacionam estes conhecimentos com a vida profissional, quando é valorizada dentro da escola e em relação com o mundo-da-vida. O processo de aprendizagem da formação profissional objetiva preparar o egresso para desempenhar habilidades e competências da sua profissão. Que se tornem sujeitos ativos na sua atuação profissional, comprometimento com a sociedade e com capacidade de reflexão sobre seu fazer, saber e sobre si (Estácio *et al.*, 2018).

A Educação Profissional não é meramente ensinar a fazer e a preparar para o mercado de trabalho, mas sim proporcionar a compreensão das dinâmicas socio produtivas das sociedades modernas e habilitar as pessoas para o exercício autônomo e crítico das profissões. A ideia de formação humana integrada sugere a superação do ser humano dividido historicamente pela divisão social do trabalho entre a ação de executar e a ação de pensar, dirigir ou planejar. Para que assim supere a ideia de uma classe que planeja e outra que executa (Ramos, 2014).

Vale ressaltar que o estudo da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), exige uma discussão mais aprofundada dos conceitos e suas relações entre a escola, trabalho e profissão, uma vez que as novas variadas modalidades de trabalho é intensificada e permite uma reflexão sobre o papel da educação. Portanto, a Educação Profissional:

Além de contribuir com o desenvolvimento de um trabalhador apto a atuar tecnicamente de forma competente, deve colaborar também para que essa pessoa seja capaz de exercer o seu papel de cidadão com ética e responsabilidade (Foligno, p. 78, 2021).

As mudanças sociais ocorridas no decorrer dos anos exigiram mudanças na sociedade de modo geral, e conseqüentemente na extensão e na Educação Profissional. A Educação Profissional tem atualmente o dever de preparar o aluno

para o mercado de trabalho e, ao mesmo tempo, ensiná-lo seu papel social, assumindo uma postura ética, consciente de direitos e deveres enquanto cidadãos. O papel da extensão é com a formação do indivíduo na totalidade, associando a realidade vivenciada pelo indivíduo no seu cotidiano e relação crítica com as teorias ensinadas em sala de aula (Foligno, 2021).

É de grande importância uma reflexão sobre as práticas docentes nos cursos técnicos e as variadas formas de associar o ensino à extensão, sem deixar de fora as experiências trazidas das relações sociais. Sabe-se que é um desafio associar teoria e prática, por isso, “a Extensão é um importante instrumento das Instituições de Ensino para o cumprimento de sua função social, merecendo, desse modo, toda atenção e dedicação da comunidade acadêmica” (Coelho, p. 33, 2021). Essa integração entre extensão e ensino permite a difusão do conhecimento com cidadania e responsabilidade social, que conseqüentemente permite uma formação humana de forma integral e conecta entre si. A proposta curricular que conduz a Educação Profissional pode ser observado diversos caminhos para práticas de atividades de extensão, variadas formas de articulação de diferentes eixos e promover conhecimentos, mesmo encontrando uma sociedade desafiadora e dinâmica (Fernandes *et AL*, 2022).

A escola é uma instituição aliada e considerada necessária pela sociedade para a formação do sujeito. E as escolhas conteudistas são um importante gatilho no currículo, mas, na prática, docente, observa-se a ausência de relacionar o conteúdo programático aos saberes trazidos pelos (as) alunos(as) provenientes das suas diversas culturas e vivências. A falta de diálogo entre conhecimento popular e escola resulta no desinteresse e na falta de aplicabilidade do que foi estudado na vida cotidiana (Silva, 2019).

O primeiro fundamento para a organização e desenvolvimento curricular é uma construção coletiva, em que envolve todos os sujeitos nesse processo de construção. A construção político-pedagógica democrática e participativa expressa a vontade coletiva e não a vontade individual. Desta forma se faz necessário uma ação concentrada na escola, buscando tanto, na prática, social como na prática pedagógica do professor, os elementos e mecanismos de superação dessas deficiências, e ainda a premissa que orienta o projeto de educação integrada é a de centralizar e aprofundar

o caráter humanista do ato de educar, desconstruindo o parâmetro colonialista e dual (que caracteriza a relação entre educação básica e profissional (Ramos, 2014).

O professor ou a professora devem ficar atentos(a) para não colocar o conhecimento científico como “superior” comparado às demais formas de conhecimento (Silva, 2019). Essa forma democrática do saber assume importante papel na preservação da espécie humana, e o acesso às comunidades tradicionais contribui de forma significativa na educação formal e suas variadas modalidades (Souza, 2021). A observação e o compartilhamento de experiências são considerados potentes disseminadores de conhecimento botânico, que corrobora para uma estreita relação entre as pessoas e as plantas medicinais, permitindo importante contribuição para a Educação em Saúde e sua conexão aos saberes populares (Santos *et al.*, 2016)

Para Souza (2015), é necessário haver a associação entre a teoria e prática, principalmente se tratando de conhecimentos tradicionais relacionados às plantas medicinais, uma vez que favorecerá os processos de ensino-aprendizagem e conseqüentemente ajudará na formação escolar. Peloso (2016) afirma que é importante compreender as particularidades das pessoas do campo e entender que naquele território há conhecimento, espaço social e respeitar a diversidade ali instalada.

Machado *et al.* (2020) propõe uma valorização das plantas medicinais nos cursos tecnológicos e Alencar *et al.* (2019) consideram que os mais jovens não conhecem um número significativo de plantas com fins terapêuticos, o que pode corroborar para a não preservação dos saberes tradicionais. Com isso, cria-se a necessidade de ampliação dos estudos sobre a temática visando preservar, valorizar e, ao mesmo tempo, transcender o conhecimento para futuras gerações (Alencar *et al.*, 2019).

Trabalhar com a temática Educação e Saúde em ambiente escolar, independentemente do local onde for trabalhado, pode contribuir de forma positiva nos hábitos relacionados à saúde do indivíduo. A temática pode colaborar em mudanças comportamentais, que visem uma melhor qualidade de vida e interfira nos aspectos físicos, social e mental dos alunos (Silva, 2020).

Atividades educacionais realizadas fora do espaço escolar são consideradas importantes para a construção do conhecimento, uma vez que traduzem e dão sentido

às lutas educacionais objetivadas pelas mudanças sociais (Gohn, 2006). E, ainda, contribui para a formação do indivíduo integralmente, causando uma ruptura nas estruturas sociais desiguais visando a humanização dos educandos, e por isso é considerado um importante transformador social (Oliveira, 2017).

Problematizamos então que a educação não formal é caracterizada por um conceito ampliado de educação, que não é limitado exclusivamente nos locais formais da sala de aula. É conhecida por extrapolar os muros das instituições de ensino, contemplando diferentes espaços e sujeitos (Oliveira; Dias, 2017). Educação não formal é hoje bastante difundida para traduzir as mais variadas atividades que ocorrem dentro e fora do espaço escolar. Mas não é atual o termo de atividades “extraescolares” que aconteciam em torno da escola (Favero, 2007). Mesmo sendo considerado um espaço não formal, ali existem aspectos formativos, educativos, pedagógicos que não têm talvez a fruição do currículo. Mas ali acontece a construção de conhecimento, formulação da prática e é considerado importante porque não há uma sistematização dessa formulação (Arruda *et al.*, 2021).

Há um crescimento no que diz respeito aos espaços não formais de educação, e esse aumento constitui uma vasta possibilidade de contribuição na construção de sujeitos mais críticos, atuantes e com uma melhor leitura do mundo (Oliveira, 2017). Vincular a educação a uma comunidade educativa é uma tarefa complexa, mas existe a necessidade dessa articulação com a sociedade atual, já que há uma intencionalidade pedagógica observada no diálogo problematizador entre escola e comunidade, para assim, formar sujeitos no seu sentido mais amplo, melhor dizendo, formação do indivíduo como cidadão (Gohn, 2006). E para que isso ocorra, é de grande importância investir na formação dos docentes, numa tentativa de melhor articular os saberes tradicionais aos científicos (Jabobucci, 2008).

Quando se pensa no termo educação, cria-se imediatamente a ideia do ato de ensinar, e que conseqüentemente essa prática corrobore para que os/as alunos/as obtenham uma aprendizagem significativa. Essa troca deve ser mediada pelo professor/a, tendo como ponto de partida importantes estratégias que deem novo significado ao processo. A ausência de entendimento dos sujeitos, enrijecida por um saber específico conteudista, dificulta-os enxergar além do saber. Essa falta de percepção da necessidade de uma alteração curricular impacta na fragmentação da

educação, que impede que os alunos percebam sua realidade e a estreita relação entre o programa pedagógico e a sua vida cotidiana (Coutinho; Felix, 2020).

Vale ressaltar que os componentes curriculares dialogam com outros setores sociais, que na maioria das vezes não se observa compromisso com uma educação formativa e integral. Percebe-se um ensino fragmentado e desconectado, voltado para o mercado de trabalho, e por isso há necessidade de uma melhor compreensão da interdisciplinaridade como um aliado na religação do saber e amplitude do conhecimento para que a aprendizagem seja de fato efetivada e permita uma visão crítica da realidade, e que a prática e a teoria possam dialogar de forma conjunta construção dos sentidos (Martins *et al.*, 2020).

O caráter necessário do trabalho interdisciplinar na produção e na socialização do conhecimento no campo das ciências sociais e no campo educativo vem da forma do homem produzir-se enquanto ser social e enquanto sujeito e objeto do conhecimento social. A questão pedagógica é o trabalho interdisciplinar dos métodos e técnicas de transmissão, o educador tem que aprender a fazer a articulação entre o sujeito que aprende e o sujeito da aprendizagem. O resultado da concepção fragmentada e positivista da realidade, vai se expressar de um lado na lista de disciplinas de conteúdo geral, humano e disciplinas de conteúdo específicos e técnicos (Frigotto, 2010).

É comum, professores/as se reunirem para elaborar um planejamento coletivo de suas ações pedagógicas, mas é observado que as práticas continuam sendo efetivadas de forma isolada sem que haja interdisciplinaridade (Coutinho; Felix, 2020). Na perspectiva de Bessa (2020, p. 8), “os educadores precisam repensar suas atuações e desprender esforços para novas maneiras de educar, observando as relações entre as diversas áreas do conhecimento”. Ele acrescenta, ainda, que é válido enxergar a ação formativa dos sujeitos além das relações disciplinares, entenderem que a Educação Profissional é mais que uma formação voltada para o mercado de trabalho, podendo, ao mesmo tempo, formar indivíduos na sua totalidade, levando em consideração que interdisciplinaridade vai além de trabalhar conteúdos isolados, é integrar saberes das diversas áreas do conhecimento.

O que se defende aqui é que a escola que produz a Educação Profissional dialogue com a construção sólida e potente dos movimentos da educação não formal. Aprender e apreender sobre com os processos dialógicos a partir de territórios

educativos, movimentos sociais, espaços não escolares, são potencialmente possibilitadores de uma formação crítica para o mundo do trabalho que assimile o cotidiano e as práticas profissionais amparadas na consciência da classe-que-vive-do-trabalho.

Devemos pensar no indivíduo como parte importante do processo e toda a tentativa de educar devem fazer sentido para ele. Utilizar como ferramenta sua vida cotidiana e entender que toda vivência e experiência, seja ela pessoal ou profissional, trazida pelo sujeito são conexas e não podem ser tratadas de forma isolada. É preciso conhecer o grupo social que se fará educação, interdisciplinar também é relacionar sua vida pessoal com o processo de aprendizagem, para que assim faça sentido ao processo.

Segundo Paulo Freire (1978), em seu livro *Cartas à Guiné-Bissau*, a educação deve ser feita de forma particular e direcionada, um projeto de educação não pode ser elaborado a distância sem conhecer a população e seus hábitos. Deve-se valorizar a realidade e cultura do grupo social em questão, adaptando e utilizando como ponto de partida o que trazem das suas vivências e experiências. A participação cooperada entre educandos (as) e educador é considerada eficaz se ambos estiverem participando e colaborando no processo de forma mútua, numa relação horizontal, ele acredita que:

A ajuda autêntica, não é demais insistir, é aquela em cuja prática os que nela se envolvem se ajudam mutuamente, crescendo juntos no esforço comum de conhecer a realidade que buscam transformar. Somente numa tal prática, em que os que ajudam e os que são ajudados se ajudam simultaneamente, é que o ato de ajudar não se distorce em dominação do que ajuda sobre quem é ajudado. (Freire, 1978, p. 15).

Observa-se um cuidado e particularidade na elaboração do projeto, quando Freire (1978) entende que as experiências de um determinado grupo com seus hábitos e culturas não podem ser utilizados como método para a vivência de outros povos. Cada grupo social tem algo novo a oferecer e ensinar, e seus conhecimentos servem como ponto de partida para se fazer educação. É preciso entender que a educação se faz com a observação, escuta e troca, e os saberes trazidos de outro lugar podem não ter significado quando depositados em um ambiente cultural distante daquela realidade, sendo necessário entender que:

As experiências não se transplantam, se reinventam. Porque, disto convencidos, uma de nossas preocupações básicas, permanentes, durante todo o tempo em que nos preparávamos, em equipe, para a primeira visita à

Guiné-Bissau, foi a de nos vigiar quanto à tentação de superestimando este ou aquele aspecto desta ou daquela experiência de que antes participáramos, pretender emprestar-lhes validade universal (Freire, 1978, p. 15).

A educação deve despertar no educando a vontade em participar do processo, envolvê-lo completamente de forma que faça sentido, e o educador é o responsável em oferecer condições, estimulando o aluno e utilizar na sua prática conteúdos que estejam de acordo com sua realidade e necessidade, para que o processo se torne algo interessante. Apesar de Freire (1978) reconhecer que a relação entre educando e educador não é o único fator do processo de aprendizagem, também as demais entidades públicas envolvidas no processo devem estar em comunhão, ambos comprometidos de forma igualitária para que fato a educação aconteça. Mas o educador é muito importante no processo de educação, já que é o facilitador do processo. Assim, é importante salientar que:

O educador deve ser um inventor e um reinventor constante desses meios e desses caminhos, com os quais facilite mais e mais a problematização do objeto a ser desvelado e finalmente apreendido pelos educandos. Sua tarefa não é a de servir-se desses meios e desses caminhos para desnudar, ele mesmo, o objeto e depois entregá-lo, paternalisticamente, aos educandos, a quem negasse o esforço da busca, indispensável ao ato de conhecer. Na verdade, nas relações entre o educador e os educandos, mediatizados pelo objeto a ser desvelado, o importante é o exercício da atitude crítica em face do objeto e não o discurso do educador em torno do objeto. E mesmo quando, nestas relações, em que educador e educandos, curiosos, se acercam ao objeto de sua análise, os segundos necessitam de alguma informação, indispensável ao prosseguimento da análise, pois que conhecer não é adivinhar, a informação deve ser precedida de certa problematização. Sem esta, a informação deixa de ser um momento fundamental do ato de conhecimento para ser a transferência que dele faz o educador aos educandos (Freire, 1978, p. 17).

A educação tem como missão a formação humana no seu formato integral, objetivando emancipar o indivíduo. A pesquisa é condutora de conhecimento, e através da investigação deve favorecer a sociedade e não apenas ao capitalismo. Há uma separação do ensino e da pesquisa, ocorrida por motivos burocráticos, que acarretou uma reprodução dualista estrutural. E a partir de alguns pressupostos, o educador tem por base que:

O docente da Educação Profissional seja, essencialmente, um sujeito de reflexão e de pesquisa, aberto ao trabalho coletivo e a ação crítica e cooperativa, comprometido com a sua atualização permanente na área de formação específica e pedagógica, que tem plena compreensão do mundo do trabalho e das redes de relações que envolvem as modalidades, níveis e instâncias educacionais, conhecimento da sua profissão, de suas técnicas, bases tecnológicas e valores do trabalho, bem como, dos limites, e

possibilidades do trabalho decente que realiza e precisa realizar (Machado, 2008, p. 18).

Vale ressaltar que a Educação Profissional deve estabelecer na sua prática cotidiana a pesquisa e o professor também se constrói a partir da pesquisa, sendo considerado parte importante no processo entre a pesquisa e o ensino, e por isso requer uma prática cotidiana que tire o educador e educando de uma área confortável para suscitar diálogo entre ambas e promover práticas integradoras.

1. OS CAMINHOS (DES)ENRAIZADOS DA PESQUISA

A pesquisa foi aprovada e protocolada sob o CAAE de número 51682321.7.0000.5526, registrada com o número do Parecer: 5.186.211. Foram encaminhados todos os instrumentos de coleta para avaliação do Comitê de ética do IFBaiano. As Resoluções 466/12 e 510/16, homologadas pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS), atestam que para toda pesquisa realizada com seres humanos estejam dentro do princípio ético do respeito pelas pessoas (autonomia), a beneficência e a justiça.

Foi necessário cadastrar a pesquisa no Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional Associado – SisGen. É um sistema eletrônico criado em 2017, com o intuito de auxiliar na gestão do patrimônio genético. Houve a necessidade desse cadastro, uma vez que é exigido pelo Ministério do Meio Ambiente quando há pesquisas relacionadas ao conhecimento tradicional relacionado às plantas medicinais conforme a pesquisa em questão. Quando decidimos trabalhar as possíveis relações entre os saberes populares relacionados às plantas medicinais através das raizeiras e os (as) alunos(as) do curso Técnico de Saúde Bucal ofertado no Complexo Integrado de Educação de Ipiaú – CIEI, tínhamos como pretensão incluir a temática no itinerário formativo desses alunos(as) e como o ensino sobre as plantas medicinais poderiam transversalizar a formação. Conforme as etapas programadas foram acontecendo, surgiram possibilidades que melhor traduziram essa experiência da troca e criou-se a necessidade de uma devolutiva que melhor contemplasse os resultados encontrados através da fenomenologia e da extensão.

Quando se pretende estudar saberes populares, é importante compreender que naquele espaço há uma construção compartilhada do conhecimento, e essa dialogicidade extensionista entre raizeiras e alunos (as) serviu como ponto de partida para a efetivação das etapas planejadas e o encontro com o fenômeno. O encontro com as raizeiras pôde acrescentar na formação desses (as) alunos (as) no sentido de observância aos saberes tradicionais sobre as plantas medicinais e como elas se relacionam com aquilo que aprendem no curso técnico.

Se partirmos dessa reflexão, podemos observar que os saberes (sobre as plantas e usos) e o saber-fazer (partes das plantas e formas de consumo), as raizeiras contemplaram nas suas falas uma relação da saúde muito próxima com a natureza, numa tentativa e elucidação de que é através da extensão que a formação humana e integral potencialmente se materializa.

De outro lado, as raizeiras puderam, com a presença dos (as) alunos(as), perceber o interesse sobre o tema a partir de pessoas jovens. Tal vivência pode produzir uma compreensão alicerçada na potência de suas práticas e da continuidade desses saberes percebidos como algo importante.

O ensino das plantas medicinais da Educação Profissional pode colaborar para a valorização dos conhecimentos tradicionais sobre saúde bucal e isto será possível com o diálogo entre raizeiras e demais pessoas de uma comunidade e os jovens. Dialogar sobre os saberes e conhecimentos acerca das plantas medicinais utilizadas na saúde bucal e de como essas informações podem contribuir para a formação profissional do curso Técnico em Saúde Bucal criam espaços de troca potentes. A partir dessa vivência, incentivada a partir da concepção da extensão como princípio pedagógico e educativo na Educação Profissional, são instigantes. Desta forma, o trabalho tem por objetivo interpretar as relações possíveis entre os saberes das raizeiras da Fazenda do Povo e alunos (as) do curso Técnico em Saúde Bucal do Complexo Integrado de Educação de Ipiaú (CIEI). A seguir (Figura 5) podemos observar como foram planejadas cada etapa com vistas ao cumprimento dos seguintes objetivos:

Figura 3- Etapas para o desenvolvimento da pesquisa:



Fonte: construção própria

Podemos observar acima que algumas etapas foram planejadas. Primeiramente acontece a apresentação do projeto de pesquisa no CIEI, e no mesmo momento, a escolha dos (as) alunos (as) que desejavam participar da vivência com as (os) raizeiras (os) na Fazenda do Povo. Posteriormente, realizou-se uma reunião com os (as) cinco alunos (as) escolhidos para alinhamento com vistas à visitação na Fazenda do Povo com as (os) raizeiras (os). A escolha do local se deu pela experiência compartilhada em 2015, quando fui contratada pela Secretaria Municipal de Saúde da Cidade de Ipiaú para atuar como cirurgiã-dentista na Unidade de Saúde da Família (USF) Manoel Cipriano. Lá tivemos o prazer de trabalhar por dois anos e conheci de perto o modo de vida daquela população. Algo interessante que nos chamou a atenção foi a forma de distribuição do trabalho no campo e a organização social estabelecida naquele lugar. No povoado, cada família recebeu um pedaço de terra para cultivo, e vem passando de geração em geração os costumes e hábitos. Outro momento importante, uma visita guiada (eu e uma moradora) no sentido de mostrar e acompanhar a casa das (os) raizeiras (os) e fazer o convite de participação, na pesquisa e aproveitar para explicar como se daria o momento com os (as) alunos

(as). Seguindo, acontece uma visita com os (as) alunos(as) ao encontro das (os) raizeiras(os) de forma individualizada (visitamos três raizeiras).

A próxima etapa é uma roda de conversa (alunos(as) e eu) para catalogação e discussão a partir do diário de bordo construído pelos(as) alunos(as) no encontro com as raizeiras. Cada aluno(a) recebe no dia da visita uma prancheta com bloco de notas e canetas para que construíssemos, no momento da vivência, seu diário de bordo. Ali tiveram a oportunidade de registrar as suas impressões, nomes das plantas, suas aplicabilidades e outras informações relacionadas ao encontro que despertou interesse de registro no diário de bordo. Essas informações foram apresentadas individualmente por eles(as) no momento da roda de conversa e organizamos nomes das plantas, esclarecemos dúvidas surgidas de anotações incompletas devido à rapidez nas falas de uma das raizeiras, suas curiosidades e impressões construídas antes e pós-vivência evidenciado no diário de bordo de Ariel (quadro 1 explicado abaixo), e sua impressão ao chegar na Fazenda do Povo e recepcionada pela moradora, antes do momento com as raizeiras “A primeira vista já me senti acolhida por todos da comunidade”. No quadro abaixo, nomes (fictícios escolhidos pelos mesmos) dos alunos (as) selecionados com suas respectivas idades, turno de estudo e endereço residencial.

Quadro 1: Identificação dos estudantes escolhidos

Nome (Fictício)	IDADE	TURNO	ONDE MORA
Ariel	18	Matutino	Área urbana - Ipiaú
Aurora	17	Matutino	Área urbana - Ipiaú
Crístofi	17	Matutino	Área urbana - Ipiaú
Tiana	17	Matutino	Área urbana - Ipiaú
Jasmine	17	Matutino	Área urbana - Ipiaú

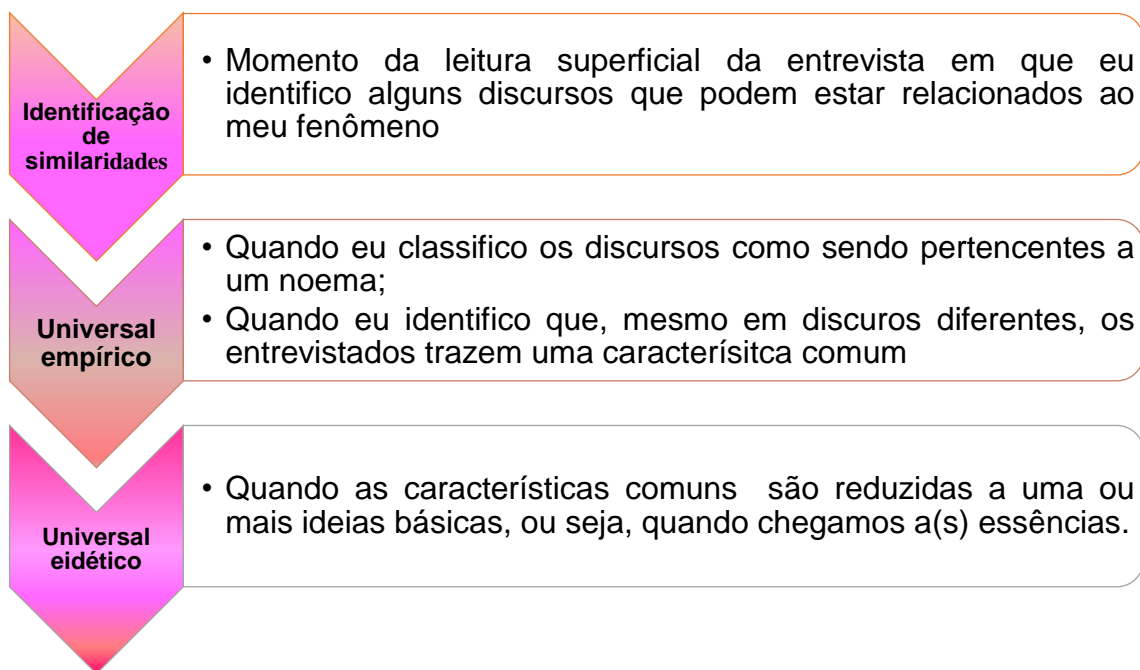
Fonte: Construção Própria, 2023

A análise dos dados foi feita a partir da Redução Eidética e após o encontro com o fenômeno. Uma última reunião acontece com os (as) alunos(as) para apresentar os resultados da redução eidética. Como produto educacional, uma ferramenta conhecida como Padlet foi construída a partir das informações coletadas e resultados encontrados, para posterior validação pelos professores e alunos (as) do curso.

A redução eidética, segundo Moreira (2002), pode ser entendida como a transmutação do universo empírico para o universo eidético, ou seja, saímos do ponto

até onde a nossa experiência pode alcançar para chegarmos aos eidos (entendido como princípio ou estrutura necessária da coisa). Para Sokolowski (2000 *apud* Moreira, 2002). A redução eidética caminha por três estágios de redução das coisas: 1) quando encontramos no mundo um quantitativo de coisa que apresentam regularidades; 2) quando estas coisas apresentam o mesmo predicado/característica comum, o qual são os universais empíricos e; 3) quando chegamos aos universais eidéticos, onde atingimos as essências. A figura a seguir, produzida por Miranda (2021), ilustra bem o processo de redução:

Figura 4-Esquemática do processo de redução eidética.



Fonte: Miranda (2021).

A redução eidética possibilita a interpretação dos dados sob a dimensão fenomenológica, bem como me aproximar de tudo o que vi e ouvi. Importa destacar que eu, enquanto mulher deste município, odontóloga que atuou nesta comunidade e docente que atua na formação de profissionais da saúde bucal, também fui atravessada nesta experiência. O uso da expressão atravessada remete a tudo aquilo que eu havia vivenciado, conhecido e pensado e foram colocadas como questões ao ouvir os(as) alunos(as) e raizeiras. Ao me debruçar sobre os usos das plantas, tocar e cheirar elas, ouvir as raizeiras e a interação dos(as) alunos(as), minha consciência sobre o objeto tornou-se mais complexa.

3.1 Caracterização da Pesquisa: sobre percursos e incursos

A metodologia fenomenológica possui uma íntima relação com a abordagem qualitativa, no sentido em que permite a elucidação da fenomenologia e traduz conceitos que valorizam o processo, o contexto e a compreensão. Por essa razão, visualiza-se como método privilegiado para analisar a realidade do local a ser estudado na perspectiva dos sujeitos a vivenciar o ensino de plantas medicinais no curso Técnico Saúde Bucal por meio do aprofundamento teórico-metodológico e da valorização dos saberes populares o método fenomenológico.

O estudo foi baseado na proposta do filósofo Edmund Husserl de colocar em primeiro plano a essência da ciência, ou seja, o fenômeno em si, suspendendo de forma temporária os conhecimentos científicos. Para ser possível, foram propostas por ele duas maneiras para esse tipo de investigação: analisar a consciência intencional e desenvolver um método em que alcance e evidencie o que se deseja pesquisar (Moreira, 2002).

O método fenomenológico busca evidenciar o ser humano como centro do processo do conhecimento, a essência e manifesto das coisas, visto que o consciente humano é detentor de significados para os fenômenos do mundo. Esse método não é indutivo e nem dedutivo, busca mostrar e esclarecer dados que estão presentes na consciência e não mediante leis que deduzem a partir de princípios, e sim o que existe na consciência, o que se pode chamar de objeto. É um método totalmente subjetivo, uma vez que há uma multiplicidade da realidade e experiências vividas e depende da interpretação que é realizada dos fatos. Podendo ser mais bem explicado por Moreira em seu livro O método Fenomenológico na pesquisa:

A fenomenologia seria uma ciência que partiria “do zero”, sem pressuposições. O único ponto de partida admissível seria a experiência comum, partindo-se dos processos comuns de pensamento e da linguagem comum, sem auxílio de quaisquer teorias científicas ou filosóficas (MOREIRA, 2002 p. 83).

O objetivo de uma pesquisa foi elucidar a pretensão do pesquisador, o que de fato pretende desenvolver. Não somente, a pesquisa objetiva transformar ao redor. A pesquisa exploratória, para Gil (2002), proporciona afinidade com o problema, deixando-o mais evidente, e nessa perspectiva pode ser feita por levantamento bibliográfico e entrevistas. É feita quando não se tem informações ou dados

disponíveis sobre um determinado tema, com isso pode ser utilizado como ponto de partida para futuras pesquisas. Se pretende com a pesquisa, contribuir na formação dos (as) alunos(as) do curso Técnico Saúde Bucal, e a análise dos dados foram confrontados com as informações trazidas e expostas pelas raizeiras e alunos(as), para poder avaliar sua importância e aplicabilidade na prática pedagógica dos(as) professores e assimilação da extensão como marco pedagógico do curso.

Como pesquisadora, compreendo a fenomenologia como um processo interpretativo e não apenas uma descrição dos fatos. Esses processos traduzem um significado comum (ou significante) por diversos sujeitos a partir das suas experiências cotidianas e vividas de uma dimensão da existência. Os (as) participantes estão no centro da pesquisa, e o olhar é direcionado à subjetividade das experiências individualizadas dos indivíduos.

“... Giorgi deve considerar que, em uma pesquisa, quem descreverá a própria experiência são os participantes, os quais farão isso a partir de uma perspectiva orientada pela atitude natural” (Barbosa, 2022, p. 6). Nesse sentido, a fenomenologia traz como ponto de partida para o pesquisador a análise da sua vivência experimentada em observância, sempre no que foi dito pelo sujeito.

Para Moreira (2002, p. 84), a essência é entendida como “as unidades básicas de entendimento comum de qualquer fenômeno”. É considerado como ponto de partida do conhecimento e tem por objetivo chegar à essência e, na verdade, do fenômeno a ser estudado. Dentre as variadas formas interpretativas e reconhecidas do método fenomenológico, escolhi o método de Giorgi, por acreditar uma maior aproximação com a proposta do estudo, as etapas método fenomenológico de Giorgi de acordo a estrutura metodológica da pesquisa: a) ler integralmente a transcrição das entrevistas; b) destacar as unidades de sentido empíricas; c) identificar as unidades eidéticas; d) a construção/encontro com o fenômeno.

Para Sokolowski (2004), a ciência “é, na verdade, um conglomerado de átomos, campos de força e espaços vazios. Átomos e moléculas, as forças, os campos e as leis descritas pela ciência são considerados a verdadeira realidade das coisas”. Se observarmos nossas necessidades, desejos e intuições podem dizer que estes têm relação com o mundo em que vivemos e esses estímulos chegam a nossa mente através dos nossos sentidos, e a partir deles são transmitidos ao objeto automaticamente de forma biológica. Se formos avaliar nossas experiências no

mundo em que vivemos, ela de nada vale para a ciência. Essa formação cultural científica vestiu-se de uma ideologia em que acreditam ser superior e que só haverá verdade se comprovada cientificamente, mesmo entendendo que a vida aspira uma racionalidade não encontrável, em que o mundo seja interpretado de forma subjetiva e mesmo assim torná-la fidedigna e com validade na interpretação.

A ciência constituiu-se a partir do mundo vivido e do que há nele, e esse mundo serve de base para a ciência. A fenomenologia anseia por uma ciência que entenda e encontre um espaço no mundo da vida, mas sem substituir uma à outra. Sokolowski (2004), o autor da fenomenologia, reconhece como válida a ciência da matemática, mas sem colocá-la numa posição de superioridade comparada com as demais.

Sokolowski (2012, p. 10) define a fenomenologia como “o estudo da experiência humana e dos modos como as coisas se apresentam elas mesmas para nós em e por meio dessa experiência”. O autor entende que fenomenologia coloca o ser humano como centro do processo do conhecimento, que ele consiga fazer o movimento próprio e não apenas um objeto que é imposto, padrões e comportamentos pré-estabelecidos. A fenomenologia dispõe de alternativas para uma melhor compreensão do movimento, colocando em evidência o lado humano de forma mais significativa.

Neste contexto geográfico, Ipiaú é um município localizado no Sul da Bahia (ver imagem 1), com uma população de 40.706 habitantes (IBGE, 2022), com clima predominantemente tropical. A economia local é bastante diversificada entre o agronegócio e o comércio geral, sendo a mineração de níquel um dos maiores geradores de emprego atualmente. É uma cidade cercada por mata e uma grande diversidade de plantas. Há na cidade uma quantidade significativa de pessoas que indicam o uso de plantas para prevenção e tratamento de doenças, chamados de raizeiros.

Imagem 1- Panorâmica do Município de Ipiaú/BA.



Fonte: <https://giroemipiau1.com.br/2022/08/10/comissao-apresentara-trabalho-de-revisao-de-nomes-de-ruas-e-criacao-do-mapa-de-bairros-de-ipiau>

A taxa de escolarização de Ipiaú, considerada a faixa etária de 6 a 14 anos, é de 97,4% (IBGE, 2022). A cidade possui 27 escolas (contando as públicas e particulares) voltadas para o ensino fundamental e seis voltadas para o nível médio, sendo que apenas uma das instituições oferece cursos da EPT, o CIEI oferece alguns cursos técnicos, mas o estudo em questão direcionou a pesquisa para o curso Técnico de Saúde Bucal. O Ensino superior, ainda muito limitado no município, está presente na Universidade do Estado da Bahia, com cursos na área de humanas como, por exemplo: Letras, História, cursos da área de Ciências Exatas como Matemática e algumas faculdades com pólos em que são ofertados cursos de forma remota, dentre eles temos: Pedagogia, Educação Física, História, Química.

A pesquisa foi realizada com alunos (as) do Curso Técnico de Saúde Bucal, eixo Ambiente, Saúde e Segurança, da Rede Estadual de Ensino. Atualmente, há aproximadamente alunos (as) matriculados (as) na modalidade Ensino Médio Integrado, forma de articulação - Educação Profissional Integrada - EPI, distribuídos entre os turnos da manhã e noite, com duração de 3 anos, totalizando uma carga

horária de 3.720 horas. Além do curso em Saúde Bucal, são ofertados outros cursos como: Nutrição, Administração e Informática, distribuídos entre matutino, vespertino e noturno (ver imagem 2), que reúne todos os cursos técnicos.

Imagem 2- Aula inaugural com todos os cursos técnicos.



Fonte:imagem cedida pelo CIEI.

Até o ano de 2021, os cursos técnicos de Ipiaú funcionavam no Centro Territorial de Educação Profissional (CETEP) Baixo Rio das Contas, localizado na Rodovia BR 330, KM 06, na rodovia que liga as cidades de Ipiaú e Barra do Rocha. Em 2022, o CETEP deixa de ofertar cursos e, com isso, os cursos técnicos foram para o atual CIEI. Após essa decisão, ocorre a transformação do Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães (ver Imagem 3) em Complexo Integrado de Educação de Ipiaú – CIEI (Portaria Nº 826 /2017, publicada no Diário Oficial do Estado, 07.02.2017). O curso Técnico de Saúde Bucal agora é oferecido nesta Unidade de Ensino.

Imagem 3- Antigo Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães- atual CIEI.



Fonte: <https://giroemipiau1.com.br/2022/08/10/comissao-apresentara-trabalho-de-revisao-de-nruas-e-criacao-do-mapa-de-ipiau>

As disciplinas apresentadas como componentes curriculares são no total 34, as de Base Comum (BC) são 15, sendo elas: Língua Portuguesa e Redação; Língua Estrangeira Moderna; Educação Física; Arte; Matemática; Física; Química; Biologia; História; Geografia; Sociologia; Filosofia; Higiene; Saúde e Segurança no Trabalho; Projeto de Vida; Mundo do Trabalho, Empreendedorismo e Intervenção Social.

As de Formação Profissional (FP) são dezenove, já incluindo Estágio e Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, distribuídas da seguinte forma: Políticas Públicas em Saúde; Ética Profissional; Biossegurança em Saúde; Fundamentos da Anatomia e da Fisiologia; Microbiologia; Farmacologia; Procedimentos e Técnicas em Saúde bucal; Processo de Trabalho e Humanização em Saúde; Educação e Saúde Bucal; Materiais Dentários, Equipamentos e Instrumentais; Gestão dos Serviços de Saúde Bucal; Radiologia Odontológica; Técnicas Restauradoras; Metodologia do Trabalho Científico; Projeto Experimental I; Projeto Experimental II. Dentre as disciplinas citadas acima, algumas têm potencial para serem trabalhadas com a temática das plantas medicinais, sendo elas: Farmacologia, Políticas Públicas de Saúde e Processo de Trabalho e Humanização em Saúde.

A instituição não dispõe de estrutura para que os(as) alunos(as) façam seus estágios dentro da própria escola, por isso os(as) alunos(as) do curso técnico de Saúde Bucal fazem estágio em consultórios odontológicos montados dentro da própria Unidade de Saúde da Família e em consultórios particulares. Há uma demanda grande de técnicos formados na cidade, porém a absorção do mercado de trabalho é

bem baixa, levando em consideração que Ipiaú é uma cidade pequena e possui atualmente 27 consultórios odontológicos e muitos formados não conseguem entrar para o mercado de trabalho, colaborando para que muitos migrem para outros cursos numa tentativa de uma nova oportunidade e muitos vão para outra área de atuação profissional.

3.2. Procedimento e coleta de dados: reconhecimento de campo e visitas com os(as) alunos(as)

Com a dialogicidade entre alunos (as) e raizeiras, pude perceber, a partir da concepção da extensão como princípio pedagógico e educativo, que a vivência pode colaborar de forma positiva no itinerário formativo dos (as) alunos (as), e assim, avaliar os benefícios da inclusão das plantas medicinais como temática interdisciplinar, e sua importância para a formação dos (as) alunos (as) em cursos técnicos profissionais da área de saúde. Mais que isso, penso que a extensão pode transformar a visão dos (as) alunos (as) sobre o que significa saber, técnica e prática.

Citei de forma breve antes, neste texto, mas foi realizada na turma do 3º ano do curso Técnico de Saúde Bucal – TSB, uma apresentação do meu projeto (ver Imagem 4). A partir deste momento, pude fazer o processo de seleção dos (as) cinco alunos (as) que iriam junto comigo para o momento de conversa com as raizeiras na Fazenda do Povo. Essa quantidade de alunos (as) foi pensada devido à dificuldade de transporte para um quantitativo maior de alunos (as). Inicialmente seriam alunos do 2º e 3º ano do curso TSB, pelo motivo de já terem cursado ou em curso as disciplinas de Formação Profissional, mas por questões burocráticas, o curso hoje só dispõe de duas turmas do 3º ano (uma turma da manhã, outra à noite). A turma da manhã foi escolhida devido à disponibilidade dos alunos na visita e reuniões, no curso noturno quase todos os alunos trabalham durante o dia e não teriam disponibilidade. A turma da manhã tem trinta e sete alunos (as) matriculados(as), mas no dia da apresentação tinham em sala de aula vinte alunos(as). Os possíveis motivos das faltas são diversos, mas segundo o professor que estava com eles em aula no momento, o motivo principal tinha relação com o frio e a chuva.

Imagem 4- Apresentação do Projeto na turma do Curso Técnico de Saúde Bucal.



Fonte: foto tirada por professor em sala

Percebi estranheza ao entrar na sala, mas também vi alguns olhares de receptividade, e aos que não ficaram atentos à minha fala, tentei buscar sua atenção com brincadeiras e, ao mesmo tempo, valorizando a participação no trabalho. Ficou nítido para mim que não era comum receber em sala pessoas que não atuam no curso. No decorrer da apresentação, fui ganhando confiança da turma e, ao final da apresentação, foi dada a oportunidade para os (as) interessados (as) se manifestarem. Assim, doze alunos (as) tiveram interesse. Dentre os (as) interessados (as) em participar, eles(as) foram indagados se eram moradores da Fazenda do Povo. Se tivesse alguma resposta positiva, três vagas seriam automaticamente destinadas aos (as) moradores da comunidade, o que não aconteceu.

As vagas seguiram para os (as) alunos (as) da chamada zona urbana de Ipiaú e/ou, também, outras áreas rurais circunvizinhas, já que as prioridades das 3 vagas seriam para alunos que residissem especificamente na Fazenda do Povo, as demais áreas rurais pertencentes a Ipiaú concorreriam de forma igualitária com os alunos da zona urbana caso tivesse dentre os interessados alguém de outra área rural.

Como o número de interessados (as) era maior que o meu quantitativo de vagas, realizei o sorteio e 5 alunos(as) foram escolhidos. Dos 5 alunos(as), uma aluna é maior de idade. No mesmo momento, entreguei o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE para a aluna de maior idade assinar e os Termos de Assentimento

Livre e Esclarecido - TALEs e TCLEs para os alunos de menor idade levarem para seus responsáveis assinarem.

No mesmo dia, já peguei os números de telefones dos mesmos e criei um grupo de WhatsApp para organizar a nossa primeira reunião. O grupo foi montado numa tentativa de facilitar e organizar melhor a comunicação. Com o grupo consegui organizar os encontros, alinhar horários e dias. O grupo ficou aberto para que todos pudessem falar, e inicialmente se mantiveram mais reservados, aguardando minha iniciativa com perguntas que estimulassem a conversa, apesar de todos se conhecerem, pois pertence à mesma turma. Antes da visita à Fazenda do Povo, fiz uma reunião com o(s) aluno (as) (ver Imagem 6), para alinhar todas as ações. O planejamento seria em um espaço cedido pelo CIEI, mas por conta do horário matutino ser todo preenchido com as aulas e as tardes já estarem ocupadas com trabalhos escolares e estágios, a visita ficou para o fim de semana. Essa reunião foi repleta de muita descontração e aprendizado. Pude conhecê-los e saber um pouco sobre cada um: religião, projetos futuros, curso de interesse para o vestibular, personalidades, suas expectativas relacionadas à pesquisa e qual o nível de interesse em participar.

Imagem 5- Roda de conversa para alinhamento da visita.



Fonte: tirada pela própria pesquisadora

Para mim esse primeiro contato presencial era fundamental para compreender os possíveis desafios no âmbito de como se relacionariam com as raizeiras, quais os seus medos e inseguranças, que aspectos já haviam sido refletidos em sua formação e como seria importante (re)conhecer quando estivéssemos com as raizeiras. Segundo Manfredi (2016) e Gomes (2018), narram em seus estudos, que o processo

histórico da Educação Profissional e Tecnológica (EPT) se deu, no Brasil, devido a uma reconhecida dualidade percebida nessa modalidade de ensino, que visa preparar o(a) aluno(a) para uma profissão em paralelo ou integração com a educação propedêutica.

Diante de numerosos desafios, as mudanças sociais e a reconfiguração do ambiente de trabalho ocorrido nas últimas décadas exercem diversas influências sobre o processo de reorganização. Isso agora se fundamenta na sinergia entre a capacitação técnica, isto é, na interligação entre a preparação profissional e, de maneira mais abrangente, a preparação para a participação na vida em sociedade (Manfredi, 2016). Sinalizo aqui a potencialidade da extensão, que se coloca no lugar mediador entre a escola e o mundo-da-vida, sintonizada com as demandas populares e suas construções objetivas e subjetivas para a superação dos desafios impostas à sobrevivência.

A extensão como princípio pedagógico numa perspectiva popular e crítica se coloca neste sentido como uma abordagem pedagógica que transcende as paredes da sala de aula e busca ampliar os horizontes do aprendizado. Ela se baseia na noção de que a educação não deve se limitar apenas à transmissão de conhecimento teórico, mas deve se estender para englobar experiências práticas, interações com a comunidade e a aplicação do saber em contextos do mundo real. Através da extensão, os(as) alunos(as) têm a oportunidade de não apenas elencar informações, mas também de vivenciar e contribuir ativamente para o seu entorno.

Esse princípio educativo visa desenvolver não apenas o intelecto, mas também habilidades práticas e competências sociais. Os estudantes são desafiados a aplicar seu conhecimento em situações reais, a resolver problemas concretos e a colaborar com outras pessoas. Isso não apenas aprimora a aprendizagem, mas também prepara os estudantes para serem cidadãos mais responsáveis e engajados na sociedade.

Além disso, a extensão como princípio pedagógico numa perspectiva popular e crítica promove uma visão holística da educação, na qual o ensino, a pesquisa e a extensão na comunidade se entrelaçam. Os(as) educadores(as) são incentivados a não apenas transmitir informações, mas a também inspirar uma mentalidade de serviço e de contribuição para o bem comum. Isso fortalece os laços entre a instituição de ensino e a comunidade, criando uma parceria que beneficia ambas as partes.

Por fim, a extensão como princípio educativo não apenas enriquece a formação dos (as) alunos(as), mas também os capacita a se tornarem agentes de mudança. Ao interagir com a comunidade e compreender suas necessidades, os(as) alunos(as), docentes e demais participantes dos processos de formação têm a oportunidade de aplicar seu conhecimento para resolver problemas reais. Essa abordagem não apenas contribui para o desenvolvimento pessoal de todos (as), mas também para a transformação social e o fortalecimento das relações entre a ciência e a sociedade. Portanto, a extensão como princípio educativo desempenha um papel essencial na formação de indivíduos mais bem preparados e comprometidos com o mundo ao seu redor. Freire (2015, p. 33) diz que “[...] só existe saber na intervenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros”.

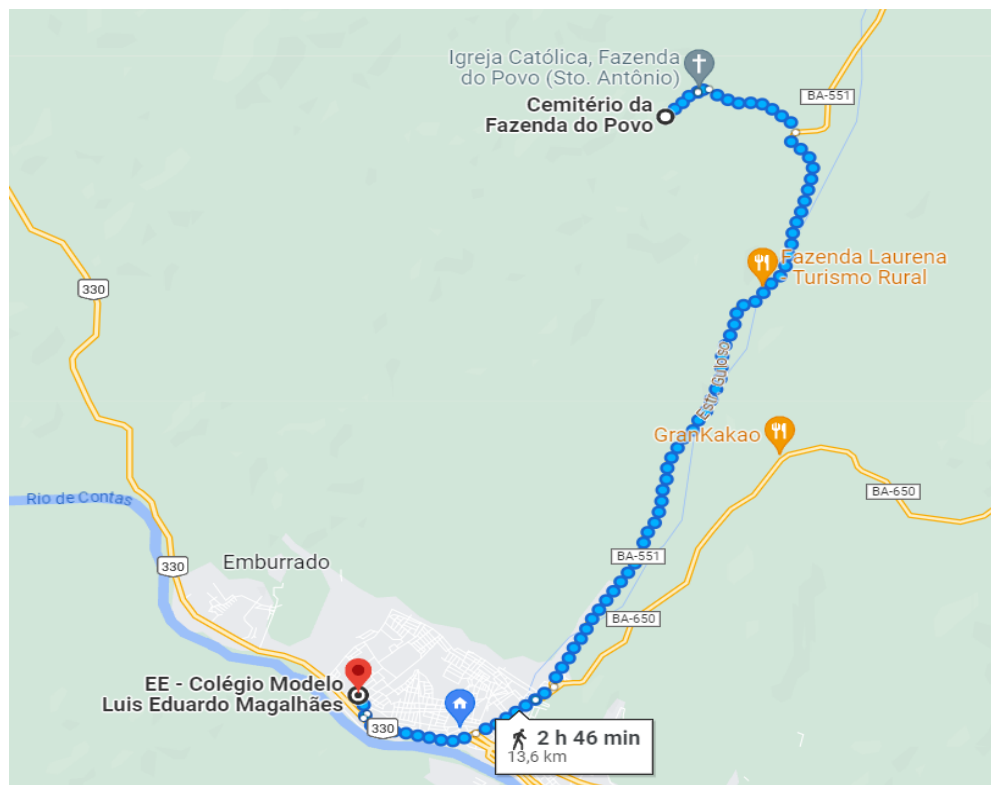
Em vista disto, a extensão mostra-se como uma oportunidade de integração da teoria ensinada na sala de aula à realidade social na qual o(a) aluno(a) está inserido(Serva, 2020), principalmente se considerada recente debate atual sobre a integração entre ensino e extensão (Gavira *et al.*, 2020), chamada de curricularização da extensão (Foligno *et al.*, 2020) onde a comunidade que circunda as instituições de ensino são posicionadas, de forma que se permita o compartilhamento de conhecimentos de forma cidadã e socialmente responsável (Gomes, 2018).

Nesta intenção de compartilhamento, eu me percebi surpreendida de forma positiva, apesar da pouca idade, pude perceber que estavam animados (as) e interessados (as) pela vivência. Fiquei muito satisfeita com o grupo que iria me acompanhar. Muitos papos, risadas, histórias e partilha marcaram esse nosso primeiro encontro. Tentei deixá-lo (as) ao máximo à vontade para opinarem e acolher suas demandas (dúvidas, ansiedades, timidez) para se sentirem parte integrante. Na reunião, foram surgindo ideias para o momento na Fazenda do Povo numa tentativa de interagir e de como ouvir as experiências e costumes das raizeira, na intenção de um momento voltado para prática e rotina do uso das plantas medicinais de forma mais participativa.

Outro momento necessário foi a minha ida à comunidade antes do momento da visita com os (as) alunos (as). Com a ajuda de uma moradora da comunidade, fui orientada sobre as raizeiras pertencentes ao povoado que tinham como prática o uso das plantas medicinais e que conhecem as plantas. Fui apresentada a três senhoras

muito simpáticas e que aceitaram sem hesitação compartilhar sua relação com as plantas. Senti nos olhos delas a felicidade em participar e contribuir com o que sabem para o trabalho. A imagem abaixo (Imagem 6) mostra o trajeto e distância entre o município de Ipiaú e a Fazenda do Povo, que só foi possível marcando como referência o cemitério da comunidade, que foi mais fácil de encontrar no mapa.

Imagem 6- Mapa apresenta o deslocamento entre CIEI até a Fazenda do Povo.



Fonte: <https://www.google.com/maps/dir>.

Chegando à casa das raizeiras, expliquei como seria a visita com os alunos (e eu) e o objetivo do projeto. Após esclarecimento do trabalho e como seria a vivência, dei a oportunidade das mesmas em aceitar ou não a participar do trabalho. As três toparam e ali mesmo foi assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE confirmando e autorizando a colaborar com a pesquisa. Apresentei também os riscos, minimização dos riscos e benefícios, conforme Resolução CNS n. 510/2016, Art.5. A escolha dessa faixa etária se deu por terem experiência maior de uso das plantas e uma maior troca com a natureza, o que não significa dizer que essas pessoas saibam mais, mas quero fazer essa relação e discussão entre estas gerações. Segundo o IBGE (2020), são consideradas idosas as pessoas com 60 anos

ou mais, apesar do projeto de Lei 5383/19, que altera a legislação vigente que muda de 60 para 65 anos para ser considerado idoso. Essa escolha se deu pela minha experiência na comunidade, uma vez que observei certa urbanização do povoado e alguns costumes estão sendo deixados de lado pelos mais jovens, e o intuito da pesquisa é justamente o resgate e partilhamento do conhecimento das plantas medicinais e suas aplicabilidades na odontologia.

Segundo Araújo e Quaresma (2014), a visita guiada tem como característica a flexibilidade que permite uma interação entre o objeto em estudo, estimulando a experiência e o aprendizado e colaborando na preservação do meio social. É muito importante uma organização e planejamento para executar as metodologias pensadas. A visita guiada foi direcionada a partir das idosas, em que foram observadas as características e o conhecimento cultural referente às plantas medicinais e suas aplicabilidades.

As visitas guiadas representam uma ferramenta valiosa para a implementação da extensão como princípio educativo. Essas excursões organizadas têm o potencial de enriquecer significativamente a experiência educativa, conectando os (as) interessados com o mundo real e ampliando seus horizontes. A seguir, elenco cinco maneiras pelas quais as visitas guiadas são importantes para a extensão como princípio educativo:

a) Conexão com as práticas: as visitas guiadas proporcionam aos (as) alunos(as) e demais educadores(as) a oportunidade de aplicar conceitos teóricos em contextos práticos. Isso torna o aprendizado mais tangível e relevante, auxiliando na compreensão profunda do conteúdo acadêmico. Por exemplo, uma visita a um museu de história pode dar vida aos eventos estudados em aulas de história, tornando-os mais concretos e compreensíveis. Na minha pesquisa, minha intenção era compreender como as raizeiras lidam com as plantas medicinais e como reconhecem a natureza a partir de sua observação e prática.

b) Exposição à diversidade cultural: visitas a locais diversos, como museus, comunidades locais ou até mesmo viagens internacionais, expõem os estudantes a diferentes culturas, tradições e perspectivas. Isso ajuda a promover a conscientização cultural e o respeito pela diversidade, aspectos fundamentais da formação de cidadãos globais. Na minha proposta, amparada na noção da extensão como princípio pedagógico, fomentar a experiência de (re)conhecimento dos saberes e práticas com

as plantas medicinais, próximas ao local onde estudam. A viabilidade destas ações se dá a partir das intencionalidades institucionais, da aceitação das comunidades em acolher e dialogar com alunos (as) e educadores (as) e de propiciar espaços de interação e reflexão críticas sobre os achados e conhecimentos construídos. Fiz a visita inicial sozinha, pois precisava antever as possíveis dificuldades, potencialidades e planejamentos para quando levasse os (as) alunos (as).

c) Desenvolvimento de habilidades sociais: durante as visitas guiadas, os (as) alunos (as) e educadores(as) têm a oportunidade de interagir com guias, outros(as)alunos(as) e membros da comunidade. Essas interações promovem o desenvolvimento de habilidades interpessoais, como comunicação eficaz, empatia e respeito pelas opiniões dos outros, habilidades essenciais para a vida em sociedade.

d) Aprendizado experiencial: a aprendizagem prática é muitas vezes mais eficaz do que a teoria pura. As visitas guiadas permitem que os(as) alunos(as) experimentem e testem na prática o que aprenderam em sala de aula, reforçando o conhecimento e promovendo a retenção a longo prazo. Aqui temos uma das questões mais importante da pesquisa desenvolvida por mim. Na relação entre a fenomenologia e a extensão, a experiência se desvela e se revela em sintonia com a consciência. Importa dizer que tal dimensão experiencial é fundante para a formação engajada e crítica.

e) Relação com a comunidade: além de possibilitar aos (as) alunos (as) a se perceberem parte da sociedade, as visitas guiadas também podem ter uma relação importante com as comunidades visitadas. Ao colaborar com projetos locais ou apoiar causas em visitas com foco social, os (as) alunos (as) contribuem para o bem-estar e desenvolvimento dessas comunidades, demonstrando como a extensão educativa pode ser uma via de mão dupla, beneficiando tanto os aprendizes quanto a sociedade.

Em resumo, as visitas guiadas desempenham um papel importante na promoção da extensão como princípio educativo, enriquecendo o aprendizado, promovendo o engajamento comunitário, desenvolvendo habilidades sociais e culturais e conectando o conhecimento acadêmico à prática. Elas representam uma poderosa ferramenta para a formação de cidadãos (as) conscientes, críticos e socialmente responsáveis.

Assim, na intenção da visita guiada, a primeira raizeira que visitei sua casa, eu chamarei⁵ de Rosa, que é Agente Comunitária de Saúde aposentada, 75 anos de experiência e vida rural. Ela contribuiu durante anos na organização e manutenção da saúde das pessoas da comunidade e hoje segue trabalhando na roça “para não ficar doente e enferrujada” disse a mesma. Ela adorou a ideia de conversar e mostrar as plantas que ela conhece e como são usadas. Rosa conhece muito o poder das plantas e sabe seus nomes e as reconhece de longe, tudo guardado e registrado na mente, revelando que sabe cada pessoa que faz uso e como a sua intenção de sempre indicar a quem precisa.

Após aceitar o convite, fomos à casa de Flor, que fica mais ou menos 300 metros da casa de Rosa. Flor é moradora da comunidade, nascida e criada em área rural e conhecedora dos famosos “lambedores”, conhecidos xaropes caseiros. Ela estava repousando quando chegamos e, ao chamar seu nome, ela despertou e nos recebeu. Ela, mais tímida e reservada, tentou entender melhor o que seria de fato esse bate-papo comigo e os (as) alunos (as). Após a minha explicação, ela aceitou participar e pediu que avisasse com antecedência para se “organizar melhor”. E assim conseguimos nossa segunda moradora da Fazenda do Povo disposta a falar sobre as plantas medicinais e seu poder de cura. Por fim, fomos para a casa de dona Margarida. Uma senhora com muito carinho no olhar nos recebeu e abriu sua casa para nós. Ela aceitou prontamente a ideia de participar, reforçando “acho muito importante e me sinto feliz em fazer algo tão importante”. Conversei que avisaria com antecedência o dia e horário e que seríamos eu e mais cinco alunos (as). Finalizei então a primeira etapa, vista como preparação para a visita guiada.

Chegou então o dia de irmos à Fazenda do Povo (ver imagem 8), imagem da placa de entrada, povoado situado na região rural, distante onze quilômetros da cidade de Ipiaú.

⁵ Não trarei os nomes reais das raizeiras e estudantes.

Imagem 7- Entrada do povoado da Fazenda do Povo.



Fonte: foto tirada pela fotógrafa

A visita foi numa sexta-feira no turno vespertino. Às 13 h comecei a buscar o(s) alunos (as). Junto a nós, eu convidei uma fotógrafa profissional que iria registrar nossos momentos. Às 14h chegamos à comunidade e começamos a seguir em ordem de visitas da mesma forma que foi realizada no dia do convite: primeiro fomos à casa de Rosa, depois Flor e por último, Margarida. Rosa nos recebeu (ver imagem 8) de forma sorridente e satisfeita na porta de sua casa. Ela tinha ido à sua “roça” e coletado mais de vinte tipos de plantas diferentes e arrumadas numa mesa na área externa de sua casa. Acomodou-nos seus bancos e a partir daí começou a apresentar as plantas, dizendo sua aplicabilidade, qual a parte da planta e formas de utilização: “*Água-de-levante é o remédio para quem tem pressão alta, tá desesperado, é um calmante muito bom água-da-levante, a gente dorme a vontade*” fala Rosa, preservando sua originalidade. Em diálogo com os (as) alunos (as), ela foi falando com total intimidade e sabedoria sobre sua experiência com aquelas plantas. Aos olhos atentos e curiosos, os (as) alunos (as) foram prestando atenção e anotando tudo o que ouviam. Ficaram ali empolgados (as) com tamanha memória e sabedoria. Rosa, sem esforços, trouxe junto a forma de uso e quais doenças elas tratavam. Ela muito cuidadosa e experiente conseguia a partir de sua exposição mixar as plantas e fazer uma nova receita, “*Aí pega ela também toma, ela tira essa casca verde, aquela carne de dento, a pessoa bate no liquidificador com mel de abelha e pode ser também com transagi junto os dois, transagi*” fala de Rosa preservando sua originalidade. O que se pode observar a

partir das raizeiras e da vivência dos alunos(as) da EPT é que há uma construção de uma educação popular dialógica, ou seja, uma dialogicidade de saberes.

É visto na vivência com as raizeiras o saber popular sendo apresentado de forma reflexiva, construída a partir da experiência, da observação e do acúmulo de conhecimento. Ela não traz na sua fala apenas as plantas e para que serve, ela mostra embasamento e exemplos, consegue descrever as doenças e suas características numa tentativa de facilitar o entendimento, ficando claro em sua fala:

O mata-pasto ele é bom, pá izipela. Eu acho que não sei se vocês cunheci, mas já viu falar. É uma doença que dá nas pernas, fica aquela bolha de fogo, pariceno que, que você jogou água quente, aí aqui não bebi, essa daqui não bebi, essa daqui à pessoa só faz banhar as perna porque aí, todo mundo sabe que a izipela, ela toma os órgão da pessoa. Aqui, mermo, morreu uma pessoa, eu não acreditei, viu porque te falei, tomar os órgão? Aquela muler, foi no dotor que não sou eu foi pra Jequié, mais um dia o jogador, na televisão falou pá Faostão que ele deu uma izipela na perna que ele levou deis dia internado, como ele tinha dinheiro ele sarou, ele já tava tomano meus órgão, meu figdo, o coração, tudo a doença já tava tomano” originalidade da fala preservada.

A fala da raizeira mostra que não é apenas uma indicação sem nexos do uso da planta, ela vem contextualizada e embasada nas experiências vividas, e também indicada com a forma correta de uso, demonstrando intimidade com a planta. Abaixo (imagem 8) é mostrada a parte planta na sua forma natural extraída do seu quintal e indicada como deve ser utilizada para tratar a erisipela.

Imagem 8-Momento com a raizeira Rosa.



Fonte: foto tirada pela fotógrafa

Encerrando a exposição, a mesma ficou aberta a perguntas e curiosidades (Imagem 8). Muito alegre e sorridente, pediu para tirar fotos com a gente e disse que está disponível caso precise de mais alguma informação. E concluiu dizendo “*Se revelar, traz uma pra mim, se quiser levar as prantas pra casa, pode levar*”.

Imagem 9- Momento com a primeira raizeira.



Fonte: foto tirada pela fotógrafa

Seguindo a ordem de convite, fomos à casa de Flor (ver Imagem 10), a mesma estava descansando quando chegamos. Ao ouvir minha voz, levantou, olhou pela janela, ajeitou o cabelo e veio em direção à porta nos atender. Ela nos recebeu preocupada, tímida e um pouco insegura. Comecei a conversar para descontraí-la e aos poucos a timidez foi vencida pelo conhecimento e ela abriu seu coração para contar sobre seu famoso lambedor (xarope caseiro) com 27 ervas que faz há muitos anos, apesar de não revelar todas as plantas utilizadas na sua receita. Segundo ela, o segredo do efeito se dá por não conhecer o que tem dentro, “*eu falo aqui de casa, eu que não posso usar uma dose, porque o que tem aí, a pessoa toma, não pode saber, né? E eu sei de tudo que eu coloco. Então, pra mim, num serve*”. *Entusiasmada*, nos revela “*agora, mermo eu tô com minha xaropada aí no fogo (ver imagem 11). “Eu tô com um caldeirão de uns 20 lito. Tá lá no fogo, lá eu tô preparano”* Fala Flor, preservada sua linguagem original.

Imagem 10- Caldeirão de 20 litros no fogo à lenha



Fonte: Foto tirada pela fotógrafa

A visita foi marcada por momentos de alegria e emoção, muitas histórias contadas e muito conhecimento compartilhado. Cada palavra foi ouvida com atenção, enquanto iam mostrando as plantas, elas iam falando para que serviam e como era a sua forma de uso, e com isso despertou muito interesse pelos alunos(as), em olhar e, ao mesmo tempo, escrever para que não perdesse nenhum detalhe importante. Cada visita trouxe uma experiência nova para os alunos (as), cada idosa trouxe algo particular, uma identidade única na vivência, fazendo com que cada encontro fosse único e diferente.

Imagem 11- Momento com a segunda raizeira



Fonte: foto tirada pela fotógrafa

Ela foi contando como aprendeu a receita (com a sua mãe) *“Isso aí há muito tempo que eu já sei. Que assim, minha mãe, né? Passou pra nois”*. E deixa claro na sua fala como ela fica triste pelos filhos não se interessarem em aprender para dar continuidade à tradição *“...esse jovem de hoje, eles não pensa muito nessas coisas não”* e complementa ainda elogiando os alunos(as), *“Vocês está no interesse aí de aprender, mas agradeça a Deus pela atitude de vocês, que tem uns aí que não quer nada não.”* E ficou claro do amor aplicado naquele caldeirão (imagem 12). Enquanto ela falava, as lágrimas desciam em seu rosto, fazendo todos chorarem com sua história de amor com as plantas medicinais. Ela hoje comercializa seu lambedor e é muito conhecido na Fazenda do Povo porque serve pra muita coisa, afirma ela, serve: *“Pá gripe, pá tosse, pá garganta, pigarro, tudo isso. Febre, pá tudo isso.”* Os alunos olhavam com admiração e muito respeito para ela, anotaram e falaram sobre a importância da mesma na contribuição do trabalho. E ao se despedir, ela agradeceu a oportunidade de falar da sua receita e como ela estava feliz naquele dia, e pediu desculpas por ficar insegura quando chegamos à sua casa.

Imagem 12- Caldeirão de lambedor no fogo à lenha



Fonte: foto tirada pela fotógrafa própria

Terminando nossa visitação, fomos direto à casa de Margarida (ver Imagem 13), uma senhora cheia de amor na voz que já nos aguardava sentada no sofá e sorriu ao nos avistar de longe. Ela, conhecida como rezadeira do povoado, há muitos anos rezava para tirar *“olho gordo e quebranto”*, mas segundo Margarida, tem um tempinho

que parou de rezar, e na comunidade ainda não se sabe de ninguém que vá substituí-la nas rezas com folhas.

Imagem 13- Momento com a terceira raizeira



Fonte: foto tirada pela fotógrafa

Ela compartilhou muitas plantas e uma receita de lambedor. Muito calma na sua fala, também contribuiu para a construção do diário de bordo dos alunos e trouxe plantas ainda não citadas pelas demais e colaborou com grandiosidade para o nosso trabalho. Ela seguiu com a entrevista com muita humildade e satisfação e começou falando de plantas para tratar problemas que acometem a cavidade bucal, e diz: *“Olha! Pra dor de dente, eu conheço a pranta que chama buticudo, ele é um matinho que tem uns espinho. A gente cozinha quando ele tiver morno, banha a boca, não, não pode engolir, só graguejar e jogar fora”*. E ainda complementa falando de outra planta que pode ser usada no tratamento de doenças em crianças: *“Tem um problema numa doença que as crianças sempre dá, chama sapinho, que a criança fica com a boca toda alva. Tem um matinho que ele já chama mermo, pelo nome do pobrema, ele chama sapinho”*. Se pensarmos em fenomenologia a partir de Moreira (2002, p. 65), *“a tarefa da Fenomenologia é estudar a significação das vivências da consciência”* encontramos nesses relatos muito sobre fenomenologia, já que se pretende a partir dele encontrar a ciência das essências e não basicamente dos fatos.

A partir da fala de Margarida, podemos observar o quanto de conhecimento agregado há. Existe uma dialogicidade nas suas receitas, elas não são prescritas

aleatoriamente, sem um cuidado ou responsabilidade, existe por trás toda uma coerência explicada e justificada embasada em ciência:

“É cozinhar a folha do café, pô numa vasilha e respira, e a pessoa respira aquela quintura, que tá saindo daquela fumaça. Agora, ter cuidado, que num pode lavar o rosto mediatamente, porque aquela quintura fica prenetano no rosto da pessoa. Então, a pessoa não pode lavar com água fria em seguida, tem que ser de um dia pra o outro, respirar o chá aquele dia e no outro dia lavar o rosto, se lavar em seguida tem que ser água morna”.

É visto em todas as falas como são feitas as receitas e quais partes das plantas são usadas. Mas, indo além, há muito conhecimento e experimentações agregados tanto com as plantas como também em outras áreas do conhecimento, e isso fica claro quando Margarida orienta o uso de um chá: *“Num leva açúcar a não ser que a pessoa quera colocar o açúcar ali. Mais remédio, praticamente o remédio caseiro é mais sem açúcar, usa mesmo ele sem o açúcar que é mais é mais persistente do que ele com açúcar. O açúcar já trais pobrema, né? Nem todo mundo usa açúcar”*. Observe no quadro 2 abaixo os nomes das plantas citadas pelas raizeiras, suas aplicabilidades na cura e/ou prevenção e a parte da planta usada.

Quadro 2: Nomes das plantas medicinais e suas aplicabilidades apresentadas pelas raizeiras

PLANTA (Nome Popular)	PARTE DA PLANTA	PARA QUE SERVE
Tioiô	Folha (chá)	Gripe e colesterol alto
Amora	Folha(chá)	Calor da menopausa
Alecrim do sertão	Folha (chá)	Gripe bom para os ossos
Mentrasto	planta (chá)	Cólica menstrual
Mastruz	planta (chá)	Gripe, inflamação no intestino
Quebra-Pedra	Folha (chá)	Pedra nos rins
Alfavaca grossa	Folha (chá)	Gripe e tosse

Erva doce	Folhas/sementes (chá)	Bom para os ossos
Hortelã	Folhas (chá)	Vômito e pressão alta
Hortelã	Folhas (sumo)	Verme
Água da Levante	Folhas (chá)	Pressão alta e calmante
Tanchagem	Folhas (chá)	Cólica menstrual e câncer
Babosa	Folha (gel interno da folha)	Queda de cabelo
Mata pasto	Folha (banhar no local)	Erisipela
Boldo	Folha (chá)	Fígado, intestino
Buraninha	Folha (chá)	Infecção intestinal
Folha da costa	Folha (chá)	Gripe, falta de ar
Gegibão +Maria preta	Folhas (chá)	Tosse e gripe
Aroeira	Folha (chá)	Tosse e cicatrizante
Artimijo	Folha (chá)	Banho e beber
Folha do ar	Folha (chá)	Derrame
Capim Estrela	Folha (chá)	Tosse e DST
Semente de melão	Semente (chá)	Prisão de ventre, derrame
Salsa	Folha (chá)	Intestino preso
Carqueja	Folha (chá)	Diarreia
Carro santo	Folha (chá)	Febre
Manjerição	Folha (chá)	Pressão alta e calmante
Agrião	Folha (chá)	Tosse
Acerola	Folha (chá)	Gripe
Beldroega (treme-treme)	Folha (chá)	Anemia e dor de barriga
Beldroega (treme-treme)	Folha (sumo)	Dor de dente (em cima)
Goiaba	Folha (chá)	Cólica menstrual
Malmequer	Folha (chá)	Tosse e dor no corpo
Carrapicho de agulha	Folha (chá)	Cicatrizante e anti-inflamatório

Tapete	Folha (chá)	Constipação
Jurubeba	Folha (chá)	Gripe e diabetes
Algodão	Folha (chá)	Tosse
Cravo de defunto	Folha (chá)	Combate à dengue
Carqueja	Folha e semente (chá)	Dor de barriga
Capim da lapa	Folha (chá)	Calmante
Sabugueira	Folha (chá) e banho	Catapora, sarampo e bexiga
Erva cidreira	Folha (chá)	Pressão alta e intestino preso
Laranja	Folha (chá)	Pressão e gripe
Pinha	Folha (chá)	Câncer
Capim Santo	Folha (chá/sumo)	Pressão alta
Boticudo	Folha (gargarejo)	Dor de dente
Café	Folha (chá) (respirar o vapor)	Dor de cabeça
Unha de boi	Folha (chá)	Diabetes
Pata de vaca	Folha (chá)	Diabetes
Jamborão	Folha (chá)	Diabetes

Fonte: criação própria, 2023

Muitas plantas citadas foram organizadas para que fizessem sentido e, ao mesmo tempo, facilitassem para a próxima etapa (roda de conversa), a partir da visita guiada, observamos que muitas plantas do cotidiano e presentes na alimentação no dia a dia tinham um grande potencial curador, o que serviu como ponto de partida para iniciar o momento com os alunos (as).

3.3. Roda de conversa a partir do vivido: aprofundamentos necessários

Para Melo e Cruz (2014), a roda de conversa pode ser transformada em uma metodologia que permite ser aplicada no cotidiano escolar com o intuito de melhorar as relações professor/aluno. Nessa perspectiva, essa técnica estabelece uma relação horizontal, criando um espaço de diálogo e expandindo a percepção de si, do outro e do ambiente escolar. A roda de conversa permite que as pessoas envolvidas

exponham seus ideais, suas impressões e concepções do tema discutido, o que corrobora para o desenvolvimento de reflexão entorno do objeto da pesquisa. Não há preocupação com o consenso, podendo ocorrer convergência ou divergência, o que permite uma prática democrática em que a participação de todos os envolvidos é muito importante.

As rodas de conversa, quando se relacionam com o método fenomenológico, compartilham diversas relações significativas que refletem uma abordagem comum na exploração da experiência humana e da subjetividade. No que tange o aprofundamento da experiência subjetiva, tanto as rodas de conversa quanto o método fenomenológico buscam entender a experiência subjetiva das pessoas. Nas rodas de conversa, os participantes compartilham suas vivências pessoais, enquanto a fenomenologia analisa as estruturas subjacentes à experiência individual.

Após as visitas guiadas, refletimos como aqueles saberes e práticas das raizeiras se colocavam como interessantes e articuladores com a formação técnica em saúde bucal. Assim, cada aluno e aluna fizeram sua reflexão individualmente: trouxeram a importância em aprender para ensinar em casa; falaram muito sobre a mente brilhante dessas raizeiras que não esqueceu o nome de nenhuma planta, sua aplicabilidade na cura e a parte da planta utilizada. Após essa exposição, fica nítido que a disponibilidade daquelas mulheres em dialogar a partir do que conhecem e praticam suscitou nele e nelas um sentimento de curiosidade e até negação do que foi ouvido. Não no sentido de dúvida, mas no sentido de que aquilo que aprendem no curso nem sempre reconhece esses saberes e práticas como válidos. Esse aprofundamento da subjetividade pode inculcá-los nas próximas aulas e até na sua atuação profissional de forma crítica e mediada pela pesquisa e escuta a formas diversas de interação entre ciência e saber.

Outra relação entre as rodas de conversa e a fenomenologia é a ênfase na escuta empática. Em ambas as abordagens, a escuta atenta e empática é fundamental. Nas rodas de conversa, os participantes são encorajados a ouvir com compreensão e respeito. Na fenomenologia, os pesquisadores adotam uma postura intropática ao explorar as experiências entre ele (as). O que Husserl está propondo é uma clarificação transcendental, ou melhor, uma “teoria transcendental da experiência do que me é alheio, da chamada intropatia” (Husserl, 2010, p. 134).

Para Vieira (2016, p. 158):

A intropatia é a vivência intencional na qual o sentido 'alter ego' se constitui e confirma sua efetividade, ou seja, é a experiência em que se dá o "aí-para-mim [Für-mich-da] dos outros" (HUSSERL, 2010, p. 134, grifo do autor). Revolvendo a etimologia do termo alemão original, 'Einfühlung', English (2009, p. 54) explica que se trata da experiência de um sentimento (fühlen, sentir) que faz com que se penetre na (ein) compreensão daquilo ao qual ele está relacionado. Assim, no uso corrente em alemão, Einfühlung designa algo como uma compreensão pelo sentimento – e provavelmente seja a ideia de uma forma de apreensão direta (no caso em questão, de uma outra subjetividade) que tenha levado Husserl a adotar tal termo, embora ele mostre reservas quanto ao seu uso.

No que diz respeito a esse tema, Moran e Cohen (2012, p. 94) destacam que, na filosofia de Husserl, a intropatia se refere ao fenômeno de experimentar ou refletir sobre si a partir da perspectiva em primeira pessoa que faz parte da experiência de outra consciência. De acordo com esses mesmos autores, Husserl utiliza a expressão reflexiva 'sich einfühlen', que literalmente significa 'sentir-se em' (MORAN; COHEN, 2012, p. 95).

Apesar da complexidade da reflexão, compreendo que o "sentir-se em" se revela na extensão como princípio educativo quando cada um(a) dos(as) alunos(as) se reposiciona no seu lugar de futuro técnico(a) e compreende que raizeiras conhecem e até ficam confusos(as) sobre o que de fato é ciência. Ao ouvir de uma delas que "sabem tanto que surpreende pela memória, nada estava escrito", quando se apresenta então o deslocamento do lugar de futuros técnicos para o lugar de escuta sensível e aprendizagem que possui significado prático.

Assim, na desconstrução de pressupostos, tanto as rodas de conversa quanto a fenomenologia incentivam a desconstrução de pressupostos e preconceitos que podem distorcer a compreensão das experiências humanas. Nas rodas de conversa, o diálogo aberto desafia estereótipos e preconceitos. Na fenomenologia, a análise crítica busca revelar as estruturas fundamentais da experiência, independentemente de conceitos preexistentes. A participação ativa dos sujeitos, em ambas as abordagens, desempenha um papel ativo. Nas rodas de conversa, os (as) participantes compartilham suas próprias perspectivas e experiências. Na fenomenologia, os (as) participantes são essenciais para fornecer informações sobre suas próprias experiências, que constituem o foco da investigação, então, tanto nas rodas de conversa quanto na fenomenologia enquanto método, promovem o diálogo aberto e respeitoso. Isso cria um ambiente propício para que os (as) participantes se expressem livremente, compartilhem experiências e perspectivas, e se sintam ouvidos e valorizados.

Continuando, a busca por significado e significação são elementos importantes em uma roda de conversa. Essas relações também são importantes na fenomenologia. Ambas estão interessadas na busca por significado e significação nas experiências humanas. Nas rodas de conversa, os participantes exploram e compartilham o significado de suas experiências. Na fenomenologia, a pesquisa visa desvelar as estruturas de significado subjacentes às experiências. Então como a extensão pode suscitar essas estruturas se não pela experiência mediada com a realidade? Ouso dizer que desde que perguntei se os(as) alunos(as) conheciam plantas medicinais, confirmaram conhecer algumas. Porém, por fazerem parte do cotidiano, essa prática de uso está misturada com outras práticas do cotidiano. Ao vivenciarem as informações construídas pelas raizeiras, suas próprias experiências com as plantas em casa e as discussões suscitadas nas aulas se colocarão no lugar de reflexão e aproximação, potencialmente. Admito refletir que a partir de agora olharão essas práticas com as plantas medicinais de outra forma.

Assim, acerca do aprofundamento da subjetividade e intencionalidade, nas rodas de conversa, os participantes compartilham suas intenções, motivações e percepções pessoais, refletindo a dimensão subjetiva da experiência. Na nossa roda, o que ouvi dos(as) alunos(as) foi o quanto a participação no projeto mudou suas vidas e sua relação com a natureza, como disse Crístofi: *“participar do projeto me ensinou muitas coisas. Eu aprendi fazendo, me aproximei da natureza e fiquei melhor em encontrar informações”*.

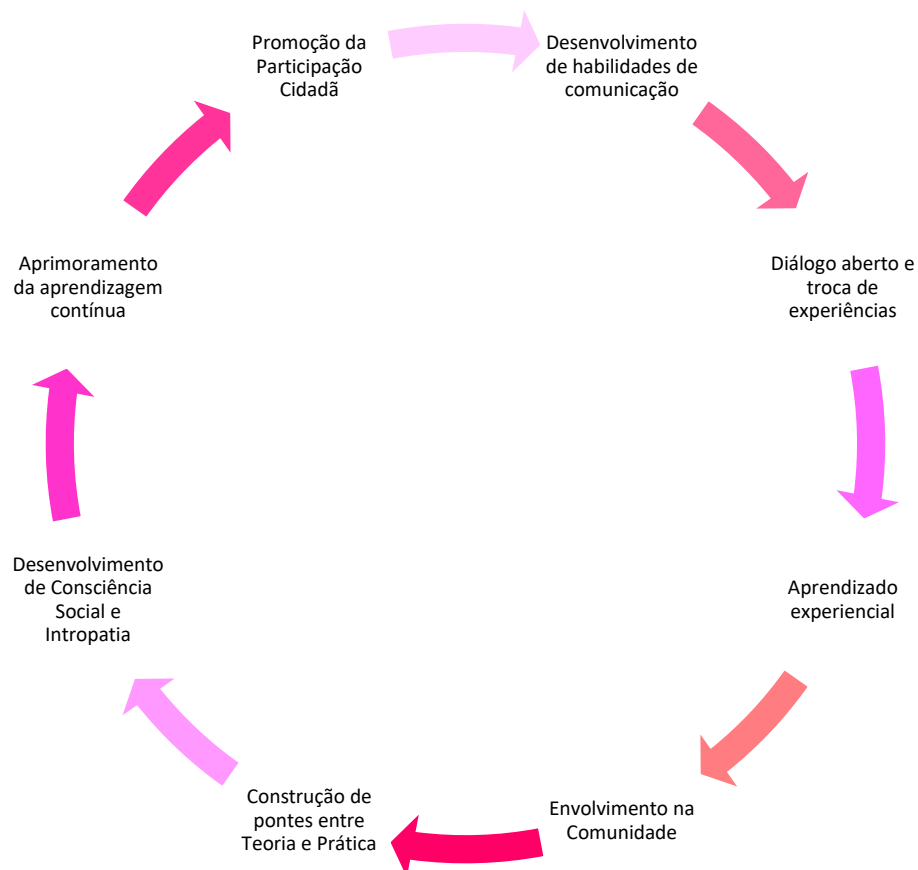
No momento, estavam mais íntimos da pesquisa e com a proposta mais esclarecida, isso fez com que despertasse neles o desejo de falar e colaborar para a execução das demais etapas. Senti nas suas falas inquietações sobre os conceitos anteriores e de como a experiência acrescentou em sua vida pessoal, como disse Tiana: *“tudo isso mudou minha maneira de ver as plantas medicinais e abriu portas para aprender mais e estar mais conectada com a natureza”*.

A experiência realizada com a roda de conversa proporcionou uma discussão e reflexão de forma espontânea, sem ter havido uma necessidade de organização metodológica prévia, e com isso o diálogo proporcionou uma construção e (re)construção do conhecimento e novos conceitos. O encontro com divergentes formas de pensamento enriqueceu o momento, favorecendo o momento. E fica claro

quando Jasmine deixa claro em sua fala “*como as plantas medicinais são importantes para a saúde*”.

Em resumo, as rodas de conversa e o método fenomenológico estão interligados em sua abordagem à exploração da experiência humana, promovendo a escuta empática, desconstruindo pressupostos, valorizando a participação ativa dos sujeitos e buscando compreensão e significado nas experiências. Ambas as abordagens incentivam a reflexão crítica e promovem a empatia e o diálogo construtivo. As rodas de conversa (figura 6) como princípio educativo compartilham relações intrínsecas, uma vez que enfatizam a interação social, a troca de conhecimento e a conexão entre teoria e prática. Elaborei a Figura 7 para destacar a importância da roda de conversa:

Figura 5- Importância da roda de conversa



Elaboração: da autora (2023).

Tanto as rodas de conversa quanto a extensão como princípio educativo promovem o diálogo aberto e a troca de experiências. Nas rodas de conversa, os

participantes compartilham perspectivas e conhecimentos pessoais, enquanto na extensão, os estudantes aplicam seu conhecimento teórico em projetos práticos, enriquecendo a aprendizagem por meio da interação. Sobre o desenvolvimento de habilidades de comunicação, os(as) participantes aprendem a ouvir atentamente e a expressar suas ideias de maneira clara. Na extensão, os estudantes aprimoram suas habilidades de comunicação ao trabalhar com a comunidade e colaborar em projetos, onde aprendem uns com os outros e com suas próprias experiências de vida. Na extensão, os estudantes aprendem aplicando seu conhecimento em situações reais, o que torna a educação mais prática e significativa.

Neste sentido, as rodas de conversa são muitas vezes realizadas em contextos comunitários, onde os participantes discutem questões relevantes para suas vidas. Na extensão, os estudantes colaboram com a comunidade em projetos que abordam necessidades locais, onde a teoria é discutida em termos de como se aplica à realidade e se aplicam os conhecimentos adquiridos em sala de aula para resolver problemas reais, reforçando a relevância do aprendizado, o que pode levar a uma compreensão mais profunda das questões sociais. Na extensão, o envolvimento na comunidade promove a empatia ao lidar com as necessidades e desafios da comunidade.

A minha intenção era fomentar os alunos (as) a ser encorajado a discutir questões sociais e políticas e a considerar seu papel na sociedade. Na extensão, os estudantes se envolvem ativamente na solução de problemas da comunidade, tornando-se agentes de mudança cidadã, aprimorando a aprendizagem contínua. Em síntese, as rodas de conversa e a extensão como princípio educativo compartilham uma ênfase na interação social, no aprendizado experiencial, na comunicação eficaz, no envolvimento na comunidade e na promoção da cidadania ativa. Ambas as abordagens podem enriquecer a educação, tornando-a mais relevante, significativa e socialmente consciente.

Na nossa roda de conversa, imbuída em todas essas questões debatidas anteriormente, fizemos um levantamento a partir do diário de bordo, onde cada um expôs suas anotações e impressões, levando em consideração os conhecimentos prévios e recém-construídos com relação às plantas medicinais comumente utilizadas. O momento foi muito importante, porque eles já estavam totalmente envolvidos com a experiência e mostraram intimidade com os conceitos trazidos a partir das falas das

raizeiras. Percebi nas suas falas a importância em conhecer e saber utilizar as plantas medicinais, e mais ainda a preocupação com o legado dessas informações, visto que ficou claro nas falas das raizeiras que há certo desinteresse dos mais jovens em conhecer e orientar o uso das plantas de forma terapêutica.

Imagem 14-Roda de Conversa após análise dos dados



Fonte: própria

Posteriormente à redução eidética, nos encontramos para outro momento (roda de conversa) com os (as) alunos(as) para trazer os achados da redução eidética (imagem 14) e apresentar meu ponto de vista através desses achados. Muitas indagações e dúvidas sobre como foram encontrados os mesmos. Após a conversa, as coisas foram ficando mais claras e concluíram que o momento com as raizeiras foi de grande importância para sua formação pessoal e profissional, e trataram com muita seriedade a ideia de criação do Padlet. Ficaram ansiosos para acompanhar e até participarem da construção da página.

E a última fase foi a criação do Padlet juntos (eu e os/as alunos/as) a partir de todo o processo: redução eidética e roda de conversa. No Padlet foram colocadas todas as experiências do processo. Trata-se de uma plataforma digital de compartilhamento de informações na perspectiva de rede social que será explicada mais adiante.

2. EXTENSÃO COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO: TENSÕES E ASSIMILAÇÕES POSSÍVEIS

No Brasil, a Extensão tem por objetivo a qualificação de uma aprendizagem ativa em uma relação de diálogo efetivo - para/com/a partir - da sociedade. Essas ações requerem a formação de saberes, a práticas que transformem todos os setores da sociedade, podendo ser de variadas formas, como: oficinas, projetos, cursos, prestação de serviços e eventos (Coelho, 2021). O conceito foi aprimorado pelo FORPROEX em 1987, em que é percebido como:

Uma via de mão dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento (FORPROEX, 1987, p.1).

A Extensão na Rede Federal de EPCT (Educação Profissional Científica e Tecnológica) está prevista no inciso VII do Artigo 6º e inciso IV do Artigo 7º da Lei n.º 11.892, de 29 de dezembro de 2008, e assimila a extensão como parte fundamental do processo formativo. Antes prevista apenas no ensino do nível superior, que busca contribuir nas resoluções que não foquem apenas nas necessidades econômicas, como também culturais, sociais e ambientais, levando em consideração as particularidades locais. Essas intervenções devem ser feitas a partir de um processo educativo de investigação para serem capazes de suprir as demandas sociais e se relacionar de forma positiva às demandas da população, e assim:

A Extensão, ao integrar-se às ações de ensino e de pesquisa visando atender às demandas da população, contribui com a formação de um profissional cidadão e se credencia na sociedade como espaço privilegiado de produção e difusão do conhecimento na busca da superação das desigualdades sociais (Coelho, 2021, p.23).

É de grande importância entender que a extensão será sempre um diálogo entre um grupo social e sociedade acadêmica e tem por objetivo uma formação de melhor compreensão da sociedade e uma oportunidade de levar para fora das salas de aula extravasando o conhecimento, e fazer com que as ações extensionistas tenham um impacto direto nas relações com a comunidade.

Freire (1978) considera que:

O importante, na verdade, num tal trabalho com o povo, é o exercício daquela postura crítica diante da realidade, em que esta começa a ser tomada, cada vez mais rigorosamente, como objeto de conhecimento, na análise da própria ação transformadora sobre ela. É ter na atividade prática um objeto

permanente de estudo de que resulte uma compreensão da mesma que ultrapasse o seu caráter imediatamente utilitário. É ter nela não apenas a fonte do conhecimento de si mesma, da sua razão de ser, mas de outros conhecimentos a ela referidos.

No que tange à extensão como princípio educativo a partir da experiência dos (as) alunos (as) do curso técnico em saúde bucal, eu, enquanto pesquisadora e as raizeiras ficam compreendidas a experiência transformadora nesta troca recíproca. De tudo o que foi vivenciado, a nossa atuação a partir dessa dialogicidade será profissionalmente diferente. Lembro-me de quando, ao observar um frasco com lambedor, pensei que naquele *blend* de plantas, a ancestralidade, a oralidade, a presença com e na natureza, a experimentação e observação estavam postas como construções inspiradoras.

Eu continuo a refletir com Freire (1978, p. 16) sobre o papel transformador da educação, ao afirmar que:

Por tudo isto é que, para os colonizados que passaram pela alienante experiência da educação colonial, a "positividade" desta educação ou de alguns de seus aspectos só existe quando, independentizando-se, a rejeitam e a superam. Quando, assumindo com seu povo, a sua história, se inserem no processo de "descolonização das mentes", a que faz referência Aristides Pereira; processo que se alonga no que Amílcar Cabral chamava de "reafricanização das mentalidades". E isto implica na transformação radical do sistema educacional herdado do colonizador, o que não pode ser feito, porém, de maneira mecânica. Envolvendo fundamentalmente uma decisão política, em coerência com o projeto de sociedade que se procura criar, esta transformação radical requer certas condições materiais em que se funde, ao mesmo tempo, em que as incentive. Requer não apenas o aumento indispensável da produção, mas a sua reorientação, ao lado de uma diferente concepção da distribuição. A clareza política na determinação do que produzir, do como, do para que, do para quem produzir. Transformação radical que, ao ser iniciada, mesmo timidamente, e em função das novas condições materiais, em um de seus principais aspectos, o da superação, por exemplo, da dicotomia trabalho manual-trabalho intelectual, provoca, necessariamente, resistências da velha ideologia que sobrevive, como um dado concreto, aos esforços de criação da nova sociedade.

O trecho acima relata um contexto específico onde ele se colocava a refletir a partir do continente africano, mas no contexto de minha pesquisa, ela é fabulosa por alimentar uma reflexão que se ampara na desconstrução de pensamentos hegemônicos e na elaboração de outro olhar sobre a formação profissional e das relações dos sujeitos como entes de transformação social. Mudar a perspectiva crítica e de atuação, prescinde de um itinerário formativo que possibilite essa formação contra hegemônica. A extensão percebida a partir do seu princípio educativo fomenta um direcionamento à assimilação de princípios desconstrutivos (no âmbito de uma

perspectiva de atuação profissional hegemônica) e prescritivos (no que concerne à humanização da atuação profissional).

A relação dialógica entre sociedade e ciência é indispensável para a construção da extensão, que significa muito mais que entregar alguma resposta para a sociedade, é a constituição do conhecimento através da pluralidade de saberes. Daí a importância de reflexão sobre a formação ontológica do homem, em que ele não se faz sozinho, é necessário construir-se a partir do meio, do grupo ao qual está inserido, da sociedade em que pertence e na dialogicidade e indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Trazida em 1987 com base no princípio da indissociabilidade e na concepção de extensão:

Essas bases deveriam caracterizar-se por meio de metodologias de ensino/aprendizagem problematizadoras e produtoras de conhecimentos confrontadas com a realidade brasileira e regional resultando em: - democratização do conhecimento acadêmico; - instrumentalização do processo dialético teoria/prática; - promoção da interdisciplinaridade; - participação efetiva da comunidade na universidade; - visão integrada do social; - relação transformadora entre universidade e as demais instâncias sociais (FORPROEX, 2006, p.22).

É importante entender que a concepção extensionista é muito mais que uma concepção assistencialista, uma vez que esse modelo deixa o sujeito robotizado, não estimulando no indivíduo uma postura crítica e atuante, colocando-o em conformidades úteis para momentos políticos.

Assim, ainda inspirada em Freire (1978, p. 20), trago a experiência dele em um trecho que parece mobilizador:

Era preciso que os estudantes guineenses estudassem, prioritariamente, sua história, a história da resistência de seu povo ao invasor, a da luta por sua libertação que lhe devolveu o direito de fazer sua história, e não a história dos reis de Portugal e das intrigas da Corte. Era preciso que os estudantes guineenses fossem chamados não a “exercícios de moldagem em barro, do poeta cego de um olho e coroados de louros”, mas a participar do esforço de reconstrução nacional. Era preciso, por isso mesmo, começar a pensar em caminhos através dos quais fosse possível provocar, mesmo timidamente, no início, as primeiras intimidades entre os estudantes liceanos de Bissau e a atividade produtiva. A “Escola ao campo”, projeto que consistia em deslocar, temporariamente, as escolas urbanas, com seus professores e seus estudantes, a áreas rurais, em que, vivendo em acampamentos, participariam da atividade produtiva, aprendendo com os camponeses e a eles algo ensinando, sem que se suprimissem as demais atividades escolares, era um desses caminhos de que nos Talava o Comissário Mário Cabral.

Uma prática educativa mecanizada amputa o direito do indivíduo de reflexão e dialogicidade consigo e o meio ao qual está inserido, é necessário a leitura da

realidade de forma que o indivíduo entenda seu papel social e como parte importante na construção do processo, independente do papel que atuam enquanto educadores as) ou enquanto cidadãos. Freire afirma que:

Através da educação problematizadora, os homens desenvolvem sua capacidade de perceber criticamente os caminhos que existem, no mundo, através dos quais e nos quais eles se encontram a si mesmos; eles passam a ver o mundo não como uma realidade estática, mas como uma realidade em processo, em transformação (FREIRE, 1987, p. 71).

Assim, quando uma raizeira, figura respeitada pela comunidade e fora dela, justamente pelos saberes e fazeres com as plantas medicinais e as experiências com a cura, observando *in loco* como se expressa a sua performatividade, conhecimento e generosidade ao dialogar sobre o que sabem, colaboram genuinamente com um processo transformador. Então, penso que posso significar, na Figura 6 a seguir, os seguintes aspectos relacionais:

Figura 6- assimilações possíveis a partir da extensão como princípio educativo



Fonte: Elaboração da autora (2023).

O sujeito vai se construindo a partir de suas experiências, quando se percebe e, ao mesmo tempo, atua sobre o mundo à sua volta, desenhando e protagonizando

sua existência e sua história. A Educação Profissional é considerada um potente divisor de águas para que esse formato de educação tenha êxito, uma vez que no exercício profissional o indivíduo possa ser preparado criticamente para colocar em prática uma formação engajada, cidadã e problematizadora. Partindo do princípio de que o sujeito é produto sociocultural-histórico, as raizeiras se disponibilizaram para dialogar e considero que essa partilha foi importante para elas e importante para nós enquanto pesquisadores. Ao valorizar aquilo que elas sabem e fazem, potencializamos que essas práticas sejam visíveis e com essa visibilidade possam se consolidar em gerações futuras.

A Educação Profissional, segundo a minha defesa de perspectiva, deve priorizar a extensão como princípio educativo ao itinerário formativo, articulando a produção de conhecimento dadas na formação desses (as) alunos (as) com aquilo que é construído e experienciado no local, na realidade vivida, no mundo objetivado. Na nossa experiência com aquelas senhoras sobre as plantas medicinais, sobre o cuidado com a saúde e a relação com a natureza, provocamos um movimento de sinergia onde a mobilização se deu pela intencionalidade do diálogo.

Paulo Freire, nas suas propostas de educação, parte do princípio de que o conhecimento é resultado do humano. Enquanto sujeitos e suas relações construídas na sua vida social, entendendo que o(a) educando(a) é produtor primário do conhecimento, compreendendo o contexto em que esses conhecimentos foram adquiridos e a partir disto torna-se fundamental para que o educador tenha em mãos ferramentas que favorecerá o processo de educação. Quando o(a) aluno(a) vivencia a produção de um conhecimento sobre as plantas medicinais e seus usos, podem objetivamente assimilar o papel educador daquelas mulheres raizeiras e relacionar os conhecimentos ali dispostos à dimensão da formação técnica. Assim,

Ao servir como elo entre as instituições de ensino e a sociedade, a extensão compartilha o conhecimento de forma cidadã e socialmente responsável, sendo um dos meios para se alcançar a responsabilidade social do ensino superior e a formação integral dos educandos (Foligno, 2021, p.81)

É observado que a experiência com as raizeiras é uma oportunidade de integração entre o contexto político e social das suas práticas e o que pode ser aprendido em sala de aula pelos (as) alunos (as). A dialogicidade é observada quando há troca entre práticas populares e a ciência, quando se valoriza esses saberes numa

relação horizontal de troca, de um lado a experiência e domínio da natureza e, do outro, os (as) alunos (as) em prol do conhecimento e desenvolvimento social.

Questiono, no entanto, como uma experiência potencialmente vivenciada não é assimilada nos currículos e formação integral destes profissionais.

Penso ainda em Cartas à Guiné-Bissau, sobre a intenção de a formação profissional estar sempre alicerçada na ideia de teoria e prática, mas ela é direcionada a um paradigma urbanocentrado e burguês. Interessante pensar que:

O importante, na verdade, num tal trabalho com o povo, é o exercício daquela postura crítica diante da realidade, em que esta começa a ser tomada, cada vez mais rigorosamente, como objeto de conhecimento, na análise da própria ação transformadora sobre ela. É ter na atividade prática um objeto permanente de estudo de que resulte uma compreensão da mesma que ultrapasse o seu caráter imediatamente utilitário. É ter nela não apenas a fonte do conhecimento de si mesma, da sua razão de ser, mas de outros conhecimentos a ela referidos. A questão que se coloca, pois, a uma sociedade revolucionária, não é a de apenas “treinar” a classe trabalhadora no uso de destrezas consideradas como necessárias ao aumento da produção, destrezas que, na sociedade capitalista, são cada vez mais limitadas, mas aprofundar e ampliar o horizonte da compreensão dos trabalhadores (trabalhadoras) com relação ao processo produtivo (Freire, 1978, p. 25).

Observar-se que o livro *Extensão ou Comunicação*, Freire (1979), traz reflexões importantes sobre uma educação humanista e a não neutralização do conhecimento, para ele o processo educativo deve acontecer como forma de libertação do sujeito, ficando evidente que todos, independentemente de posição, são criadores de conhecimento. Pode-se observar que, apesar do tempo de escrita do livro, a ideia é bastante atual, oportuna também para quem interessar em conhecer melhor a comunicação nas comunidades rurais e urbanas. Embora o livro tenha foco maior nos engenheiros agrônomos, a leitura é interessante independente da área de formação do leitor, permitindo uma ótima compreensão da proposta do autor.

Pode-se observar um paralelo entre o agrônomo e o camponês, em que pode ser feita uma analogia à relação do professor e o aluno, trazendo uma ideia equivocada do professor que tem posse absoluta do conhecimento. A ausência de dialogicidade na situação exposta por Freire deixa clara a superioridade supostamente por quem detém o conhecimento.

A extensão aparece no livro *Extensão ou Comunicação* de Freire (1979), quando a transmissão de conhecimento rompe barreiras e, ao mesmo tempo, essa troca de saberes ocorre de forma horizontal. É necessário compreender que a

definição assistencial de extensão deve ser deixada de lado e trabalhar com os discentes a partir da dialogicidade para que o sujeito se torne atuante e crítico sobre a sociedade à qual está imerso.

Pode ser observado que a partir da visita guiada ocorreu um rompimento do discurso da hegemonia acadêmica, da errônea hierarquização do conhecimento, marcado por uma antiga concepção de extensão em que a escola detém (unicamente e/ou hierarquicamente) o conhecimento acumulado e o estende para a sociedade (num movimento vertical e unidirecional), pautada no discurso de superação da desigualdade e exclusão social.

Vale ressaltar que o conhecimento científico distingue do conhecimento popular pelos diferentes meios de instrumentos do conhecer, pelos métodos aplicados e pelas particularidades na forma de observação, mas nenhum é superior ao outro e ambos têm sua importância no processo de compreensão do mundo. Mesmo com todo o conhecimento acumulado e confirmado com suas vivências, observa-se na fala de uma das raizeiras, a concepção de superioridade da ciência comparado aos conhecimentos populares, quando ela diz que *“...a medicina hoje tá muito avançada, muitas pessoas não quer ter o trabalho mais de fazer o remédio caseiro, confia mais na farmácia do que ter a planta em sua residência pá fazer ou pra se utilizar daquela pranta, né?”*.

As instituições que executam a Educação Profissional precisam expandir suas práticas educacionais para além dos muros escolares, e proporcionar aos (às) alunos (as) vivências que possam construir o seu repertório intelectual, de modo que ensinem aos mesmos a conviver em sociedade, moldando de forma positiva as experiências acadêmicas e pessoais. Esse exercício de troca contribuirá para uma formação integral do indivíduo. Nas falas dos alunos (as) alunos (as) pude perceber a potência destes momentos quando ouço Tiana: *“...tive minhas expectativas superadas! Acredito que essa pesquisa tenha agregado na totalidade”*.

É notória nas falas dos alunos (as) a contribuição do projeto na sua formação acadêmica e como pessoa. É expressa nas suas falas a gratidão proporcionada: Jasmine traz que a: *“A primeira visita já me senti acolhida e abraçada por todos na comunidade. Foi surreal participar desse projeto, me surpreendi de todas as formas.”*

Essas palavras dos (as) alunos (as) traduzem um trecho do livro *Cartas à Guiné-Bissau*:

“... Envolvidas mais e mais neste mútuo processo de aprendizagem, se encontram, pois, inseridas num ato de conhecimento de que os sujeitos são, de um lado, elas; de outro, os grupos populares com os quais entram em diálogo. Aprendendo, indiscutivelmente, destes e com estes grupos” (Freire, 1978, p.52).

O momento foi marcado por muito cuidado e respeito, onde as raizeiras iam mostrando sua intimidade com a natureza e sua relação com as plantas, enquanto nós admirávamos, fazíamos anotações e, ao mesmo tempo, tirávamos dúvidas. A dialogicidade e a relação horizontal presentes ali permitiram compreender que nenhuma técnica é superior a outra e que é fundamental articular a teoria à prática, sociedade e escola, e incentivar os sujeitos e utilizar o conhecimento como transformador da sociedade, como: “força transformadora e construtora da sociedade, capaz de capacitar, instrumentalizar, qualificar, profissionalizar, incutir valores, humanizar e facilitar a vida em sociedade” (IF Sudeste MG, 2011, p. 10).

Levar os (as) alunos (as) para a Fazenda do Povo e oferecer a eles uma dinâmica de aprendizagem que fizesse sentido ao seu itinerário formativo, é algo que colabora no despertar deles pela temática e na conexão com a natureza através das falas das raizeiras. Uma vez que as aplicabilidades e uso das plantas medicinais no cotidiano desse grupo social estão em processo de desuso, isso se dá devido ao desinteresse dos mais jovens em conhecer as plantas e suas atividades curativas, poucas pessoas na comunidade ainda detém esses saberes guardados em mente, e essa realidade fica claro quando Flor em uma das falas, diz:

“É bom, né? Mas, esse jovem de hoje, eles não pensa muito nessas coisas não. Eles pensa, às vezes até a gente quer dar, tá adoentado, eu vou dar, toma um pouquinho de xarope. --Ah! Não quero não. --Ah! É ruim. --Ah! E não sei o que... Aquela coisa assim, não faz questão pelas coisas. Então, até para aprender fica complicado pra eles.”

A educação é considerada de grande relevância no desenvolvimento de ações em que propicie no estudante uma formação mais integral, tornando-os mais participativos e críticos, compreendendo sua responsabilidade nas mudanças que se fazem necessárias. As ações extensionistas vinculadas no processo de formação técnica e social do indivíduo, resulta em um impacto positivo. “Seria possível o diálogo se o seu objeto girasse em torno de sua vida diária, e não em torno de técnicas” (Freire, 1979, P.29).

A interpretação das entrevistas foi feita através da redução eidética, segundo Moreira (2002), já tratada em capítulo anterior. Os procedimentos adotados nessa

pesquisa serão embasados no método fenomenológico que permite evidenciar as experiências vividas pelos idosos da fazenda do povo e sua relação com a utilização de plantas como fins terapêuticos e preventivos. As partilhas evidenciadas pelos entrevistados e a vivência dos alunos do curso Técnico de Saúde Bucal do CIEI permite compreender o processo histórico-cultural dessa população em específico.

Algumas perguntas foram feitas com intuito de direcionar a entrevista, mas a partir do discurso novas questões foram trazidas para melhor aprofundar nossa pesquisa usando as investigações fenomenológicas de descrição, redução e suspensão (epoché) se necessário. O discurso foi considerado como ponto de partida para destacar fatos importantes e reescrita fenomenologicamente após análise dos relatos e a organização dos pontos norteadores da entrevista serviram para análise do discurso das unidades de significados. Os dados coletados através da visita guiada com a população, e a roda de conversa com os alunos foi gravada em áudio e posterior transcrição, para assim ser analisada e transformada em dados todo o conteúdo discutido. A análise de dados foi feita com a sistematização da visita guiada e as informações contidas na gravação da oralidade da visita e as discussões da roda de conversa, e a partir desta perspectiva deu origem a redução eidética. Foi feita a transcrição do momento, o que conseqüentemente facilitou a redução eidética. Segundo Moreira (2002), a análise fenomenológica das informações é a última fase para relatar os dados e consiste em analisar os componentes básicos dos fenômenos numa tentativa de encontrar o seu verdadeiro significado.

A técnica estuda e a essência do objeto mental teve como objetivo retirar informações absolutamente necessárias e inalteráveis e obedeceram as seguintes etapas: a) foi primeiramente feita uma leitura da transcrição para uma análise geral do conteúdo; b) depois feita uma segunda leitura com o intuito de separar as “unidades de sentido” numa perspectiva sociológica focado no fenômeno em questão; c) após demarcar as unidades de sentido observei as informações mais evidentes que revelou o fenômeno; d) e por fim há uma condensação dessas unidades de sentido e se transformaram em “estrutura da experiência” que é uma declaração concisa em relação à experiência do sujeito. No momento da roda de conversa, foram levantadas hipóteses que me fizeram refletir e contextualizar melhor a conversa.

A redução eidética (ver imagens 17 e 18) aconteceu no IFBaiano Campus Catu, em um dia intenso de leitura e análise a partir da transcrição das falas das raizeiras.

Imagem 15- Momento de Redução Eidética



Imagem 16- Momento de Redução Eidética



Fonte: própria

Um momento marcado por descobertas, aprendizagens e um novo olhar visto através da experiência de quem vive a roça e se debruça nas leituras sobre os saberes/saber fazer, observando nas raizeiras disponibilidade para o diálogo e

percebeu-se a estreita relação com as plantas e com a natureza. A partir dessa redução eidética é que gerou o encontro com o fenômeno e como ele aparece nestas transmissões, o fenômeno se deu a partir da intencionalidade dada pela construção da importância das plantas medicinais não só para a formação dos técnicos, mas também para a formação dos alunos enquanto pessoas.

Como produto educacional, será feito um catálogo colaborativo chamado Padlet. O Padlet é uma ferramenta que possibilita a criação de um mural corporativo em que permite ao usuário contribuir com escritas, curtidas e avaliações das postagens. Defilippi *et al.* (2020) afirmam que é um método de ensino que inspira os/as alunos/as, colaboram com suas habilidades e auxiliam na aprendizagem digital. E acrescentam ainda que o Padlet possui vários recursos que potencializam e favorecem a interação dos alunos/as de uma forma lúdica e didática. Foi elaborado a partir das etapas da pesquisa podendo ser melhor visualizado na figura 9 logo abaixo.

Figura 7- Fases de elaboração do Produto Educacional - Padlet



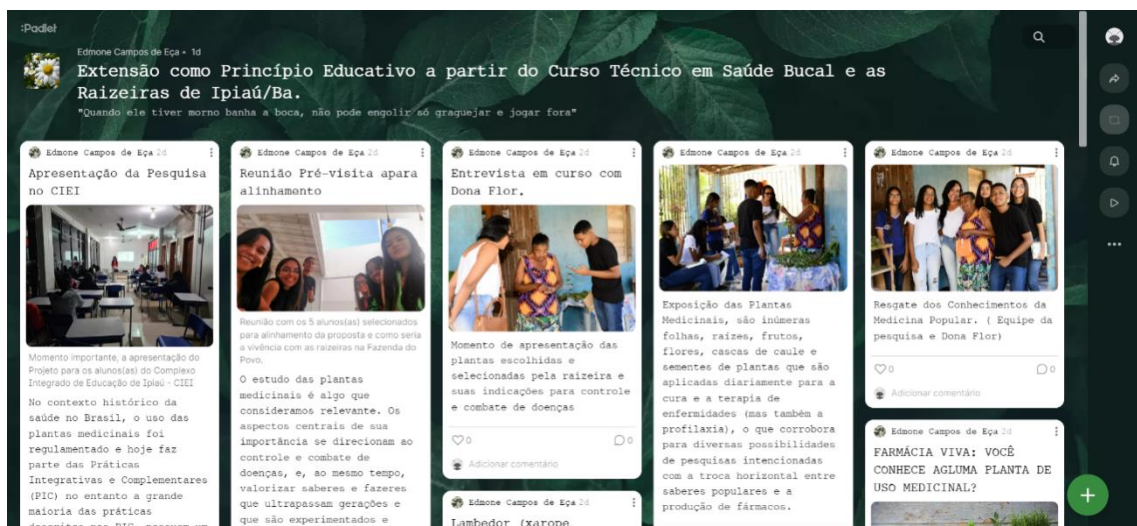
Fonte: elaboração própria (2023).

O produto educacional em formato de Padlet tem a intenção de disponibilizar para o CIEI um recurso moderno e interativo que possibilite estratégias educacionais que auxiliem na formação dos(as) alunos(as) do curso Técnico em Saúde Bucal. Eles

tiveram acesso à página através do link https://padlet.com/mestradoproteft2021_/extens-o-como-princ-pio-pedag-gico-educativo-a-partir-do-cur-wuycoom3nq9cur67 disponível, para toda a turma. Eles tiveram a oportunidade de conhecer a pesquisa através das informações anexadas na página, dialogar sobre sua experiência com as plantas medicinais e acrescentar informações. Um e-mail e senha foram criados exclusivamente para a elaboração do Padlet que foram repassados para a instituição para que, a partir daí, eles alimentarem com mais informações e alterem caso necessitem.

Para elaborar esse catálogo, usamos como base a primeira reunião com os/as alunos/as e os/as idosos/as na comunidade; a reunião após a visita; a sistematização das plantas medicinais apropriadas ao uso para saúde bucal e geral, com as informações técnicas e saberes tradicionais. Foi utilizado na construção da página (imagem 17): as falas das raizeiras, informações da roda de conversa, as experiências relatadas dos/as alunos/as, a descrição e achados com os/as idosos/as e a visão dos (as) alunos (as) sobre essa experiência. A partir das informações relatadas acima, foi criado o mural no Padlet.

Imagem 17- página inicial do Padlet



Fonte: elaboração própria, 2023

O Padlet servirá como ponto de partida para a interação dos alunos do CIEI com a temática proposta. Na página, eles terão a oportunidade de opinar e acrescentar novos pontos para estimular a dialogicidade e socialização. A página foi

criada com intuito de favorecer o diálogo e a interação de quem acessa, observe na imagem 18 abaixo uma das perguntas que estão no Padlet.

Imagem 18- página do Padlet



Fonte: elaboração própria, 2023

A ideia de fazer uma pergunta na página veio justamente com a necessidade de participação de quem acessá-la. As plantas estão no cotidiano das pessoas, mesmo que não utilizadas, sempre com intuito medicinal. Interessante observar é que, mesmo que as pessoas não façam uso rotineiro de plantas medicinais para esse fim, muitas pessoas conhecem ou já ouviram falar em algum momento sobre um remédio caseiro. Observe na imagem 19 abaixo, uma captura de tela da página do Padlet que mostra um lambedor (xarope caseiro) feito e embalado pela raizeira Rosa, para comercialização dentro da comunidade e também na região circunvizinha.

Imagem 19- página do Padlet



Fonte: elaboração própria, 2023

O produto elaborado em formato de Padlet tem um enorme potencial de socialização e compartilhamento de informações, mas para saber se o objetivo foi alcançado, houve uma necessidade de validação. Para validar o produto educacional, um questionário (apêndice A) foi entregue a uma professora e aos (as) alunos(as) que participaram da pesquisa, para que os mesmos pudessem avaliar a página. Foi criado um quadro (abaixo) com as respostas para sintetizar melhor suas impressões.

Validação do Produto

Quadro 3: Questionário

INDICADORES	PROFESSORA	CRÍSTOFI	AURORA	TIANA	JASMINE	ARIEL
1) Ferramenta de fácil acesso	Sim. bem clara e objetiva	Sim. Achei bem didático o acesso, bem direto	Sim. Bem fácil de navegar	Sim	Sim	Sim
2) Página autoexplicativa?	Sim. Página limpa, objetiva e repleta de informações	+/- . Segue uma ordem, mas acho que tem bastante informação pequena	Sim. Acho que reflete muito o seu objetivo principal	Sim	Sim	Sim
3) Página organizada?	Sim. Muito! consegui acompanhar todo o caminhar	Sim. sim, segue uma linha de organização bastante eficaz na verdade	Sim. Fácil acesso as informações	Sim	Sim	Sim
4) Desperta vontade para a interação?	Não. Ficou tudo claro	Não. eu vejo muito mais como só pra ler mesmo	+/- . Imagino que pra quem quer um interesse aprofundado do assunto, sim.	+/-	+/- . Falo por mim, não sou chegada a interação, mas de longe, para pessoas que gostam é uma ferramenta muito legal.	Sim
5) Texto atrativo e de fácil compreensão?	Sim. Estou satisfeita com a proposta	+/- . não tem texto destacado, mas tem	Sim. Tudo bem explicado	Sim. As fotos deixaram	Sim	Sim

	texto com fonte maior, ou seja, mais ou menos		mais atrativas			
6) Reflexão da realidade e plantas medicinais	Sim. Além da preocupação em manter o conhecimento vivo	+/-	Sim.	Sim	Sim	Sim
7) Os resultados estão de acordo com o esperado?	Sim. Acredito muito na medicina natural	Sim	+/- Eu pensei que falaria mais um pouco sobre o significado de algumas plantas.	Sim	Não. Foi melhor do que eu esperava	Sim
8) Pode ser aplicado em outro contexto de ensino?	Sim. Na biologia principalmente	+/- eu acho que é de importância não só as pessoas de cursos da saúde ter conhecimento sobre	Sim. Além de poder ser repassado pode ser usado como incentivo para outras pessoas	Sim	Sim	Sim
9) O estudo é considerado relevante?	Sim. Inclusive fico imaginando quanto conhecimento já se foi com os idosos falecidos.	Sim.	Sim	Sim	Sim	Sim
10) O conhecimento popular proporciona valores e saberes. O CIEI pode incentivar os demais alunos a colaborar?	Sim. considerado muito importante o prosseguimento da pesquisa	Sim	+/- Imagino que venha de interesse do colégio	Sim	Sim	Sim
11) A página do padlet solidifica no diálogo com as demais formas de conhecimento?	Sim. Percebi várias ferramentas importantes para serem exploradas	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
12) O objetivo foi alcançado?	Sim. Vejo como algo importante para a força dos estudantes se muito importante para a construção do conhecimento como todo.	Sim. Acho que até superado	Sim. Com toda certeza, foi uma interação muito interessante a que tivemos lá, aprendemos diversas	Sim	Sim	Sim

		coisas novas			
--	--	-----------------	--	--	--

Fonte: Própria

A validação do produto foi realizada com uma professora do CIEI (por motivos burocráticos, o curso não dispõe de um quantitativo de professores específicos no curso), a professora respondeu apenas uma resposta negativa (Questão 4), mas justificada por ela em ter ficado “tudo muito claro”. Foi aplicado também o mesmo questionário contendo 12 perguntas fechadas com a opção de justificar a resposta para os 5 alunos que participaram do momento com as raizeiras. Conforme as respostas, foi observada uma boa aceitação da página pelos mesmos. Os alunos responderam, na sua maioria, respostas positivas, alternados com “mais ou menos”, e justificados com as observações que os levaram às suas respostas. Na comunidade, a página foi apresentada às idosas e, por terem dificuldade em manuseio com as tecnologias, não quiseram manusear o Padlet, mas foi mostrado e explicado o que seria e como iria aparecer para as pessoas que acessarem a página. Ficaram muito felizes em saber que seus conhecimentos estariam em uma página da internet que diversas pessoas iriam ler e conhecer as plantas que elas citaram como medicinais e suas aplicabilidades no combate às enfermidades.

Dentre as questões presentes no questionário, a questão de número 4 (ver quadro) não foi bem aceita, a pergunta tem relação no despertar da vontade de interagir com a página. Apenas uma pessoa respondeu “sim”, outra respondeu “não” e quatro responderam “mais ou menos”. Isso desperta a necessidade de reavaliar e mudar alguns detalhes na página com o intuito de fazer com que não seja apenas um campo de leitura, e sim algo que consiga despertar em quem acessar a vontade de interagir e acrescentar informações.

Na questão de número 7, sobre os resultados estarem consoante o esperado, fica claro que foi alcançado e até superada as expectativas, mas o que não significa dizer que não há melhoria a ser feita, principalmente quando uma das respostas diz respeito sobre as plantas citadas pelas raizeiras não ter sido explorada na página de forma mais detalhada.

O tema das plantas medicinais explorada na pesquisa trouxe outras possibilidades de estudo, e fica claro quando em uma das respostas (questão 8), a aluna traz a importância das informações serem compartilhadas e outros cursos terem

acesso à página como forma de divulgação de um tema que envolve não só as pessoas da área de saúde, como também as demais áreas do conhecimento. Ficando claro que há espaço nos cursos profissionais para estudar as plantas medicinais em diversas áreas, independente do público, como também é um assunto que consegue despertar interesse.

ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES E PONDERAÇÕES

Essa é uma etapa importante para reflexão sobre os objetivos planejados e os alcançados no decorrer do processo, o presente estudo teve por objetivo interpretar as possíveis relações entre os saberes das raizeiras da fazenda do povo e alunos do curso técnico de saúde bucal do Complexo Integrado de Educação de Ipiaú (CIEI). E a partir desse olhar, observou-se que o conhecimento popular proporcionou a construção de valores e saberes significativos para os sujeitos da sua comunidade e contribuiu para a formação desses (as) alunos(as). Esse estudo pode ser considerado como ponto de partida de extensão: a concepção da escola em assumir novas fronteiras para além dos muros e conceber essa formação dos estudantes para além da sala de aula em contato direto com a realidade das comunidades e com saberes tradicionais, e a chegada dos alunos nessa comunidade é a concretização da aproximação entre esses saberes.

Se observarmos, a pesquisa traz grandes contribuições também para a minha formação profissional enquanto cirurgiã-dentista, uma vez que esse encontro com a Fazenda do Povo reascende a necessidade adormecida desde o período em que trabalhei na comunidade, de manter vivas essas práticas populares e incentivar a comunidade a usufruir mais desses recursos naturais. É preciso entender que naquele espaço colaborativo existem pessoas e recursos capazes de contribuir para a prática profissional de diversas áreas do conhecimento.

É importante direcionar novas pesquisas a partir da temática proposta para que a cultura popular siga como parte indissociável na formação da Educação Profissional, e repensar nos programas de intervenção e nas práticas profissionais para serem intencionados para o fortalecimento da criatividade cultural de pessoas e/ou grupos sociais. A realidade atual configura uma situação instigante para a conscientização de novas pesquisas. Conscientizar não significa caminhar sozinho, não é algo feito de forma isolada, mas, sim, uma proposta coletiva que envolva escola, alunos e

comunidade. Para a escrita do referencial teórico, encontrei alguns desafios nas leituras das obras, uma vez que encontrei dificuldade em apropriar-me de novos conceitos. Compreender sobre fenomenologia e sua subjetividade e colocar o indivíduo como centro do processo do conhecimento foi desafiador, e compreender o fenômeno a partir do conceito de Moreira (2002) me tirou da zona de conforto, principalmente quando ele esclarece que:

A fenomenologia seria uma ciência que partiria “do zero”, sem pressuposições. O único ponto de partida admissível seria a experiência comum, partindo-se dos processos comuns de pensamento e da linguagem comum, sem auxílio de quaisquer teorias científicas ou filosóficas (MOREIRA, 2002 p. 83).

Levar os (as) alunos (as) para a Fazenda do Povo e oferecer a eles uma dinâmica de aprendizagem que fizesse sentido ao seu itinerário formativo, é algo que colabora no despertar deles pela temática e na conexão com a natureza através das falas das raizeiras. Foi muito importante saber que esse momento contribuiu de alguma forma na formação profissional e também pessoal desses estudantes.

O momento com as raizeiras trouxe um novo significado acerca das plantas medicinais, pois foram apresentadas aos alunos (as) plantas utilizadas diariamente na sua alimentação que eram desconhecidas como medicinais. Foi um momento proveitoso principalmente por acalorar nos alunos (as) a vontade de conhecer as aplicabilidades das plantas apresentadas e como aplicá-las no seu dia-a-dia no combate e controle de doenças.

A partir das falas das raizeiras foi possível criar uma página em que permitirá aos que não participaram da pesquisa ter acesso às informações das etapas e conhecer as plantas citadas e suas aplicabilidades de forma interativa e cooperativa através do link que foi disponibilizado ao CIEI para que não só os demais alunos(as) do curso Técnico em Saúde Bucal possam acessar, como também aos alunos(as) de outros cursos que tiverem interesse.

A extensão como princípio educativo não apenas enriquece a formação dos (as) alunos (as), mas também os capacitam a se tornarem agentes de mudança. A Educação Profissional, segundo a minha defesa de perspectiva, deve priorizar a extensão como princípio educativo ao itinerário formativo, articulando a produção de conhecimento dada na formação desses (as) alunos (as) com aquilo que é construído e experienciado no local, na realidade vivida, no mundo objetivado. Vale salientar a

importância do papel da extensão em todo o processo, sendo observado um diálogo entre o grupo social (raizeiras) e a sociedade acadêmica (alunos/as), e o momento possibilitou uma melhor compreensão sobre trazer para salas de aula experiências vivenciadas fora do espaço escolar, que pode colaborar de forma efetiva na formação pessoal e profissional desses alunos (as).

POSFÁCIO

Edmone que tem sobrenome de escritor famoso, duvidou sobre sua própria escrita. Não é ironia, é sintoma. Mulher preta, mãe de meninas, gestora de seu negócio, imperiosa por natureza, precisou voltar ao passado para dar sentido à formação. Como orientador, pensei como uma odontóloga e um engenheiro-agrônomo poderiam se juntar. Dente-de-leão ou raiz do dente? Cárie ou formiga cortadeira? O som da obturação ou o chacoalhar do motor do trator? Nada disso nos uniria. O que a admirei desde o primeiro momento foi a sua vontade de ouvir pessoas sobre o que elas sabiam.

Uma mulher preta, poderosa no *scarpin* rosa, afrontosa como aquela que domou sua história, chegou a esse momento, imperiosa. O que você acaba de ler é um esforço para ser outra coisa que aquilo que se é desejou mudar. A educação,

sombra diletta de suas emoções, fez surgir uma pesquisadora humanista. Talvez se fosse arrancar um terceiro molar, tanta força haveria de fazer o trabalho errado. Ela soube caminhar como uma pastilha refrescante na boca, com leveza e muita dedicação.

No percurso, a contribuição é muita. Como profissional da saúde, escutar aquelas que não se sentaram nos concorridos bancos de faculdade propiciou conhecer mulheres de notório saber. Isso é educação. A escuta, sensível como deve ser, produz crescimento e, mais que isso, inspiração. As meninas e os meninos que estiveram com ela na contraditória (pelo nome que tem) Fazenda do Povo entenderão o papel social de um profissional que sabe a raiz (não dos dentes) que tem.

E as raízes então nos aproximam, pois desejar pensar o seu lugar, seu município, seus hábitos, foi fundamental. Como minha orientanda, sua formação como pesquisadora surgiu como um sorriso, aberto, disponível. Sob sua reflexão, é notório que na educação profissional, é necessário despertar sentimento de classe e pertencimento. Dentistas, enfermeiros e médicos podem se interessar por cuidar, dialogar e interferir em lugares onde é necessário e não apenas rentável. Sob outra ótica (lembro que ela é odontóloga e não oftalmologista), também é importante valorizar aquilo que se produz sem o “academês” distante e prepotente daqueles que acham que lá ninguém sabe nada. Não é porque se falta um dente na boca, se o chinelo é fino ou as palavras são tímidas é que não há conhecimento. No texto fica nítido que há. As raizeiras da Fazenda do Povo apresentaram uma generosidade que demonstra o quanto se sabe. E elas vivem e persistem naquele lugar construindo saúde.

Edmone agora sabe que a escrita é uma forma e não a forma. Que a oralidade, a troca e a aproximação são marcas sociais fundamentais. Ela já sabia e por isso decidiu por essa pesquisa quando a orientadora primeira, amiga querida e agora mamãe Nazaré Marchi, a pegou pelas mãos. Eu, bobo que nunca fui, decidi continuar e aprender com tudo isso e, além disso, que o texto apresenta. Hoje sou um engenheiro-agrônomo ainda mais sabido sobre plantas medicinais. Como docente da educação profissional, percebo a partir dela e das raizeiras e das estudantes que lá estiveram que, basta desejar, pessoas diferentes e distantes se aproximam. Tipo dente, um do lado do outro. Quando falta um, sabe que ali já esteve. Assim, simples assim. Se a gente se interessa, sentido tem se a gente não se sobrepõe. Desejo que

a leitura tenha suscitado isso: aprendizado, reflexão e muita emoção. Afinal, nem todo mundo gosta de ir ao dentista, mas todo mundo gosta de sorrir.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, E. M.; CAJAIBA, R. L.; MARTINS, J. S. C.; CORDEIRO, R. S.; SOUSA, E. S.; SOUSA, V. A.. Estudo etnobotânico do conhecimento e uso das plantas medicinais no município de Buriticupu, Maranhão, Brasil. **Revista Ibero Americana de Ciências Ambientais**, v.10, n.6, p.328-338, 2019.
- ALMEIDA, M. Z. Plantas medicinais: abordagem histórico-contemporânea. In: Plantas Medicinais [online]. 3rd ed. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 34-66. Available from SciELO Books . -contemporânea. In: **Plantas Medicinais** [online]. 3rd ed. Salvador: EDUFBA, pp. 34-66, 2011.
- ANDRÉ, M. E. D. A.; Estudo de caso: seu Potencial na Educação. **Cad. Pesq.** n. 49, p. 1-54. Mai 1984.
- ARAUJO, G. D.; QUARESMA, A. G. Visitas Guiadas e Visitas Técnicas: tecnologia de aprendizagem no contexto educacional. **Competência** v.7, n.2, p. 29-51, jul./dez. 2014.
- ARRUDA A. L.; *et al...* Espaços não formais na Educação. **Revista Ibero-Americana de Humanidades**, Ciências e Educação. São Paulo, v.7.n.9. set. 2021.

BARBOSA, C. G. Considerações sobre o método fenomenológico de Amadeo Giorgi: alcances e limites. *PLURAL – Revista de Psicologia UNESP Bauru*, v.1, 2022.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: 3ª Reimp. 1ª ed. **Editora 70**, 2016. 279 p.

BESSA, C. R. L.; CAVALCANTE, R. P.; MALDANER, J. J.; CORREIRA, K. C. P. Interdisciplinaridade no Ensino Médio Integrado: Considerações para uma Formação Omnilateral. **Revista Brasileira – Edu Profissional e Tecnológica**. v.2, 2020.

BRASIL, 2013. **Resolução nº 466**, de 12 de dezembro de 2012. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 13 jun. Disponível

em <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html> Acesso em 07/06/2021 às 01:00h.

BRASIL, 2016. **Resolução nº 510**, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 maio 2016. Disponível em:

<https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html> Acesso em 07/06/2021, às 01h12minh.

BRASIL, 2019. Projeto de Lei n. **5383/2019**, pelo Deputado João Campos (REPUBLIC/GO), que "Altera as Leis nº 10.741 de 1º de outubro de 2003 e 10.048, de 8 de novembro de 2000, para mudar de 60 (sessenta) para 65 (sessenta e cinco) anos a idade da pessoa idosa.X Disponível em:

<<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2223942>> Acesso em 07/05/2023 as 23:26h

BRASIL, Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, DF, 1996. Decreto nº 6286, de 5 de dezembro de 2007. Institui o Programa Saúde na Escola -PSE. Brasília, DF, 2007.

BRASIL, Ministério da Saúde. **A Fitoterapia no SUS e o Programa de Pesquisas de Plantas Medicinais da Central de Medicamentos**. 1ª ed. Brasília: Ministério da Saúde, p. 148 2006.

CASTRO M. R.; FIGUEREIDO, F. F. Estudos e Pesquisas Sobre o Uso de Plantas Medicinais e Fitoterápicos no Brasil: Caminhos e Desafios. **Rev. Geo. Critica**. v.21, p. 743-798, 2020.

CHAER, G.; DINIZ, R. R. P.; RIBEIRO, E. A. A técnica do Questionário na **Pesquisa Educacional. Evidência**. v. 7, n. 7, p. 251-266, 2011.

CIAVATTA, M. O Ensino Integrado, a Politecnia e a Educação Omnilateral. Por Que Lutamos? **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 187–205, 2014.

COELHO, S. A. P.; BRASILEIRO, B. G. Contribuições Sobre a Extensão na Educação Profissional e Tecnológica. [livro eletrônico]. Viçosa, MG :**Editora Asa Pequena**, 2021.

COUTINHO, M. M. A.; FÉLIX, R. G. A Interdisciplinaridade e/ou Transdisciplinaridade na Educação Profissional e Tecnológica. **Revista Inova Ciência & Tecnologia**, Uberaba, p. 46-53, v. 4, n. 2, jul/dez., 2018.

DEFILIPPI, M. T. A.; MILLER, K. L.; RAMIRES-AVILA, M. R. Collaboration to improve descriptive writing facilitated by Padlet: an English as a Foreign Language (EFL) action research study. **AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento**, v. 9, n.1, p. 54-60, jan./jun. 2020.

ESTACIO, M. M. S.; SILVA, E. R.; SOUZA, A. K. A. S.; TIMOTEO, A. F. S. A Formação Profissional em Saúde na Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica. **Revista Brasileira d Educação Profissional e Tecnológica**. v. 2, 2018.

FORPROEX. **I Encontro de Pró-reitores de extensão das universidades públicas brasileiras**. Conceito de extensão, institucionalização e financiamento. Brasília: UNB, 1987. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/1987-I-Encontro-Nacional-do-FORPROEX.pdf>> Acesso em:10/2023.

FREIRE, P. Extensão ou comunicação? 4 o ed. Rio de Janeiro: **Paz e Terra**, 1979.

FREIRE, P. Cartas à Guiné-Bissau: Registro de uma Experiência em processo. Rio de Janeiro, **Paz e Terra**, 3 ed. 1978.

FRIGOTTO, G. A Interdisciplinaridade como Necessidade e como Problema nas Ciências Sociais. **Ideação**, v. 10, n. 1, p. p.41–62, 2010.

GADELHA, C. S.; PINTO JUNIOR, V. M.; BEZERRA, K. K. S.; PEREIRA, B. B. M.; MARACAJÁ, P. P. B. Estudo Bibliográfico Sobre o Uso das Plantas Medicinais e Fitoterápicos no Brasil. Bibliographical study on the use of medicinal and herbal plants in Brazil. **Revista Verde** (Mossoró – RN), v. 8, n. 5, p. 208 - 212, (Edição Especial) dezembro, 2013.

GIL, A. C. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. **Atlas S/A**. Edição 4, São Paulo. 2002.

GOMES, D. C. A Extensão e formação profissional como colaboração para o sertão: vivências do IFRN no Seridó Potiguar. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, v. 1, n. 14, p. e6858-e6858, 2018.
doi:<https://doi.org/10.15628/rbept.2018.6858>

HUSSERL, Edmund. Meditações cartesianas e Conferências de Paris. **Tradução de P. M. S. Alves**. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2010.

IF SUDESTE MG. INSTITUTO FEDERAL DE CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA DO SUDESTE DE MINAS GERAIS. **Projeto Político Pedagógico**. Rio Pomba, MG: Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Cidades@, 2022. Disponível em: <idades.ibge.gov.br/brasil/ba/ipiau/panorama>. Acesso em: 30/09/2023.

JACOBUCCI, D. F. C. Contribuição dos Espaços Não-Formais de Educação para a Formação da Cultura Científica. **Em Extensão**, Uberlândia, v. 7, 2008.

MACHADO M. S., *et al...* Cadernos de Agroecologia. Núcleo de Agroecologia com ênfase em produção e resgate de plantas medicinais, do Centro Estadual de Educação Profissional do Vale do Paraguaçu (CEEPVP), localizado Capanema/Território Quilombola **Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia**, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, n. 2, 2020.

MANFREDI, S. M. Educação Profissional no Brasil: atores e cenários ao longo da história. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2016.

MARINHO, J. C. B.; SILVA, J. A. Conceituação da educação em saúde e suas implicações nas Práticas escolares. **Revista Ensino, Saúde e Ambiente**, v.6, p. 21-38, dez.2013.

MARTINS, W. C., *et al...* A Interdisciplinaridade no Ensino Médio Integrado à Educação Profissional. **Research, Society and Development** v. 9, n.1, e72911634, 2020

MELO, M. C. H.; CRUZ, G. C. Roda de conversa: uma proposta metodológica para a construção de um espaço de diálogo no ensino médio. **Imagens da Educação**, v. 4, n. 2, p. 31-39, 2014.

MINAYO, M.C.S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 19.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2001. 80 p.

MOREIRA, D.A. **O método fenomenológico da pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thompson, 2002.

PEREIRA, I.B.; RAMOS, M.N. Educação Profissional em saúde. Rio de Janeiro: **Editora FIOCRUZ**, 2006.. Available from SciELO Books .

RAMOS, D. K.; RIBEIRO, F. L.; ANASTÁCIO, B. S.; SILVA, G. A. Elaboração de questionários: algumas contribuições. **Research, Society and Development**, v. 8, n. 3, p. 01-13, 2019.

RAMOS, M. N. **História e Política da Educação Profissional**. Curitiba. 1ª edição, v.5, 2014.

RODRIGUES, M. A. Perspectiva interdisciplinar na formação de “educadores de saúde”. HAMIDO, Gracinda *et al...* (Orgs.). Transversalidade em educação e em saúde. **Porto: Porto Editora**, p. 133-138, 2006.

ROFFMANN, R.; ANJOS, M. C. R. Construção histórica do uso de plantas medicinais e sua interferência na socialização do saber popular. **Guaju, Matinhos**, v.4, n.2, p. 142-163, jul./dez. 2018.

SANTANA M.D.O. *et al...* O poder das plantas medicinais: Uma análise histórica e contemporânea sobre a fitoterapia na visão de idosas. **Revista Multidebates**, v. 2., n. 2, Palmas-TO, 2018.

SANTOS, F. M. Análise de Conteúdo: a Visão de Laurence Bardin. **Revista Eletrônica de Educação**. v. 6, n. 1, mai. 2012.

SANTOS, J. A. A. *et al...* Diagnóstico e educação em saúde no uso de plantas medicinais: relato de experiência. **Rev. Ciênc. Ext.** v.12, n.4, p.183-196, 2016.

SANTOS, R.L.; GUIMARAES, G.P.; NOBRE, M.S.C.; PORTELA, A.S. Análise sobre a fitoterapia como prática integrativa no Sistema Único de Saúde. **Rev. Bras. Pl. Med., Botucatu**, v.13, n.4, p.486-491, 2011.

SATANTA, C. L. S.; COSTA, D. S. Experiências Multirreferenciais de Pesquisas em Educação Profissional e Tecnológica. Editora CRV. Cap 05. p. 99-105. 2021. Disponível em: <<https://www.editoracrv.com.br/produtos/detalhes/35695-experiencias-multirreferenciais-de-pesquisas-em-educacao-profissional-e-tecnologica>> Acesso em 07 de Agosto de 2022.

SILVA, A. H.; FOSSÁ, M. I. T. Análise de Conteúdo: Exemplo de Aplicação da Técnica para Análise de Dados Qualitativos. **EnEPQ**. Brasília/DF. 3 a 5 /Nov. 2013.

SILVA, D.; GABRIEL B.P.; ROMERO, A. L.; ROMERO, R. B. Trabalhando com Educação em Saúde em Espaços Não- Formais de Ensino e Aprendizagem: Relato de Experiência. **Arquivos do Mudi**, v. 24, n. 3, p. 71-86, 2020.

SOKOLOWSKI, R. Introdução à fenomenologia. **Edições Loyola**. São Paulo. 2004.

SOKOLOWSKI, R. Introdução à fenomenologia. Tradução Alfredo de Oliveira Moraes. 3. ed. São Paulo: **Edições Loyola**, 2012.

SOUZA, F. C. S.; SILVA, V. S. Conhecimentos Tradicionais Versus Conhecimentos Científicos? Em Defesa de uma Educação que Religue os Saberes. **Ver. Educ. Profissional e Tecnológica**. v. 5, nº Especial, 2021.

SOUZA, V. A. *et al...* Avaliação do Conhecimento Etnobotânico de Plantas Medicinais pelos Alunos de Ensino Médio da Cidade de Inhumas, Goiás. **Revista Eletrônica de Educação da Faculdade Araguaia**, v. 8 p.13-30, 2015.

VIEIRA, Allan Josué. Redução fenomenológica, idealismotranscendental e intersubjetividade: o problema da quinta meditação cartesiana de Husserl.

Dissertação de Mestrado em Filosofia, Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.

ZOCHE, D. A. A. Educação Profissional em saúde: reflexões sobre a avaliação. **Trab. educ. saúde**, v.5 n.2, Jul 2007.

APÊNDICE

APÊNDICE A - Questionário para validação do produto

1) Avalie abaixo se considerou a ferramenta de fácil acesso?

Sim

Não

Mais ou menos.

Justifique: _____

2) A página do Padlet está autoexplicativa?

Sim

Não

Mais ou menos.

Justifique: _____

3) A página do Padlet está organizado?

Sim

Não

() Mais ou menos.

Justifique: _____

4) O Padlet desperta a vontade de interagir?

() Sim

() Não

() Mais ou menos.

Justifique: _____

5) Apresenta um texto atrativo e de fácil compreensão?

() Sim

() Não

() Mais ou menos.

Justifique: _____

6) Propõe reflexão sobre a realidade acerca da plantas medicinais e saúde bucal?

() Sim

() Não

() Mais ou menos.

Justifique: _____

7) Os resultados encontrados estão de acordo com o que você esperava?

() Sim

() Não

() Mais ou menos.

Justifique: _____

8) O produto pode ser aplicado em outros contextos de ensino?

() Sim

() Não

() Mais ou menos

Justifique: _____

9) O estudo das plantas medicinais da forma apresentada é considerado relevante?

() Sim

() Não

() Mais ou menos

Justifique: _____

10) O conhecimento popular proporciona a construção de valores e saberes significativos ao ponto do CIEI dar continuidade incentivando os demais alunos a colaborar?

() Sim

() Não

() Mais ou menos

Justifique: _____

11) A construção do Padlet sobre os saberes tradicionais se solidifica no diálogo com as demais formas de conhecimento?

- () Sim
 () Não
 () Mais ou menos

Justifique: _____

12) A pesquisa Objetivou Interpretar as relações possíveis entre os saberes etnobotânicos dos(as) idosos (as) da Fazenda do Povo e alunos (as) do curso Técnico em Saúde Bucal do Complexo Integrado de Educação de Ipiaú (CIEI), na sua concepção o objetivo foi alcançado?

- () Sim
 () Não
 () Mais ou menos

Justifique: _____

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Prezado

(a)

O(a) senhor (a) está sendo convidado a para participar como voluntário (a) na pesquisa intitulada **“O Ensinoaprendizagem das Plantas Medicinais na Educação Profissional: Uma Proposta para a Valorização dos Conhecimentos Tradicionais no Curso Técnico em Saúde Bucal”**, de autoria e responsabilidade de Edmone Campos de Eça, mestranda do programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – *Campus* Catu, sob a orientação do Prof. Davi Silva da Costa. E tem como objetivo Interpretar as questões possíveis entre os saberes etnobotânicos dos(as) idosos (as) da Fazenda do Povo e no curso Técnico Saúde Bucal do CIEI (Complexo Integrado de Educação de Ipiaú) por meio do aprofundamento teórico-metodológico. A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios que envolvem a reprodutibilidade dos processos formativos propostos nas diversas instituições do país, além de difundir e valorizar o conhecimento das populações tradicionais. Caso o (a) Senhor(a) aceite participar das rodas de conversa, visitas à comunidade e diálogo com a mestranda Edmone Campos de Eça do curso de pós-graduação em Educação Profissional e

Tecnológica – PROFEPT, o (a) senhor (a) irá participar de variados momentos da pesquisa e no momento poderá ocorrer constrangimento nas rodas de conversas ou cansaço na visita à comunidade, desconforto, medo, sentimentos de invasão de privacidade, insegurança nas respostas ou até mal-estar. Garantimos que a identidade será tratada com sigilo e, não será identificado. Esta pesquisa respeita o que determina o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP com seres humanos. Caso queira o (a) senhor(a) poderá, a qualquer momento, desistir de participar. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição. Quaisquer dúvidas que o (a) senhor(a) apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e o Sr(a) caso queira poderá entrar em contato também com o Comitê de ética do IFBaiano. As Resoluções 466/12 e 510/16, homologadas pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS), atesta que para toda pesquisa realizada com seres humanos devem ser previstos e avaliados os riscos, aos quais poderão ser expostos os participantes. Segundo essa Resolução, faz-se necessário a submissão do projeto de pesquisa a um Conselho de ética e Pesquisa – CEP. Os CEP são órgãos “colegiados interdisciplinares e independentes, de relevância pública, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criados para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos” (BRASIL, 2012). Sendo assim, a pesquisadora encaminhou todos os instrumentos de coleta para avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e a coleta de dados apenas ocorrerá após autorização do mesmo.

A fim de minimizar os riscos de constrangimento, cansaço e/ou desconforto, no que tange as participações nas entrevistas, será promovida uma exposição sobre a pesquisa e seus objetivos, bem como sobre importância do respeito às diversas opiniões, com o intuito de motivar a interação dos participantes e valorizar a participação de cada um na construção do seu próprio conhecimento e no conhecimento coletivo. Os encontros serão realizados em momento propício em um ambiente confortável, respeitando-se a disponibilidade dos participantes, de forma a otimizar o tempo, evitando assim o cansaço e o desgaste. Durante o encontro, a pesquisadora estará atenta aos sinais verbais e não verbais de desconforto e/ou cansaço, e caso ocorra, o participante terá toda a liberdade de não responder às questões. Buscando ainda minimizar os riscos de constrangimento, incômodo ou ofensa, os instrumentos de pesquisa foram elaborados levando-se em consideração a Resolução 466/12 e bibliografia que versa sobre a ética na pesquisa, preocupando-se em desenvolver abordagens respeitadas.

Fica assegurada aos participantes a confidencialidade, o sigilo, a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou econômico – financeiro, primando sempre pela garantia do respeito aos valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, com as diferenças e singularidades do grupo, e ainda, o cuidado com a preservação dos seus espaços/ambientes de trabalho. Para tanto, será lavrado um termo de confidencialidade que deverá ser assinado pelos participantes.

E, se após o seu consentimento em participar da pesquisa, venha, independente dos motivos, desistir de participar, terá o direito e a liberdade de retirar o consentimento, a qualquer tempo, antes ou depois da coleta dos dados, sem nenhum prejuízo para sua pessoa. Os resultados da pesquisa serão publicados, contudo a sua identidade não será divulgada, o sigilo será mantido utilizando-se recursos linguísticos como o uso de nomes fictícios, foco no conteúdo e não na forma das falas. Sua participação neste projeto não implicará ônus financeiro, bem como não haverá nenhum tipo de compensação ou gratificação financeira, visto que se trata de uma participação voluntária.

A Resolução CNS nº 466 de 2012 (item IV.3) define que “os participantes da pesquisa que vierem a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, têm direito à indenização por parte do pesquisador, do patrocinador e das instituições envolvidas na pesquisa” (item V.7). Além disso, caso haja despesa do participante e seus acompanhantes, quando necessário, para transporte e alimentação, está garantido o ressarcimento desses valores como uma

compensação material. Esse ressarcimento, caso seja necessário será custeado com recursos da própria pesquisadora.

Para quaisquer outras informações sobre os procedimentos ou sobre o projeto o (a) Sr.(a) poderá entrar em contato diretamente com o CEPno CEP SH -IF BAIANO (Rua do Rouxinol nº 115, Imbuí Telefone: (71) 3186-0001 CEP 41720-052, Salvador/BA, ou ainda por email ceps@reitoria.ifbaiano.edu.br) ou falar direto com a pesquisadora na rua Carlos Chagas, 158 – Centro de Ipiaú ou no telefone (73) 98102-2321 e caso necessário através do email edhata2@gmail.com, ou se julgar necessário entrar em contato com ambos (CEP e pesquisadora). Após explicação e ficando claro o objetivo e as etapas da pesquisa será entregue um documento que confirmará sua participação na pesquisa e está de acordo a resolução 510/16 assegurandoque “o processo de comunicação do consentimento livre e esclarecido pode ser realizado por meio de sua expressão oral, escrita, língua de sinais ou de outras formas que se mostrem adequadas, devendo ser consideradas as características individuais, sociais, econômicas e culturais da pessoa ou grupo de pessoas participante da pesquisa e as abordagens metodológicas aplicadas”.A sua participação é voluntária. Após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador(a) sobre os objetivos benefícios da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa, e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar sob livre e espontânea vontade, como voluntário, consinto como voluntário, consinto também que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador que irá guardar por um período de 5 anos e outra a via que será entregue a mim.

_____, ____ de _____ de _____

Assinatura do Participante: _____

Assinatura da Pesquisadora Responsável: _____

Assinatura do Orientador _____



Documento assinado digitalmente

DAVI SILVA DA COSTA

Data: 18/05/2023 16:16:19-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Prezado

(a)

O(a) senhor (a) está sendo convidado a para participar como voluntário (a) na pesquisa intitulada **“O Ensinoaprendizagem das Plantas Medicinais na Educação Profissional: Uma Proposta para a Valorização dos Conhecimentos Tradicionais no Curso Técnico em Saúde Bucal”**, de autoria e responsabilidade de Edmone Campos de Eça, mestranda do programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – *Campus Catu*, sob a orientação do Prof. Davi Silva da Costa. E tem como objetivo Interpretar as questões possíveis entre os saberes etnobotânicos dos senhores (idosos/as) (da Fazenda do Povo e no curso Técnico Saúde Bucal do CIEI (Complexo Integrado de Educação de Ipiaú) por meio do aprofundamento teórico-metodológico. A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios na educação e na formação desses alunos e também de variados cursos das diversas instituições do país, além de valorizar o conhecimento das populações tradicionais. Caso o (a) Senhor(a) aceite participar das rodas de conversa com os alunos e a mestranda

Edmone Campos de Eça do curso de pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT, o (a) senhor (a) irá contribuir com a formação dos alunos em bate de um bate papo contando tudo o que sabe sobre as plantas medicinais e suas variadas formas de uso e também para que serve cada delas. No momento poderá ocorrer constrangimento nas rodas de conversas, cansaço, desconforto, medo, sentimentos de invasão de privacidade, insegurança ou até mal-estar. A participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que a identidade será tratada com sigilo e, não será identificado. Esta pesquisa respeita o que determina o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP com seres humanos. Caso queira o (a) senhor(a) poderá, a qualquer momento, desistir de participar. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição. Quaisquer dúvidas que o (a) senhor(a) apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e o Sr(a) caso queira poderá entrar em contato também com o Comitê de ética do IFBaiano. As Resoluções 466/12 e 510/16, homologadas pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS), atesta que para toda pesquisa realizada com seres humanos devem ser previstos e avaliados os riscos, aos quais poderão ser expostos os participantes. Segundo essa Resolução, faz-se necessário a submissão do projeto de pesquisa a um Conselho de ética e Pesquisa – CEP. Os CEP são órgãos “colegiados interdisciplinares e independentes, de relevância pública, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criados para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos” (BRASIL, 2012). Sendo assim, a pesquisadora encaminhou todos os instrumentos de coleta para avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e a coleta de dados apenas ocorrerá após autorização do mesmo.

A fim de minimizar os riscos de constrangimento, cansaço e/ou desconforto, no que tange as participações nas entrevistas/roda de conversa, será promovida uma exposição sobre a pesquisa e seus objetivos, bem como sobre importância do respeito às diversas opiniões, com o intuito de motivar a interação dos participantes e valorizar a participação de cada um na construção do seu próprio conhecimento e no conhecimento coletivo. Os encontros serão realizados em momento propício em um ambiente confortável, respeitando-se a disponibilidade dos participantes, de forma a otimizar o tempo, evitando assim o cansaço e o desgaste. Durante o encontro, a pesquisadora estará atenta aos sinais verbais e não verbais de desconforto e/ou cansaço, e caso ocorra, o (a) senhor (a) terá toda a liberdade de não responder às questões. Buscando ainda minimizar os riscos de constrangimento, incômodo ou ofensa, os instrumentos de pesquisa foram elaborados levando-se em consideração a Resolução 466/12 e bibliografia que versa sobre a ética na pesquisa, preocupando-se em desenvolver abordagens respeitadas.

Fica assegurada aos participantes a confidencialidade, o sigilo, a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou econômico – financeiro, primando sempre pela garantia do respeito aos valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, com as diferenças e singularidades do grupo, e ainda, o cuidado com a preservação dos seus espaços/ambientes de trabalho. Para tanto, será lavrado um termo de confidencialidade que deverá ser assinado pelos participantes.

E, se após o seu consentimento em participar da pesquisa, venha, independente dos motivos, desistir de participar, terá o direito e a liberdade de retirar o consentimento, a qualquer tempo, antes ou depois da coleta dos dados, sem nenhum prejuízo para sua pessoa. Os resultados da pesquisa serão publicados, contudo a sua identidade não será divulgada, o sigilo será mantido utilizando-se recursos linguísticos como o uso de nomes fictícios, foco no conteúdo e não na forma das falas. Sua participação neste projeto não implicará ônus financeiro, bem como não haverá nenhum tipo de compensação ou gratificação financeira, visto que se trata de uma participação voluntária.

A Resolução CNS nº 466 de 2012 (item IV.3) define que “os participantes da pesquisa que vierem a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, têm direito à indenização por parte do

pesquisador, do patrocinador e das instituições envolvidas na pesquisa” (item V.7). Além disso, caso haja despesa do participante e seus acompanhantes, quando necessário, para transporte e alimentação, está garantido o ressarcimento desses valores como uma compensação material. Esse ressarcimento, caso seja necessário será custeado com recursos da própria pesquisadora.

Para quaisquer outras informações sobre os procedimentos ou sobre o projeto o (a) Sr.(a) poderá entrar em contato diretamente com o CEP no CEP SH -IF BAIANO (Rua do Rouxinol nº 115, Imbuí Telefone: (71) 3186-0001 CEP 41720-052, Salvador/BA, ou ainda por email cepsh@reitoria.ifbaiano.edu.br) ou falar direto com a pesquisadora na rua Carlos Chagas, 158 – Centro de Ipiáú ou no telefone (73) 98102-2321 e caso necessário através do email edhata2@gmail.com, ou se julgar necessário entrar em contato com ambos (CEP e pesquisadora).

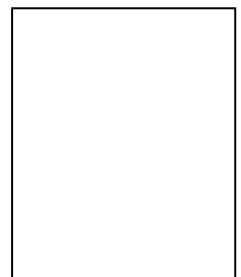
A pesquisadora responsável, que também assina esse documento, compromete-se a conduzir a pesquisa de acordo com o que preconiza a Resolução 466/12 de 12/06/2012, que trata dos preceitos éticos e da proteção aos participantes da pesquisa,

A pesquisadora responsável, que também assina esse documento, compromete-se a conduzir a pesquisa de acordo com o que preconiza a Resolução 466/12 de 12/06/2012, que trata dos preceitos éticos e da proteção aos participantes da pesquisa.

Após explicação e ficando claro o objetivo e as etapas da pesquisa será entregue um documento que confirmará sua participação na pesquisa e está de acordo a resolução 510/16 assegurando que “o processo de comunicação do consentimento livre e esclarecido pode ser realizado por meio de sua expressão oral, escrita, língua de sinais ou de outras formas que se mostrem adequadas, devendo ser consideradas as características individuais, sociais, econômicas e culturais da pessoa ou grupo de pessoas participante da pesquisa e as abordagens metodológicas aplicadas”. A sua participação é voluntária. Após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador(a) sobre os objetivos benefícios da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa, e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar sob livre e espontânea vontade, como voluntário, consinto também que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador que irá guardar por um período de 5 anos e outra a via que será entregue a mim.

_____, ____ de _____ de _____

Assinatura do Participante: _____



Assinatura da Pesquisadora Responsável: _____

Assinatura do Orientador _____



Documento assinado digitalmente

DAVI SILVA DA COSTA

Data: 18/05/2023 16:16:19-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – RESPONSÁVEIS

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do estudante participante:

Sexo: F () M () Data de Nascimento: / /

Nome do responsável legal:

Documento de Identidade no: _____

Endereço: _____ Complemento: _____

Bairro: _____ Cidade: _____ CEP: _____

Telefone: () _____

II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

1. **TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA:** “O Ensinoaprendizagem das Plantas Medicinais na Educação Profissional: Uma Proposta para a Valorização dos Conhecimentos Tradicionais no Curso Técnico em Saúde Bucal”

2. **PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL:**Edmone Campos de Eça.

III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA: Caro(a) senhor (a) o (a) estudante de menor idade que está sob a sua responsabilidade está sendo convidado (a) para participar da pesquisa: “O Ensino/aprendizagem das Plantas Medicinais na Educação Profissional: Uma Proposta para a Valorização dos Conhecimentos Tradicionais no Curso Técnico em Saúde Bucal”, de responsabilidade da pesquisadora Edmone Campos de Eça, mestrandia do Instituto Federal Baiano - *campus* Catu, a qual é orientada pelo docente Prof. Dr. Davi Silva da Costa e tem como objetivo Interpretar as questões possíveis entre os saberes do uso das plantas medicinais pelos(as) idosos (as) da Fazenda do Povo e no curso Técnico Saúde Bucal do CIEI (Complexo Integrado de Educação de Ipiaú) por meio do aprofundamento teórico-metodológico. A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios que envolvem a reprodutibilidade dos processos formativos propostos nas diversas instituições do país, além de difundir e valorizar o conhecimento das populações tradicionais. Caso o Senhor(a) aceite autorizar a participação do (a) menor sob sua responsabilidade como participante das rodas de conversa, visita na comunidade, e conversa com a mestrandia Edmone Campos de Eça do curso de pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica - PROFEPT. Devido a coleta de informações o (a) menor sob sua responsabilidade poderá se sentir constrangido (a) ou cansado na visita à comunidade, desconforto, medo, sentimentos de invasão de privacidade, insegurança nas respostas ou até mal-estar. A participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que a identidade será tratada com sigilo e, portanto o (a) participante de menor idade não será identificado. Ciente desses riscos, a pesquisadora buscará garantir a dignidade dos participantes, mantendo-se o princípio da integridade e da justiça e equidade, bem como o direito de manifestar-se em conformidade ou não com o que está sendo proposto. A fim de minimizar os riscos de constrangimento, cansado e/ou desconforto, no que tange as participações nas atividades, será promovida uma exposição sobre a pesquisa e seus objetivos, bem como sobre a importância do respeito às diversas opiniões, com o intuito de motivar a interação dos participantes e valorizar a participação de cada um na construção do seu próprio conhecimento e no conhecimento coletivo. Os encontros serão realizados em momento propício em um ambiente confortável, respeitando-se a disponibilidade dos participantes, de forma a otimizar o tempo, evitando assim o cansado e o desgaste. Durante o encontro, a pesquisadora estará atenta aos sinais verbais e não verbais de desconforto e/ou cansado, e caso ocorra, o participante terá toda a liberdade de não responder às questões. Buscando ainda minimizar os riscos de constrangimento, incômodo ou ofensa, os instrumentos de pesquisa foram elaborados levando-se em consideração As Resoluções 466/12 e 510/16 a bibliografia que versa sobre a ética na pesquisa, preocupando-se em desenvolver abordagens respeitadas.

Fica assegurada aos participantes a confidencialidade, o sigilo, a privacidade, a proteção da imagem, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou econômico – financeiro, primando sempre pela garantia do respeito aos valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, com as diferenças e singularidades do grupo, e ainda, o cuidado com a preservação dos seus espaços/ambientes de trabalho.

A pesquisadora reitera que manterá o sigilo do participante, assegurando a sua privacidade quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa. E, se após o seu consentimento em participar da pesquisa, caso o (a) menor sob sua responsabilidade venha, independente dos motivos, desistir de participar, terá o direito e a liberdade de retirar-se da pesquisa, a qualquer tempo, antes ou depois da coleta dos dados, sem nenhum prejuízo para sua pessoa. Os resultados da pesquisa serão publicados, contudo a identidade do (a) menor não será divulgada, o sigilo será mantido utilizando-se recursos linguísticos como o uso de nomes fictícios, foco no conteúdo e não na forma das falas. A participação do menor em questão neste projeto não implicará ônus financeiro, bem como não haverá nenhum tipo de compensação ou gratificação financeira para o (a) mesmo (a), visto que se trata de uma participação voluntária. A participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou

remuneração resultante dela. Garantimos que a identidade será tratada com sigilo e, portanto o menor sob sua responsabilidade não será identificado.

Considerando que essas medidas atenuam, mas não anulam os riscos de danos e de quebra de confidencialidade, caso o (a) participante de menor idade se sinta constrangido (a), inseguro (a), ameaçado (a), desconfortável ou desmotivado (a) a participar, poderá deixar de participar a qualquer momento, sem nenhum ônus ou constrangimento. Ainda que tomados todos os cuidados, (a) o participante tenha algum prejuízo material ou imaterial em decorrência da pesquisa, poderá solicitar indenização, de acordo com a legislação vigente. A pesquisadora assegura a assistência integral às complicações e danos decorrentes dos riscos previstos, seja ela psicológica, financeira ou de qualquer outra ordem, de forma gratuita, pelo tempo que for necessário em caso de danos decorrentes da pesquisa. A Resolução CNS nº 466 de 2012 (item IV.3) define que “os participantes da pesquisa que vierem a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, têm direito à indenização por parte do pesquisador, do patrocinador e das instituições envolvidas na pesquisa” (item V.7). Além disso, caso haja despesa do participante e seus acompanhantes, quando necessário, para transporte e alimentação, está garantido ressarcimento desses valores como uma compensação material. Esse ressarcimento, caso seja necessário será custeado com recursos da própria pesquisadora.

Esta pesquisa respeita o que determina o ECA –Estatuto da criança e do adolescente desta forma a imagem do menor em questão será preservada. Caso queira, (a) senhor(a) poderá, a qualquer momento, desistir de autorizar a participação e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação e a do (a) menor sob sua responsabilidade com a pesquisadora ou com a instituição. Quaisquer dúvidas que o (a) senhor(a) apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e, caso queira poderá entrar em contato também com o Comitê de ética da instituição. Esclareço ainda que de acordo com as leis brasileira é garantido ao participante da pesquisa o direito a indenização caso ele(a) seja prejudicado por esta pesquisa.

Para tornar legítimo esse documento foi solicitado endereço e dados pessoais do (a) senhor (a) como número de documento de RG, isso se faz necessário por se tratar de autorização de participantes de menor idade. A participação do (o) menor em questão é voluntária e depende da sua autorização, e após explicação e ficando claro o objetivo e as etapas da pesquisa será entregue um documento para assinatura e que confirmará a participação do (a) mesmo (a) na pesquisa e está de acordo a resolução 510/16 assegurando que “o processo de comunicação do consentimento livre e esclarecido pode ser realizado por meio de sua expressão oral, escrita, língua de sinais ou de outras formas que se mostrem adequadas, devendo ser consideradas as características individuais, sociais, econômicas e culturais da pessoa ou grupo de pessoas participante da pesquisa e as abordagens metodológicas aplicadas”. E após ter entendido o que me foi explicado, esse termo de consentimento será assinado em duas vias, uma via será entregue a pesquisadora que guardará pelo período de 5 anos após o término da pesquisa e a outra via será fornecida a mim. A pesquisadora responsável, que também assina esse documento, compromete-se a conduzir a pesquisa de acordo com o que preconiza a Resolução 466/12 de 12/06/2012, que trata dos preceitos éticos e da proteção aos participantes da pesquisa.

IV. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Edmone Campos de Eça residente na Rua Carlos Chagas, 158, centro de Ipiau-BA ou pelo telefone (73) 98102-2321 e ainda através do email edhata2@gmail.com. Para quaisquer outras informações sobre os procedimentos ou sobre o projeto o (a) Sr.(a) poderá entrar em contato com o CEP diretamente com CEPno CEP SH - IF BAIANO (Rua do Rouxinol nº 115, Imbuí Telefone: (71) 3186-0001 CEP 41720-052, Salvador/BA, ou ainda por email cepsh@reitoria.ifbaiano.edu.br) ou se julgar necessário pode


entrar em contato com ambos (CEP e pesquisadora). A Resolução 466/12, homologada pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS), atesta que para toda pesquisa realizada com seres humanos devem ser previstos e avaliados os riscos, aos quais poderão ser expostos os participantes. Segundo essa Resolução, faz-se necessário a submissão do projeto de pesquisa a um Conselho de ética e Pesquisa – CEP. Os CEP são órgãos “colegiados interdisciplinares e independentes, de relevância pública, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criados para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos” (BRASIL, 2012). Sendo assim, a pesquisadora encaminhou todos os instrumentos de coleta para avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e a coleta de dados apenas ocorrerá após autorização do mesmo.

_____, _____ de _____ de _____.

Assinatura do responsável pelo participante da pesquisa



Assinatura da pesquisadora

 Documento assinado digitalmente
DAVI SILVA DA COSTA
Data: 18/05/2023 16:16:19-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura do Orientador

APÊNDICE E - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TALE

Prezado (a) _____

Você está sendo convidado a para participar como voluntário (a) na pesquisa intitulada “**O Ensinoaprendizagem das Plantas Medicinais na Educação Profissional: Uma Proposta para a Valorização dos Conhecimentos Tradicionais no Curso Técnico em Saúde Bucal**”, de autoria e responsabilidade de Edmone Campos de Eça, mestranda do programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – *Campus Catu*, sob a orientação do Prof. Davi Silva da Costa. E tem como objetivo Interpretar as questões possíveis entre os saberes sobre uso das plantas medicinais dos(as) idosos (as) da Fazenda do Povo e no curso Técnico Saúde Bucal do CIEI (Complexo Integrado de Educação de Ipiaú) por meio do aprofundamento teórico-metodológico. A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios que envolvem a reprodutibilidade dos processos formativos propostos nas diversas instituições do país, além de valorizar o conhecimento das populações. Caso você aceite participar das rodas de conversa, visitas à comunidade e conversar com a mestranda Edmone Campos de Eça do curso de pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT, você irá participar de variados momentos da pesquisa e poderá ocorrer constrangimento nas rodas de conversas ou cansaço na visita à comunidade, desconforto, medo, sentimentos de invasão de privacidade, insegurança nas respostas ou até mal-estar. Garantimos que a identidade será tratada com sigilo e, não será identificado. Esta pesquisa respeita o que determina o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP com seres humanos. Caso queira você poderá, a qualquer momento, desistir de participar. Se não aceitar não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição. Quaisquer dúvidas que você apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e você caso queira poderá entrar em contato também com o Comitê de ética do IFBaiano. As Resoluções 466/12 e 510/16, homologadas pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS), atesta que para toda pesquisa realizada com seres humanos devem ser previstos e avaliados os riscos, aos quais poderão ser expostos os participantes. Segundo essa Resolução, faz-se necessário a submissão do projeto de pesquisa a um Conselho de ética e Pesquisa – CEP. Os CEP são órgãos “colegiados interdisciplinares e independentes, de relevância pública, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criados para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos” (BRASIL, 2012). Sendo assim, a pesquisadora encaminhou todos os instrumentos de coleta para avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e a coleta de dados apenas ocorrerá após autorização do mesmo. A fim de minimizar os riscos de constrangimento, cansaço e/ou desconforto, no que tange as participações nas entrevistas, será promovida uma exposição sobre a pesquisa e seus objetivos, bem como sobre importância do respeito às diversas opiniões, com o intuito de motivar a interação dos participantes e valorizar a participação de cada um na construção do seu próprio conhecimento e no conhecimento coletivo. Os encontros serão realizados em momento propício em um ambiente confortável, respeitando-se a disponibilidade dos participantes, de forma a otimizar o tempo, evitando assim o cansaço e o desgaste. Durante o encontro, a pesquisadora estará atenta aos sinais verbais e não verbais de desconforto e/ou cansaço, e caso ocorra, o participante terá toda a liberdade de não responder às questões. Buscando ainda minimizar os riscos de constrangimento, incômodo ou ofensa, os instrumentos de pesquisa foram elaborados levando-se em consideração a As Resoluções 466/12 e 510/16 e bibliografia que versa sobre a ética na pesquisa, preocupando-se em desenvolver abordagens respeitadas.

Fica assegurada aos participantes a confidencialidade, o sigilo, a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou econômico – financeiro, primando sempre pela garantia do respeito aos valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, com as diferenças e singularidades do grupo, e ainda, o cuidado com a preservação dos seus espaços/ambientes de trabalho. Para tanto, será lavrado um termo de confidencialidade que deverá ser assinado pelos participantes.

E, se após o seu assentimento/autorização do responsável em participar da pesquisa, e venha, independente dos motivos, desistir de participar, terá o direito e a liberdade de retirar o assentimento, a qualquer tempo, antes ou depois da coleta dos dados, sem nenhum prejuízo para sua pessoa. Os resultados da pesquisa serão publicados, contudo a sua identidade não será divulgada, o sigilo será mantido utilizando-se recursos linguísticos como o uso de nomes fictícios, foco no conteúdo e não na forma das falas. Sua participação neste projeto não implicará ônus financeiro, bem como não haverá nenhum tipo de compensação ou gratificação financeira.

A Resolução CNS nº 466 de 2012 (item IV.3) define que “os participantes da pesquisa que vierem a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, têm direito à indenização por parte do pesquisador, do patrocinador e das instituições envolvidas na pesquisa” (item V.7). Além disso, caso haja despesa do participante e seus acompanhantes, quando necessário, para transporte e alimentação, está garantido o ressarcimento desses valores como uma compensação material. Esse ressarcimento, caso seja necessário será custeado com recursos da própria pesquisadora.

Para quaisquer outras informações sobre os procedimentos ou sobre o projeto você poderá entrar em contato diretamente com o CEP no CEP SH - IF BAIANO (Rua do Rouxinol nº 115, Imbuí Telefone: (71) 3186-0001 CEP 41720-052, Salvador/BA, ou ainda por email cepsh@reitoria.ifbaiano.edu.br) ou falar direto com a pesquisadora na rua Carlos Chagas, 158 – Centro de Ipiáú ou no telefone (73) 98102-2321 e caso necessário através do email edhata2@gmail.com, ou se julgar necessário entrar em contato com ambos (CEP e pesquisadora).

A sua participação é voluntária e depende da autorização do (a) responsável e após explicação e ficando claro o objetivo e as etapas da pesquisa será entregue um documento para assinatura e que confirmará sua participação na pesquisa e está de acordo a resolução 510/16 assegurando que “o processo de comunicação do assentimento livre e esclarecido pode ser realizado por meio de sua expressão oral, escrita, língua de sinais ou de outras formas que se mostrem adequadas, devendo ser consideradas as características individuais, sociais, econômicas e culturais da pessoa ou grupo de pessoas participante da pesquisa e as abordagens metodológicas aplicadas”. E após ter entendido o que me foi explicado, esse termo de assentimento será assinado em duas vias, uma via será entregue a pesquisadora que guardará pelo período de 5 anos após o término da pesquisa e a outra via será fornecida a mim. A pesquisadora responsável, que também assina esse documento, compromete-se a conduzir a pesquisa de acordo com o que preconiza a Resolução 466/12 de 12/06/2012, que trata dos preceitos éticos e da proteção aos participantes da pesquisa.

_____, ____ de _____ de _____

Assinatura do Participante: _____

Assinatura da Pesquisadora Responsável: _____

Assinatura do Orientador _____



Documento assinado digitalmente
DAVI SILVA DA COSTA
Data: 18/05/2023 16:16:19-0300
Verifique em <https://validar.ti.gov.br>

APÊNDICE F – ORÇAMENTO

ORÇAMENTO

ELEMENTO DESPESA	DA	QUANTIDADE	VALOR (REAIS)
Impressões TCLE/TALE/ Questionário/bloco notas	dos de	50 impressões	50,00
Canetas e pranchetas		6 unidades de cada	50,00
transporte		10 (litros gasolina)	85,00
Alimentação/lanche		variada	100
Valor para ressarcimento caso necessite		Como estabelece a Norma Operacional Nº 001/2013 item 3.3	100
TOTAL		-----	385,00

APÊNDICE G – DECLARAÇÃO DE COLETA DE DADOS



INSTITUTO FEDERAL
Baiano
Campus Catu



PROFEPT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA BAIANO
CAMPUS CATU**
**PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA – PROFEPT**

DECLARAÇÃO DE INÍCIO DA COLETA DE DADOS

Declaro estar ciente a coleta de dados oriunda do projeto intitulado **O Ensinoaprendizagem das Plantas Medicinais na Educação Profissional: Uma Proposta para a Valorização dos Conhecimentos Tradicionais no Curso Técnico em Saúde Bucal**, sob minha responsabilidade, só terá início após a provação desta pesquisa no CEPESH, conforme orientações das Resoluções Nº 510/16 e 466/12.

Assumo o compromisso de apresentar os relatórios e/ou esclarecimentos que forem solicitados pelo Comitê de Ética na Pesquisa com seres Humanos (CEPSH) do Instituto Federal Baiano; de tornar os resultados desta pesquisa públicos independente do desfecho (positivo ou negativo); de Comunicar ao CEPESH/IFBAIANO qualquer alteração no projeto de pesquisa, via Plataforma Brasil.

Catu, 16 de julho de 2023

Edmone Campos de Eça

APÊNDICE H – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE E SIGILO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA – SETEC
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA BAIANO – Campus Catu
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
PROFEPT

TERMO DE CONFIDENCIALIDADE E SIGILO

TEMA: “O Ensinoaprendizagem das Plantas Medicinais na Educação Profissional: Uma Proposta para a Valorização dos Conhecimentos Tradicionais no Curso Técnico em Saúde Bucal”

PESQUISADORA: Edmone Campos de Eça

ORIENTADORA: Prof. Dr. Davi Silva da Costa

Eu, **Edmone Campos de Eça**, comprometo-me a manter confidencialidade e sigilo com relação a toda documentação e informação obtidas nas atividades e pesquisas a serem desenvolvidas no projeto de pesquisa **“O Ensinoaprendizagem das Plantas Medicinais na Educação Profissional: Uma Proposta para a Valorização dos Conhecimentos Tradicionais no Curso Técnico em Saúde Bucal”** sob minha responsabilidade será desenvolvido em conformidade com as Resoluções CNS 510/16 e 466/12, respeitando os princípios da autonomia, da beneficência, da não maleficência, da justiça e da equidade. Orientado pelo Prof. Dr. Davi Silva da Costa e coordenado por mim, pesquisadora vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – Polo IF Baiano/Campus Catu realizado no âmbito do IF Baiano/Campus Catu; ou ainda informações de qualquer pessoa física ou jurídica vinculada de alguma forma a este projeto, concordando em:

- Não divulgar a terceiros a natureza e o conteúdo de qualquer informação que componha ou tenha resultado de atividades técnicas do projeto de pesquisa;
- Não permitir a terceiros o manuseio de qualquer documentação que componha ou tenha resultado de atividades do projeto de pesquisa;
- Não explorar, em benefício próprio, informações e documentos adquiridos através da participação em atividades do projeto de pesquisa;
- Não permitir o uso por outrem de informações e documentos adquiridos através da participação em atividades do projeto de pesquisa.

Declaro ter conhecimento de que as informações e os documentos pertinentes às atividades técnicas do projeto de pesquisa somente podem ser acessados por aqueles que assinaram o Termo de Confidencialidade, excetuando-se os casos em que a quebra de confidencialidade é inerente à atividade ou em que a informação e/ou documentação já for de domínio público.



Catu, BA 01 de Agosto de 2023.

(Edmone Campos de Eça)

APÊNDICE I – TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA BAIANO
CAMPUS CATU

TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR

Eu, **Edmone Campos de Eça**, matriculada no Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – *Campus Catu-BA*, declaro estar ciente das normativas que regulamentam a atividade de pesquisa envolvendo seres humanos e que o projeto intitulado “**O Ensinoaprendizagem das Plantas Medicinais na Educação Profissional: Uma Proposta para a Valorização dos Conhecimentos Tradicionais no Curso Técnico em Saúde Bucal**” sob minha responsabilidade será desenvolvido em conformidade com as Resoluções CNS 510/16 e 466/12, respeitando os princípios da autonomia, da beneficência, da não maleficência, da justiça e da equidade.

Assumo o compromisso de somente iniciar a pesquisa, bem como a coleta de dados quando da aprovação do protocolo pelo Comitê de ética em pesquisa (CEP), apresentar os relatórios e/ou esclarecimentos que forem solicitados pelo Comitê de Ética; tornar os resultados desta pesquisa públicos independente do desfecho e de comunicar ao CEP qualquer alteração no projeto de pesquisa, via Plataforma Brasil. Comprometo-me também com a guarda sigilosa dos dados da pesquisa pelo período de 5 anos. Os dados coletados serão arquivados em um dispositivo USB de armazenamento conectado ao meu computador pessoal e serão compactados em um arquivo com senha de meu conhecimento exclusivo. Assim, serão assegurados o sigilo e a confidencialidade das informações do participante da pesquisa.

Em consonância com a Carta Circular nº 1/2021 CONEP/SECNS/MS, os dados não estarão disponíveis em plataformas virtuais, ambientes compartilhados ou na “nuvem”.



Ipiaú, 15 de Maio de 2023.

Edmone Campos de Eça

Matrícula: 20211CAT01M0004

CPF: 998.132.385-34



Documento assinado digitalmente
DAVI SILVA DA COSTA
Data: 18/05/2023 16:16:19-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

APÊNDICE J – TERMOS DE NÃO COOPERAÇÕES ESTRANGEIRAS



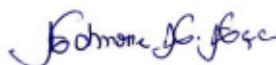
**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA BAIANO
CAMPUS CATU**

**PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA – PROFEPT**

DECLARAÇÃO DE NÃO COOPERAÇÕES ESTRANGEIRAS

Declaro que não haverá cooperações estrangeiras, nem envio de material biológico para o exterior durante a execução do projeto intitulado **O Ensinoaprendizagem das Plantas Medicinais na Educação Profissional: Uma Proposta para a Valorização dos Conhecimentos Tradicionais no Curso Técnico em Saúde Bucal,,** vinculado à instituição **Instituto Federal Baiano – Campus CATU**, e que a pesquisa será aplicada no Complexo Integrado de Educação de Ipiaú, sendo que durante sua aplicação não faremos uso de material biológico.

Catu, 06 de Maio de 2023



Edmone Campos de Eça
Pesquisador responsável

APÊNDICE K – DECLARAÇÃO DE OBSERVÂNCIA DE NORMAS

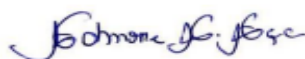


**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA BAIANO
CAMPUS CATU**
**PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA – PROFEPT**

DECLARAÇÃO DE OBSERVÂNCIA DE NORMAS

Eu, EDMONE CAMPOS DE EÇA, pesquisadora responsável pelo projeto de pesquisa intitulada, **“O ensinoaprendizagem das Plantas Medicinais na Educação Profissional: uma proposta para a valorização dos conhecimentos tradicionais no curso técnico em saúde bucal”**, declaro estar ciente das normativas que regulamentam as atividades de pesquisa envolvendo seres humanos, pelo que, comprometo-me a observar as Resoluções nº 510/2016 e 466/2012, especialmente o item XI em todas as fases da pesquisa, inclusive entrega de relatórios parciais e do relatório final.

Catu, 16 de Julho de 2023.



Edmone Campos de Eça
Pesquisador responsável